

Marcos Fernando Martins Teodoro

**UNATI/UERJ: UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO
PERMANENTE PARA O CIDADÃO IDOSO.**

Universidade Católica de Petrópolis

2006

MARCOS FERNANDO MARTINS TEODORO

UnATI/UERJ: uma proposta de educação permanente para o cidadão idoso.

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação à comissão julgadora da Universidade Católica de Petrópolis, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro Benjamin Garcia.

Rio de Janeiro

2006

TEODORO, Marcos Fernando Martins.

UnATI/UERJ: uma proposta de educação permanente para o cidadão idoso. Petrópolis, Universidade Católica de Petrópolis, 2006.

XI, 175 f.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Benjamin Garcia.

Dissertação (Mestre em Educação). UCP.

1. envelhecimento 2. terceira idade 3. educação permanente 4. dissertação.

I. Pedro Benjamin Garcia. II. Universidade Católica de Petrópolis.

III. Título.

Aprovada em _____ de _____ de _____ pela
banca examinadora:

Prof. Dr. Pedro Benjamin Garcia – Orientador
Presidente da Banca Examinadora

Profa. Dra. Aparecida Manede
Pontifícia Universidade Católica do
Rio de Janeiro

Prof. Dr. Maurício Castanheira
Universidade Católica de Petrópolis

Rio de Janeiro

2006

O sol nasce para todos

Sou contra a expressão “terceira idade” para designar quem tem mais de 60 anos. Lembra o “terceiro mundo”, que é sinônimo de subdesenvolvimento.

Para os que chegam aos 60 anos é justamente o contrário: é a idade do total desenvolvimento, da plena capacidade de entender a vida, compreender o mundo e a conhecer-se a si próprio.

A única limitação da idade seria o natural desgaste do tempo, mas aí cada caso é um caso. Uma vida sadia de espírito, de quem não deixou a peteca cair, aproveita a experiência dos anos e faz cada minuto render mais, renasce a cada manhã, sabendo o valor de mais um dia, a paz de mais uma noite.

Tem a seu favor o investimento da memória e a matéria-prima da esperança. A memória que projeta em suas retinas o passado que o levou até aquele ponto da jornada. E a esperança de que, enquanto houver vida, enquanto houver sol brilhando no horizonte, tudo será possível na imensa alegria de viver.

Carlos Heitor Cony

Minha dedicatória vai, única e exclusivamente, para as duas grandes Mulheres da minha vida. Mulheres lutadoras, guerreiras, trabalhadoras, carinhosas, sensíveis, amorosas, dedicadas. Mulheres que há 39 anos vem cuidando da minha vida, minuto a minuto, sem deixar que nada, nunca, pudesse me faltar. Mulheres que estiveram ao meu lado nos melhores e piores momentos da minha vida. Mulheres que eu amo, como jamais amei nada nesta vida. Agradeço a você, minha avó Deodata, e a você, minha mãe Leda, por existirem na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao professor **Dr. Pedro Benjamin Garcia**, pela valiosa orientação durante o período da pesquisa.

A **Renato Veras e Célia Caldas**, pela minha liberação, durante o período do curso e a todos os **amigos da UnATI/UERJ**, pelo estímulo e apoio, durante a construção deste trabalho.

Aos **alunos da UnATI/UERJ** e, em especial, a **Nelson, Marilene, Leonarda, Celina, Rosália, Elvira, Carlindo, Laura, Zilda e Venezia**, colaboradores, com os quais este trabalho se tornou possível.

SUMÁRIO

Resumo	x
Abstract	xi
1 Introdução	01
2 Idosos na modernidade	08
2.2 O processo de envelhecimento	08
2.3 O perfil demográfico da população que envelhece	11
2.4 Velho, idoso ou terceira idade	15
2.5 A delimitação da velhice e a literatura	20
3 Uma abordagem teórico-metodológica para a educação permanente para a terceira idade	27
3.1 Fundamentação teórica	27
3.2 A etnografia como metodologia para o estudo de caso	29
3.3 Alfabetização: possibilitando a aquisição de novos caminhos	33
3.4 Educação permanente	36
3.5 Educação permanente para a terceira idade	41
4 UnATIs: renovando a mente e a alma dos diplomados pela vida	46
4.1 As primeiras iniciativas de programas para a terceira idade	46
4.2 Uma gestão de experiência com a terceira idade no Brasil	51
4.3 Uma proposta de educação permanente para o cidadão idoso	56
5 UnATI/UERJ: 12 anos	60
5.1 A UnATI/UERJ	60
5.2 Uma micro universidade temática	61
5.3 Um modelo de cuidado integral para a população que envelhece	64
5.4 A UnATI/UERJ: 12 anos de atividades de um projeto pioneiro	69
5.5 O perfil dos usuários	72

6 A UnATI/UERJ: um estudo de caso sobre a história de seus alunos	75
6.1 A velhice como tema de pesquisa	75
6.2 As vozes do passado: os contadores de histórias da UnATI/UERJ	76
7 Memória e velhice: a busca pela valorização do conhecimento da pessoa idosa	81
7.1 Vidas em transformação: as histórias de vida contadas pelos “guardiões do passado”	81
7.2 Reconstruindo as histórias vividas pelos alunos da UnATI/UERJ	125
8 Considerações finais	135
Referências bibliográficas	140
Anexos	146
1 Resolução Nº 04/2004 – criação oficial da UnATI/UERJ	146
2 O Estatuto do Idoso	148
3 Exercícios da Oficina da Memória da UnATI/UERJ	166
4 Gráficos	175

RESUMO

Esta investigação buscou repensar as inúmeras questões relacionadas à velhice na atualidade, identificando o grau de importância que tem hoje os projetos educacionais destinados aos cidadãos da terceira idade.

O foco desta análise incidiu sobre o discurso e as práticas educacionais desenvolvidas no universo de uma Instituição voltada para a terceira idade: a Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UnATI/UERJ. No universo investigado privilegiei as expressões de subjetividade através do qual as experiências individuais de envelhecimento podem ser partilhadas. Busquei compreender os vários significados que tem a velhice para o idoso que vivencia estes projetos de educação na UnATI/UERJ e as possíveis transformações que estaria ocorrendo na vida dessas pessoas.

Com este objetivo, optei por trilhar o caminho da pesquisa do tipo etnográfica, através da reconstrução da história pessoal de idosos que freqüentam a UnATI/UERJ, analisando suas visões de mundo, a maneira como interpretam questões relacionadas a infância, família, casamento, solidão, memória, atualização, buscando perceber a relação que tem a educação com essas e outras categorias por eles vivenciadas.

ABSTRACT

This investigation is aimed at rethinking a number of issues associated with aging in the present world by determining the importance of educational projects currently devoted to elders.

Such an analysis is mostly focused on the speech and educational practices developed within the academic scope of an Institution directed at elderly people: UnATI (Universidade Aberta da Terceira Idade) at UERJ (Rio de Janeiro State University).

Within this realm, I gave priority to expressions of subjectivity by means of which one's experience of aging can be shared with others. Likewise, I sought to understand aging in its manifold meanings to those elders who enjoy and make use of such educational projects at UnATI/UERJ, alongside a study of possible transformations occurring in the life of these people.

With such a purpose, I opted for research of ethnic and geographic nature through a "rebuild" of these people's background by analyzing their views on assorted subjects as well as their approach to issues related to childhood, family, marriage, solitude, memory and updates in an attempt to understand the connection of their education with these mentioned items.

1 INTRODUÇÃO

Mais do que qualquer outra época, o século XX caracterizou-se pelo crescente aumento do tempo de vida da população. A partir dos anos 80 se verifica uma transformação substancial na estrutura demográfica brasileira, principalmente devido aos níveis decrescentes das taxas de fecundidade, o que tem determinado um processo geral de envelhecimento da população brasileira.

A esperança de vida cresceu, segundo o IBGE (2005) cerca de 31 anos neste último século, provocando uma intensa demanda por estudos e análises para a definição de políticas públicas de prevenção de saúde no envelhecimento.

Para Veras (2002) este é um fenômeno global, com tendência a se agravar, na medida em que a rápida diminuição das taxas de natalidade registradas nos últimos anos, na maioria dos países, indica um aumento ainda maior na expectativa de vida.

Esta equação demográfica passa a ser entendida da seguinte forma: quanto menor o número de jovens e maior o número de adultos atingindo mais de 60 anos, mais rápido é o desenvolvimento populacional dos cidadãos da terceira idade.

Essa maior expectativa de vida se fez acompanhar de uma melhora substancial dos parâmetros de saúde das populações, embora estes avanços ainda estejam muito longe de se distribuírem de forma igual nos diferentes contextos socioeconômicos dos países.

O cenário que começa a se formar é de profundas transformações sociais. Não só pelo maior número de idosos na sociedade, mas também pelos avanços tecnológicos e científicos, onde se estima que os seres humanos possam alcançar de 110 a 120 anos, com a expectativa de vida atingindo o limite biológico máximo ainda neste século.

Estas mudanças exigem a busca de modelos inovadores que garantam a qualidade de vida para este contingente populacional. Programas exemplares, governamentais e não governamentais, públicos e privados, projetos de iniciativa individual ou

coletiva, enfim, modelos que tenham como foco a qualidade de vida para a pessoa idosa.

No Brasil o crescente número de idosos (1) tem imposto desafios para toda a sociedade, e o envelhecimento humano (2) já é reconhecido como uma importante questão social e política. A crença de que o Brasil ainda é um país jovem muito tem contribuído para atribuir-se exclusivamente à família, o papel de amparar os seus idosos, deixando-se a política social à margem do atendimento à velhice.

A globalização trouxe o avanço da tecnologia, mas ainda há grande dificuldade no acesso às novas técnicas, especialmente para os idosos. O mundo tecnológico e o não acesso a esses bens os remete à exclusão e ao isolamento social, o que gera barreiras sócio-culturais, dificultando a sua conexão com as novas informações de um universo social que o exclui, levando-o, muitas das vezes, a depressão.

Para Palma (2000) muito deste sentimento de depressão vem das dificuldades decorrentes das novas normas da sociedade contemporânea, que vem oferecendo ambientes de vida mais diversificados e sofisticados, exigindo do idoso um conhecimento dessa realidade para que possa se adaptar enquanto cidadão.

O sistema econômico brasileiro é excludente principalmente para as pessoas que envelhecem. Palma (2000) sintetiza esta realidade ao afirmar que a miséria e exclusão, que acompanham vastos segmentos da população brasileira, tornam-se mais amargas na velhice.

1. A palavra **idoso** se refere à idade cronológica de 60 anos, conforme a Lei Nº 8842/94, que indica ser idoso aquele que atinge esse idade, chamada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) de “idade do lazer”.

1.1. O termo **velho** usualmente usado no sentido do ser improdutivo, marginalizado, dependente, resultado de uma sociedade que reduz oportunidades nessa fase da vida.

2. **Velhice ou envelhecimento** é um processo contínuo e permanente de desgaste natural. A Ciência tenta esclarecer o conceito, que ainda hoje é cercado de muitas falácias positivas, negativas e mitos. Estas idéias preconcebidas distorcem e afetam o relacionamento com os jovens.

Segundo a autora, o mundo social se constitui de acordo com os interesses políticos e econômicos, e esses repercutem, entre outros referenciais, na educação, principalmente naquela voltada para a terceira idade(3), que pressupõe:

- 1. Conhecer e aprender cultura geral que constitui uma espécie de passaporte para a Educação Permanente, na medida em que fornece as bases e o gosto para a aprendizagem ao longo de toda a vida;*
- 2. Aprender e fazer, competências e qualificações mais amplas que preparem o indivíduo para enfrentar inúmeras situações;*
- 3. Aprender a viver junto, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção da interdependência, realizando projetos e preparando-se para gerir conflitos, no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz; e*
- 4. Aprender a ser, processo que começa a se conhecer a si próprio numa espécie de viagem interior guiada pelo conhecimento, pela meditação e pelo exercício da autocrítica e da cidadania. (Palma,2000,p.51)*

O número de idosos não alfabetizados no nosso país, segundo o IBGE (2005), é muito grande e implica em sérios problemas, pois a maioria destes cidadãos, de baixo poder aquisitivo, encontram-se em estado de completa pobreza, sofrendo até humilhações por não saber ler e muito menos escrever o próprio nome, com dificuldades de identificar ônibus, produtos, cartazes. Estes cidadãos da terceira idade são ainda mais discriminados pela sua condição de analfabetos.

Alcançar o status de alfabetizados poderá criar uma gama de oportunidades para essa população carente, possibilitando um grande impulso em direção à sua emancipação e inclusão na sociedade, e legitimando significativamente, uma melhor qualidade de vida.

Para estimular a aprendizagem ao longo da vida é fundamental resgatar as potencialidades que esses idosos têm para aprender, criando oportunidades nas quais possam colocar em prática não só os conhecimentos adquiridos, mas novos conhecimentos.

3. **Terceira idade** é o termo adotado para aquelas pessoas idosas que desejam atualização de seus conhecimentos, atividades recreativas em grupos, adaptação de novas atividades, ajustes sociais, e atividades prazerosas.

O argumento que movimenta este trabalho está centrado em demonstrar que a *velhice* é vivida através de códigos: de comportamento, de expressões corporais e, sobretudo, de expressões de subjetividade, através do qual as experiências individuais de envelhecimento podem ser compartilhadas e negociadas em um contexto marcado pelo surgimento de um novo discurso científico sobre a velhice e o envelhecimento, e por mudanças na forma como indivíduos, ao envelhecer, negociam com as imagens estereotipadas da velhice.

É neste contexto que me proponho a analisar projetos educacionais que envolvam um processo de ensino-aprendizagem voltado para o cidadão idoso, nas Universidades Abertas de 3ª Idade, Centros de Convivência, Instituições Educacionais para Idosos e em espaços assemelhados.

Busco refletir, o que leva esse cidadão da terceira idade a voltar, ou mesmo estar pela primeira vez, nos bancos escolares, buscando na educação atividades que possam estar melhorando a sua qualidade de vida.

Esta pesquisa se originou de uma investigação cujo objetivo era identificar aspectos de uma aparente contradição: ao mesmo tempo em que alcança uma dimensão pública, a velhice tende a ser vivida e apresentada como uma responsabilidade individual, resultado de um processo que Debert (1993) chamou de *reprivatização da velhice*.

O foco da análise incide sobre o discurso e as práticas desenvolvidas no universo de uma Instituição voltada para a terceira idade — a Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UnATI/UERJ privilegiando a observação de relações que se estabelecem entre pessoas idosas e a produção de discursos sobre a velhice e o envelhecimento.

Fazer parte deste universo, desde 1998, como Professor e Assessor de Comunicação Social, tem sido mais que uma opção profissional dentro da Uerj, é uma satisfação pessoal, pois tem contribuído para me fazer repensar, de forma prazerosa, a noção de tempo e o percurso de uma vida inteira.

No contato com os idosos estudantes da UnATI/UERJ, a minha vida tomou um rumo diferente, tanto pessoal quanto profissional e acadêmica. Esta última principalmente, pois me fez avançar na percepção da necessidade de buscar um mestrado e um doutorado sobre um tema intelectualmente atrativo de se pesquisar.

Desde então, cresceu meu interesse pelas questões da terceira idade. Em 2003, inscrevi-me para prestar o exame de seleção do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Católica de Petrópolis – UCP, apresentando a minha intenção em cursar o Mestrado e desenvolver um Projeto de Pesquisa sobre a educação oferecida para a terceira idade pelas Universidades Abertas.

Ingressando no programa, foi de grande valia o aprendizado teórico-metodológico das áreas da antropologia, filosofia, sociologia, educação e da pesquisa educacional para a elaboração deste projeto durante os anos de 2004 e 2005. O projeto foi definido, tendo como sujeitos pesquisados os idosos da UnATI/UERJ, em especial aqueles com os quais tive contato durante o trabalho de campo nas oficinas de *Orientação Postural, Yoga, Informática, Inglês e Oficina da Memória*.

A partir daí teve início a uma busca de referências bibliográficas que me possibilitasse analisar dados levantados no trabalho de campo: que tratassem da educação na velhice, da memória e de histórias de vida. O segundo passo foram às entrevistas com dois idosos de cada uma das cinco oficinas pesquisadas.

Além da citada vivência acadêmica, não poderia deixar de mencionar que tenho consciência de que, neste estudo, os relatos dos sujeitos pesquisados, mesmo apontando pontos negativos em relação à instituição, tendem a ser elogiosos.

Segundo Veras (2002) hoje os programas voltados para a terceira idade, oferecidos pelas universidades abertas para a terceira idade, se constituem em exemplos da possibilidade de um idoso mais atuante, ativo e independente.

Esta análise admite como pressuposto que tanto a percepção da velhice e do envelhecimento que os alunos da UnATI/UERJ têm, quanto aquela que expressam os estudiosos do tema, muitas vezes diferentes, são modos de conceber a velhice,

feitos da mesma matéria-prima, ou seja, dos significados e valores da cultura na qual se inserem.

Portanto, qual o significado de projetos de educação na terceira idade para a reconstrução da memória individual da pessoa idosa? Especificamente, o ingresso de muitos idosos no projeto de educação da UnATI/UERJ tem despertado neles satisfação, auto-estima, senso de controle pessoal, e um repensar de sua história pessoal?

No período que freqüentei, durante o primeiro semestre de 2005, as cinco oficinas mais procuradas pelos idosos na UnATI/UERJ – *Orientação Postural, Yoga, Informática, Inglês e Oficina da Memória* indagava: será que realmente as pessoas estavam experimentando transformações substanciais em suas vidas a partir da convivência com outros idosos ou se enganavam forjando uma felicidade passageira?

Que significado tem a senilidade para idosos que vivem a experiência da educação na terceira idade? Enfim, num sentido mais geral, instituições educacionais como a UnATI/UERJ estariam abrindo caminhos e apontando possíveis soluções para o drama da velhice no Brasil?

A respeito do conteúdo da dissertação, na primeira parte procuro apresentar formações discursivas sobre velhice e envelhecimento, destacando contradições e pressupostos que condicionam práticas concretas sobre estes dois termos.

Na segunda parte trato dos aspectos relacionados à fundamentação teórica da Educação, a pesquisa etnográfica como metodologia no trabalho de campo, a alfabetização como facilitadora na abertura de novos caminhos e a importância de uma educação permanente para a terceira idade.

A terceira e quarta parte apresento o histórico e o estado de arte de programas e universidades para a terceira idade no Brasil e no mundo, tendo como foco principal a pesquisa realizada na UnATI/UERJ, em que exponho temas de reflexão e crítica, sugerindo pontos de vista úteis a melhoria do atendimento do idoso no país, incluindo

as oportunidades que uma universidade aberta para a terceira idade pode proporcionar.

Na quinta parte enfoco os aspectos levados em consideração para o desenvolvimento do trabalho de campo, utilizando autores que se constituem em referências importantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

Na sexta parte estão desenvolvidas as análises das narrativas dos sujeitos entrevistados, as interpretações de suas histórias de vida e a identificação da visão de mundo apresentada por cada um, procurando traduzir a dimensão da experiência da educação em suas vidas a partir da integração desses idosos na UnATI/UERJ.

A sétima parte é dedicada ao universo de cada entrevistado, constituído de narrativas de idosos, onde as histórias de suas vidas foram transcritas. Cada entrevistado teve acesso a sua entrevista, podendo alterá-la, caso julgasse necessário.

Nas considerações finais, aponto problemas e sugestões que possam contribuir para futuros projetos de pesquisa que venham ampliar o universo de conhecimento da educação para a terceira idade. Por fim, cabe reafirmar que este estudo não se propõe ser um tratado sobre a velhice na sua totalidade, nem tem a pretensão de apresentar um caráter de amostragem sobre a terceira idade.

Propõe sim, a partir de histórias de vida de idosos vinculados em um projeto de educação, ser uma parte do todo, que contribua para o repensar a educação na terceira idade e, a partir dela, na consciência coletiva que os velhos têm de si e que a sociedade tem deles.

2 IDOSOS NA MODERNIDADE

2.1 O processo de envelhecimento

A velhice se apresenta como uma esfinge para nosso final de século. Quanto mais rapidamente se dá o avanço da longevidade, e o desenvolvimento de estudos e pesquisas específicas sobre os fundamentos biopsicossociais do processo de envelhecimento, tanto maiores tornam-se nossas interrogações sobre as condições de sociabilidade da “*última etapa da vida*”.

Desde o final do século XX, estamos atravessando um período de profundas transformações sociais e econômicas que incidem diretamente sobre os indivíduos, as relações pessoais e a cultural. Esse período é confuso por que nem sempre é possível uma distinção entre o *velho* e o *novo* na realidade social, já que mudanças não ocorrem simultaneamente em todos os níveis.

Este processo híbrido e de transição tem recebido inúmeras denominações: *sociedade da informação*, *sociedade pós-industrial*, *sociedade pós-moderna* entre outras.

Segundo Rosa (2004) a expressão “*modernismo*” não surgiu nos grandes círculos culturais do mundo anglo-saxônico, ao contrário do que poderia parecer. O termo *modernismo* foi criado na América hispânica no final do século XIX para designar uma corrente literária que se opunha à influência cultural da Espanha, e ela acrescenta: “*O dinamismo da modernidade encontra-se na apropriação reflexiva do conhecimento, em que a própria produção de conhecimento sistemático torna-se integrante da reprodução do sistema, deslocando a vida social para fora de padrões relacionados à tradição.*” (Rosa, 2004:p.24)

A discussão em pauta não é, apenas, se estamos além da *modernidade* ou se as transformações atuais são meras conseqüências dela. Seja o que for as questões relativas ao envelhecimento humano devem ser analisados enquanto desafios aqui e agora.

Alexandre Kalache (2005) em conferência durante o Congresso Internacional de Geriatria e Gerontologia, afirma que:

“O fato de a humanidade ter acrescentado 29 anos a sua expectativa de vida é a maior conquista do século XX e grande desafio do século XXI, assim as sociedades ditas modernas terão de se preparar em várias frentes para um mundo que, em 2050, terá o mesmo número de idosos e de jovens ” (Kalache, 2005).

A velhice se manifesta por um processo com múltiplas facetas. Este processo, apesar de evidenciar-se primariamente como consequência de modificações biológicas do organismo, reflete-se sobre outras dimensões vivenciadas das pessoas, variando entre elas, sua intensidade e significação.

O descaso generalizado de que são objeto os idosos em nossa sociedade se manifesta no desinteresse que sempre tiveram por eles as ciências humanas. Não tendo um lugar social, fez-se da velhice uma *“conspiração de silêncio”*, conforme denunciou Simone de Beauvoir (1990).

O crescimento do contingente de idosos, ensejado pela queda de fecundidade e pela extensão da esperança de vida propiciadas pelos avanços da ciência moderna, através da medicina e da saúde pública, vem determinando um maior interesse sobre este tema.

Kalache (2005) menciona que no processo de vida do ser humano, o envelhecimento é uma etapa natural que acontece em qualquer sociedade, mas é muito importante que se almeje uma melhoria na qualidade de vida em todas essas etapas, incluindo o processo de envelhecer, no qual a manutenção e independência são tarefas complexas que resultam em conquista social.

O autor afirma ainda que as várias teorias que tentam explicar o processo de envelhecimento baseiam-se nos estudos de seus efeitos, não explicando exatamente suas causas. É possível que se consiga precisar melhor a causa a partir da contribuição interativa entre várias teorias, incluindo algumas até pouco conhecidas, ou ainda aquelas que estão por serem descobertas.

A única certeza é a de que, no momento em que a evolução biológica deixa de ser progressiva e começa a regredir, se inicia o envelhecimento, transformando gradativamente pessoas adultas em indivíduos frágeis, com certo grau de vulnerabilidade. Segundo ele:

“É preciso considerar que o desenvolvimento do ser humano é constantemente marcado pela busca de um equilíbrio em todos os aspectos de sua vida. Esta, ao longo do tempo, vai apresentando desafios, mudanças, crises que alteram a sua estabilidade e propiciam um estado dinâmico de permanente estruturação, desestruturação e reestruturação. Ao envelhecer, os mecanismos que favoreciam a adaptação a tais modificações vão sofrendo um desgaste natural, fato que passa a promover uma diminuição na capacidade de reação a novas situações.” (Kalache, 2005).

Neste sentido um dos aspectos a ser examinado seria a relação que o idoso estabelece com o fator tempo, na medida em que existe uma tendência à perda de perspectivas para o futuro, tornando o momento presente pouco estimulante e, conseqüentemente, supervalorizando o passado.

As perdas sociais, geradas por este sentimento, repercutem no estado de ânimo daquele que vive esta etapa. Alguns apresentam comportamento de isolamento, de alheamento ao que ocorre à sua volta, abdicado de seus mais elementares direitos.

Por outro lado, há os que não se entregam às situações de solidão, depressão, problemas econômicos, memória, violência, perda de visão, de audição, e do próprio medo da morte, e tentam dar prosseguimento a sua vida com estabilidade emocional.

Alguns, como Dona Jordelina, de 80 anos, aluna da Oficina da Memória (2005), reconhecem suas limitações e tentam minimizá-las:

“Acho que a minha falta de memória é devido a minha dificuldade na audição, pelo menos é o que o médico tem dito, mas eu acho que é bobagem dele, esqueço por que estou velha mesmo, tenho 80 anos e como não quero sofrer de solidão vim aqui para UnATI e hoje estou aqui fazendo a Oficina da Memória com vocês...”

Quando existe a diminuição de contatos sociais, o universo do idoso se reduz, e este fato repercute em sentimento de solidão. É o que nos diz Kalache (2005):

“Entende-se que a solidão na velhice é enfrentada de modo distinto, na dependência dos ajustamentos prévios e das várias circunstâncias existenciais de cada indivíduo. Se um indivíduo sempre desfrutou da companhia afetiva de outras pessoas, o viver sozinho representará um problema da maior magnitude que quase sempre conduz à depressão e esta poderá, com certeza, contribuir para acelerar o processo do envelhecimento.” (Kalache, 2005).

Tendo em vista que a perda de um lugar social valorizado como produtivo leva o idoso a um maior isolamento, concluo que a tendência em supervalorizar e manter a memória ativa ligada a fatos passados, talvez seja a forma que muitos idosos encontram para combater os sentimentos de fragilidade, baixa estima, desamparo e solidão.

2.2 O perfil demográfico da população que envelhece

Nunca antes na história da humanidade os países registraram um contingente tão elevado de idosos em suas respectivas populações, o que vem se fazendo de forma particularmente relevante, em anos recentes, no grupo de idade dos acima de 60 anos. Este fenômeno está redefinindo o conceito do que é envelhecer.

Outro tema que envolve a velhice se refere às relações de poder, como fica explícito na fala de Dona Claricea, de 72 anos aluna da Oficina da Memória (2005):

“É, a gente quando fica velho ao invés de mandar passa a ser mandado, as coisas se invertem, eles acham que a gente tá com a memória fraca, entrevada, não temos mais discernimento das coisas. Minha nora mesmo quando vai almoçar lá me casa aos domingos quer ficar me dando ordens, dizendo como eu devo fazer as coisas na minha casa. Aí eu digo para ela que eu ainda estou muito viva e quando eu morrer aí sim ela pode fazer o que quiser lá me casa, mas só quando eu morrer...”

Atingir a terceira idade, para muitos cidadãos, pode significar conquista de liberdade. Em alguns casos o tempo passa a estar à disposição de desejos e de atividades que

exprimem prazeres não conquistados durante a vida, tais como estudar, dançar, namorar, conversar com amigos, ler, contar histórias, participar de atividades sociais e esportivas entre tantas outras coisas.

Veras (2004) afirma em, *“A Arte de Envelhecer”*, que:

“Uma das maiores conquistas da humanidade foi o aumento do tempo de vida, ampliação que se fez acompanhar de uma melhora substancial dos parâmetros de saúde das populações, ainda que estas conquistas estejam longe de se distribuir de forma eqüitativa nos diferentes países e contextos socioeconômicos.” (Veras, 2004.p.149).

Do ponto de vista demográfico, no plano individual, envelhecer significa aumentar o número de anos de vida. Paralelamente a esta evolução cronológica, coexistem fenômenos de natureza biopsíquica e social, importantes para a percepção da idade. Nas sociedades ocidentais é muito comum associar o envelhecimento com a saída da vida produtiva pela via da aposentadoria.

A rapidez desta mudança demográfica também não tem precedentes. No Japão, por exemplo, entre 1970 e 1994, a proporção de pessoas com mais de 65 anos duplicou, passando de 7% para 14% e projeta-se que mais de 25% da população japonesa terá mais de 65 anos em 2020.

O Brasil também é um país que envelhece a passos largos, pois as alterações na dinâmica populacional são nítidas, inexoráveis e irreversíveis. No início do século XX, um brasileiro vivia em média 33 anos, ao passo que hoje a expectativa de vida é superior aos 70 anos.

De acordo com os resultados da revisão 2005, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a população brasileira ultrapassou os 182 milhões de habitantes, elevando o nosso país ao 5º país mais populoso, quando o número de habitantes praticamente dobrou em 34 anos, uma vez que, em 1970, havia cerca de 90 milhões de pessoas no país. Somente entre 2000 e 2004, o número de brasileiros aumentou em 10 milhões.

Segundo as projeções do IBGE (2005), se o crescimento da população brasileira permanecesse no mesmo ritmo observado nos anos 50, hoje viveriam no país cerca de 262 milhões de habitantes. Entretanto, desde a década de 50 a taxa de fecundidade das mulheres caiu. Em 1960 a média era de seis filhos por mulher, em 2004 acredita-se que esta média tenha caído para 2,31 filhos.

É lembrado por Veras (2004) que entre os anos 60 e 80 observou-se no Brasil uma queda de 33% na fecundidade. A longevidade, os avanços na medicina, a melhoria nas condições de vida e essa redução no ritmo de nascimentos vêm resultando, em médio prazo, no incremento proporcional da população idosa.

Em 1950, eram cerca de 204 milhões de idosos no planeta, em 1998 este contingente atingiu os 579 milhões de pessoas. Um aumento de quase 8 milhões de pessoas idosas por ano. Em países como Alemanha, Itália, Grécia e Japão esse grupo, pela primeira vez na história, já é mais numeroso que o da população infantil de 0 a 14 anos de idade, e as projeções indicam que, em 2025, as pessoas acima de 60 anos ou mais somarão mais de 1,2 bilhões.

Atualmente o Brasil possui cerca 16,5% milhões de idosos (IBGE/2005), que são definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) nos países em desenvolvimento como sendo homens e mulheres com idade acima de 60 anos, mas é admissível um ponto de corte de 65 anos para os países desenvolvidos pela tradição de usarem este índice por várias décadas.

Veras (2004) relativiza este índice, baseado em faixa etária, ao afirmar:

“(...) é verdade que são considerados idosos aqueles indivíduos que ultrapassam os 60 anos de idade. No entanto, é difícil caracterizar uma pessoa idosa utilizando como único critério a sua idade. Além disso, neste segmento conhecido como Terceira Idade estão incluídos indivíduos diferenciados entre si, tanto do ponto de vista socioeconômico como demográfico e epidemiológico.”
(Veras, 2004.p.150)

A Organização Mundial da Saúde, a partir de 1984, estabelece como idoso todos aqueles com 60 anos ou mais. No Brasil existem dois documentos oficiais, a Lei

8.842/94, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, que reza no seu artigo 2º que *“considera-se idoso, para todos os efeitos desta lei, a pessoa maior de 60 anos de idade”*, e a Política Nacional de Saúde do Idoso, sancionada pelo Ministério da Saúde, publicada no Diário Oficial em 13 de dezembro de 1999, que define a idade a partir dos 60 anos para designar o idoso.

O que mais importa considerar é que a nossa população encontra-se em rápido processo de envelhecimento. Estima-se que no ano de 2050 os habitantes brasileiros com 60 anos ou mais comporão, numa estimativa conservadora, um contingente de 2 bilhões de pessoas, sendo 80% destes nos países em desenvolvimento, e que situará o Brasil como o sexto país do mundo em termos de massa de idosos.

Copacabana é um exemplo deste fenômeno:

“(...) para se ter uma noção da magnitude deste crescimento, basta verificar o que já ocorre na população de certas áreas da cidade do Rio de Janeiro. Nos bairros com população de maior poder aquisitivo e mais bem aquinhoados em termos de facilidades urbanas – destaque para Copacabana – a população de idosos já ultrapassa a marca de 30%, proporção igual ou superior a qualquer país de longa tradição neste aspecto.” (Veras, 2004.p.153).

Outro dado relevante observado nas projeções do IBGE (2005) é que a maioria do contingente de idosos no Brasil é do sexo feminino. Correspondiam 54% da população de idosos em 1991, passando para 57,1% em 2004. Isto significa que para cada 100 mulheres idosas, há 82,6 homens.

A maior longevidade feminina está profundamente vinculado ao gênero. Para Anita Liberalesso Neri (1991) esta *“feminização”* da velhice, em termos sociais, é notória. E grande parte destas mulheres é viúva, vive sozinha, não tem experiência de trabalho no mercado formal e tem um pequeno grau de escolarização.

Este é o caso de Dona Helena, 73 anos aluna da Oficina de Yoga (2005):

“É meu filho que pagava o meu plano de saúde, mas a minha nora ficou desempregada e ele está muito apertado, tem dois filhos estudando no colégio particular e agora ele não vai poder mais pagar não! E você sabe não é, sempre fui dona de casa e meu marido nunca quis que eu trabalhasse e olha no que deu: ele morreu e deixou uma pensão que não dá para nada, e me filho coitado é que pagava meu plano...”

A mulher idosa, na sociedade brasileira, desenvolvia as suas atividades apenas no âmbito da família, era esposa, mãe que priorizava os afazeres domésticos, e para tal pouco necessitava de estudos. Hoje se acredita que as mulheres idosas assumiram certa independência, lutando e reclamando pelos seus direitos, procurando leis que as beneficiem.

O envelhecimento é um grande desafio do mundo contemporâneo, afetando países ricos e pobres, ainda que de forma específica e desigual a cada cultura e contexto socioeconômico. Mas será que as sociedades mundiais e a nossa estão preparadas para este desafio? Para Néri (1991),

“(...)as sociedades talvez ainda não estejam mesmo preparadas para lidar com esta população, que por sinal é a que mais cresce no Brasil. É difícil em uma sociedade de consumo, na qual tudo tem uma vida útil efêmera, que o conceito de descartável não se estenda às pessoas, e principalmente ao idoso que perde papéis sociais.” (Néri, 1991.p.82).

Considerando que o envelhecimento é uma característica observada na pirâmide populacional dos países desenvolvidos e em desenvolvimento, os mesmos precisam definir, e com urgência, uma conduta ética para com esta camada da população, desenvolvendo mecanismos de assistência que possibilitem amor, carinho, dignidade, respeito e qualidade de vida às pessoas que envelhecem.

2.3 Velho, idoso ou terceira idade?

Os valores culturais e as tradições determinam como a sociedade representa as pessoas idosas e o processo de envelhecimento. Marilena Chauí (1999) questiona:

“Que é, pois ser velho na sociedade capitalista? É sobreviver! Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega a medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si, mas somente para o outro. E este outro é um opressor.” (Chauí, 1999.p.31).

Esta representação social recebe as denominações de *velho*, *idoso* e *terceira idade*. Traçando uma trajetória desses termos, conceitos ou noções vinculadas ao processo do envelhecimento, temos a França do século XIX como o primeiro país que passou a dar um tratamento social à velhice ao distinguir os *velhos* dos mendigos internados nos “*depósitos de velhos*” e nos asilos públicos.

A maior parte das pesquisas francesas dessa época descreve as condições miseráveis do *velho* trabalhador. No final do século XIX, mais da metade da população urbana de 60 anos ou mais não possuía pensão nem salário, a maioria dependia dos filhos ou das instituições de assistência pública.

A noção de *velho* tem, geralmente, conotações negativas. Reforça uma situação de exclusão social e é fortemente assimilada à decadência e confundida como incapacidade para o trabalho.

Peixoto (2004) afirma que a partir dos anos 60 começa a surgir uma nova política social para as questões relacionadas à velhice como consequência de mudanças na estrutura social:

“(...) a elevação das pensões faz aumentar o prestígio dos aposentados. Observa-se uma transformação nos termos de tratamento, bem como outra percepção das pessoas envelhecidas. Tornados pejorativos, certos vocábulos são suprimidos dos textos oficiais, principalmente dos títulos das comissões governamentais de estudos sobre a velhice.”(Peixoto, 2004.p.73).

A introdução do termo *idoso*, menos estereotipada foi bastante criticada por alguns especialistas sobre o tema. Stano (2001) afirma que a noção de *idoso* não é tão precisa quanto *velho*, mesmo que seja mais respeitosa. Outros analistas afirmam que esta noção tem um contorno impreciso, uma vez que abarca diversas realidades.

Se é verdade que os *velhos* se tornaram pessoas mais respeitadas através da implementação do termo *idoso*, este passa a ser mais valorizado com a criação da categoria *aposentado*, que através de instrumentos legais vem introduzir melhorias nas condições de vida das pessoas envelhecidas, legitimando o direito à cidadania, embora traga, como contrapartida, o sentimento de inatividade e de inutilidade pela interrupção da atividade economicamente produtiva.

Sentimento que pode ser revertido, conforme mostra o depoimento de Dona Neusa, 75 anos aluna da Oficina de Orientação Postural (2005):

“É eu também depois que me aposentei não sabia o que ia fazer, pois trabalhei muito tempo no antigo BANERJ, sempre fui muito ativa, mas depois que me aposentei amarguei 2 anos sem uma perspectiva de vida, mas hoje também estou bem melhor, já tenho 4 anos aqui na Unati, 4 anos com muito mais qualidade de vida...”

A aposentadoria é um marco na vida do trabalhador e muito se discute sobre o seu significado para o indivíduo que envelhece. Para Stano (2001) aposentar-se pode ser bom ou mau em função de variáveis relacionadas ao tipo de trabalho (desgaste físico e mental, interesse pela atividade, satisfação profissional, remuneração, rede de amizades), bem com à vida do indivíduo de modo geral (saúde, segurança econômica, projetos futuros).

A preocupação quanto aos efeitos negativos da aposentadoria no curso de vida tem se baseado num tipo de reação relativamente comum, descrita em muitos estudos. Enquanto sofre pressões do mundo do trabalho (horário, ritmo da jornada, produtividade, etc.) é comum se almejar a aposentadoria como libertação e recompensa pelo esforço de anos dedicados à profissão.

Entretanto, quando se concretiza a saída do mercado de trabalho, o indivíduo tende a reduzir os seus contatos sociais e corre o risco de mergulhar no vazio, pelos efeitos de empobrecimento, baixa auto-estima e a desqualificação que se faz acompanhar.

Esta realidade só se apresenta na sua *“dura realidade”* a posteriori, como relata Dona Mirna, 67 anos, aluna da Oficina de Informática (2005):

“A gente quando está novo deveria pensar na aposentaria, em todos os aspectos, pois quando ficamos velhos e olhamos para trás é que vemos que deveríamos ter nos estruturado para quando esta hora chegar...”

Infelizmente, o indivíduo *aposentado* é, muitas vezes marginalizado e excluído como incapaz, por não exercer atividade profissional regular. Alguns, recém saídos do seu ambiente de trabalho, conseguem transferir seus interesses para um espaço privado, o ambiente familiar e doméstico vivenciando uma nova etapa da vida, saboreando-a com determinação, sem dar tanta importância às marcas que o preconceito social produz.

A respeito do *aposentado*, diz Barros (1998):

“A imagem do aposentado aponta os estereótipos da caduquice e da apatia; a ênfase no passado de trabalhador, como contraponto ao estereótipo do “velho que só pensa em comer, dormir, reclamar e dar palpite”; e mais importante talvez, a ênfase na condição de provedor e arrimo de família, em oposição à imagem do velho como um peso para os filhos e parentes mais jovens.”(Barros, 1998.p.20).

O termo *terceira idade* (4) surge como sinônimo de envelhecimento mais independente e ativo, onde as pessoas com 60 anos ou mais começam a encarar uma nova etapa da vida, onde ociosidade transforma-se em dinamismo. A autogestão e a integração passam a ser as palavras-chave desta nova definição de envelhecimento saudável, onde uma gama de novos produtos, serviços e equipamentos surgem para promover a sociabilidade destes cidadãos.

(4) *“Mas será que tem gente que ainda pensa que nós da terceira idade não temos mais capacidade de raciocinar e aprender alguma coisa! Lá em casa pelo menos ninguém pensa assim dão a maior força para mim vir para cá, me respeitam, respeitam as minhas idéias e meus conselhos...” (Seu Fabiano, 71 anos aluno da Oficina de Inglês, 2005)*

A criação da noção *terceira idade* como um novo ciclo de vida após a aposentadoria é, segundo Stano (2001), uma consequência do surgimento cada vez maior de instituições e especialistas no tratamento de um envelhecimento saudável, na medida em que prescrevem a esse grupo etário atividades físicas, educativas, sócio-culturais e novos hábitos alimentares.

Esta nova expressão, *terceira idade*, não é um simples substituto do termo *velho*. Existe todo um trabalho de eufemização que tem como objetivo caracterizar uma categoria social bastante heterogênea, a dos jovens *aposentados* dinâmicos, como já dizia Pierre Vellas (1973), criador da primeira UnATI na cidade de Paris.

Para Peixoto (2004), a unificação de todas as idades na nova noção de *aposentado*, trazida pela *terceira idade* apresenta, um outro recorte nas faixas de idade:

“(...) parece agora importante distinguir os “jovens idosos” dos “idosos velhos” . Em consequência surge uma nova expressão na nomenclatura francesa para classificar as pessoas de mais de 75 anos: é a quarta idade . A representação social que liga a Terceira Idade à continuidade da vida ativa através da autonomia e das práticas de sociabilidade, associando a essa imagem a idade biológica (da aposentadoria aos 74 anos), aproxima simultaneamente os representantes da quarta idade – os muito velhos – à imagem tradicional da velhice, ou seja, à decadência ou incapacidade física.” (Peixoto, 2004.p.77).

A visão de que a idade cronológica é fundamental, ou de que a *velhice* seria apenas uma restrição imposta pelo envelhecimento biológico, é assim relativizada por estas novas conotações: *idoso e terceira idade* que, ao mesmo tempo, reforçam a idéia de que é possível, com esforço individual, avançar na idade sem ficar *velho*.

Assim, o indivíduo pode facilmente ler em seu corpo os sinais do tempo, mas a partir de agora de forma bem diferente na medida em que não fica tão difícil manipular ou até mesmo negar a *velhice*, apagando seus sinais mais facilmente reconhecíveis, tanto em sua dimensão corporal, quanto em sua dimensão subjetiva.

Pretendi esclarecer a formulação dos novos termos, conceitos ou noções vinculados ao processo do envelhecimento, buscando entender um pouco as nuances das representações sociais da *velhice*.

2.4 A delimitação da velhice na literatura

A *velhice* como delimitação referida ao biológico não está separada do social. Como expressão disso, o envelhecimento não é um processo homogêneo em cada indivíduo, pois para cada um existem sempre partes e funções do corpo que sem mantêm mais conservados e jovens do que as outras.

Para realizar esta investigação e tentar definir alguns aspectos que envolvem o processo do envelhecimento, dirigi meu olhar ao significado de ser *velho* a partir da obra de autores importantes como “A Velhice” de Simone de Beauvoir, o trabalho de Ecléa Bosi em “Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos”, a recente publicação de Norberto Bobbio “O Tempo da Memória – De Senectute e outros escritos autobiográficos” e às pesquisas antropológicas de Myriam Lins e Barros em o “Testemunho de Vida: Um Estudo Antropológico de Mulheres na Velhice”.

Numa obra clássica sobre a *velhice*, Simone de Beauvoir (1990) desperta o leitor para o tema, convidando-o a quebrar o silêncio sobre a senilidade. Segundo ela, Marcuse observa a sociedade de consumo como aquela que:

“(…) substitui a consciência infeliz por uma consciência feliz e reprova qualquer sentimento de culpa. Com relação as pessoas idosas, essa sociedade não é apenas culpada, mas criminosa. Abriga por trás dos mitos da expansão e da abundância, trata os velhos como parias.”(Beauvoir, 1990.p.8).

A autora cita Buda, que exclama espantado, ao ver um velho abandonado e trêmulo:

“Que desgraça é não enxergarem a velhice, os seres fracos e ignorantes, ébrios de orgulho da juventude! Voltemos depressa para casa . De que valem folguedos e alegrias, se a velhice vindoura já habita em mim.” (Beauvoir, 1990.p.7).

A autora chama a atenção para o fato da quase inexistência de literatura sobre o tema, comentando que as considerações das pessoas sobre sua escolha foram invariavelmente de repúdio, com alegações tais como: *Você não é nenhuma velha! Mas que assunto triste!* (Beauvoir, 1990.p.9).

Outro aspecto importante abordado na sua obra é de que não aceitamos que seremos velhos um dia. Assim, fica como se a velhice dissesse respeito sempre aos outros, pois a sociedade nos impede de vermos nos velhos nossos semelhantes.

É esse o sentido com o qual a autora trabalha a questão da velhice: sob o ponto de vista a exterioridade, propondo que se desfaça a fantasia de não sabermos quem somos se ignoramos quem seremos.

Simone de Beauvoir (1990) busca a compreensão da velhice em diferentes sociedades humanas, considerando a maneira de se tratar o velho como um aspecto cultural dos povos. Observa como, em algumas culturas, a experiência e os conhecimentos acumulados constituem um trunfo para os mais velhos, enquanto em outras eles são freqüentemente expulsos da coletividade de maneira hostil e brutal.

Afirma que apesar das particularidades culturais de diferentes grupos étnicos pode-se identificar que a *velhice* traz, para todo o indivíduo, uma degradação temida, identificando os dados biológicos como relevantes. A degradação biológica, diz a autora, "(...) contradiz o ideal viril ou feminino adotado pelos jovens. A velhice dos outros inspira uma repulsa imediata e esta reação elementar, subsiste, mesmo reprimida pelos costumes. É esta a origem de uma contradição da qual encontraremos múltiplos exemplos." (Beauvoir, 1990.p.51).

Além de etnológico, o percurso trilhado pela autora é também histórico, na medida em que a autora evidencia algumas observações relacionadas às dificuldades de se estudar a condição dos velhos através dos tempos, seja porque os documentos disponíveis fazem raras alusões aos *velhos*, pois no geral o ancião é incluído no conjunto dos adultos, ou seja por questões de interesses de classes.

Ou, nas palavras de Beauvoir (1990):

“O velho, enquanto categoria social nunca interveio no percurso do mundo. Enquanto a mulher conserva uma certa eficácia, ele permanece integrado à coletividade e não se distingue dela: é um adulto macho de idade avançada. Os velhos não têm arma nenhuma, e seu problema é estritamente um problema de adultos ativos. Estes decidem de acordo com seu próprio interesse, prático e ideológico, sobre o papel que convém conferir aos anciãos.” (Beauvoir, 1990.p.110).

Da China ao Egito antigo, da Grécia à Roma antiga, passando pela Idade Média até a sociedade industrial, a autora revela traços sobre a velhice carregados de simbologias. Os verdadeiros significados da vida senil vão desde as associações com os conhecimentos e a sabedoria, da maior aproximação com divindades, do acúmulo de erros e desprestígios, e da evocação da idéia de rejuvenescimento e da longevidade.

Na sociedade de consumo em que vivemos, na qual o valor social prioritário é o poder econômico, o velho é discriminado e excluído por não ser mais produtivo e por não ser integrante dos padrões de beleza e juventude culturalmente valorizados. Em nosso meio, são exemplos comuns de desqualificação da velhice, a não aceitação social da sexualidade dos idosos e o desrespeito observados no trânsito, nos ônibus, nas ruas, nas filas de banco, nas esferas do trabalho e da família.

Simone de Beauvoir (1990), assim sintetiza a visão estereotipada que se tem do velho:

“A velhice é o inverno da vida. A brancura dos cabelos e da barba evoca a neve, o gelo: há frieza do branco à qual se opõe o vermelho – o fogo, o ardor – e o verde, cor das plantas, da primavera, da juventude. Os clichês se perpetuam, em parte porque o velho sofre um imutável destino biológico. Há na sociedade uma determinação que é a de silenciar-se sobre ele. Seja exaltando-o ou aviltando-o, a literatura o dissimula em clichês, esconde-o, ao invés de revelá-lo. Com relação à juventude e à maturidade, ele considerado como uma espécie de referência negativa: não é o próprio homem, mas seu limite; fica à margem da condição humana; nele não a reconhecemos, e não nos reconhecemos nele.” (Beauvoir, 1990.p.200-201)

Um fato contundente, também assinalado em sua obra, é que o prestígio da velhice diminui bastante no século XX, pelo descrédito da noção de experiência. A sociedade tecnocrática, segundo a autora, não crê que, com o passar dos anos, o saber se acumula, mas sim que acaba perecendo, e a idade só vem acarretar uma desqualificação.

Inúteis e incômodos o destino dos velhos na sociedade industrial têm geralmente o mesmo destino: são negligenciados, expulsos do convívio com a família, e na maioria das vezes abandonados em asilos entregues a própria sorte. A classe dominante, como não pode ignorá-los, passou a desvalorizá-los, pois são os valores associados à juventude que são apreciados hoje em dia.

Assim como Simone de Beauvoir, Ecléa Bosi (1999) considera que o *velho* não tem armas, e que nós é que temos de lutar por ele. Outra consideração comum entre as duas autoras é a de que a sociedade confere ao velho uma condição de anti-humanidade: *ser velho é lutar para continuar sendo homem*, observa Ecléa (1999).

Chauí (1999) ao apresentar a obra de Ecléa indaga: *“Porque temos que lutar pelos velhos?”* E responde: *“Porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara...”* A apresentação dessa essência de que fala Chauí é possível através da educação. Pois por ela é possível se estabelecer vínculos entre infância e memória, memória e cultura, cultura e tradição, passado e presente, o elo entre a infância e a velhice, lembrando ao adulto a criança que foi e o velho que será.

Ecléa Bosi (1999) analisa a velhice sem desvinculá-la da questão da memória social e coletiva, na medida em que não vê reciprocidade na relação entre jovens, adultos e idosos, e afirma:

“O adulto ativo não se ocupa longamente com o passado, mas quando o faz é como se este lhe sobrevivesse em forma de sonho. Em suma: para o adulto ativo, vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação.” (Bosi, 1999.p.23).

A importância da memória (5) para o velho se assemelha à importância que a água tem para vida. Além da sabedoria e da experiência, a memória passa a ser o principal trunfo para o velho, pois ele é capaz de ter consigo, registrado o seu passado tal como viu e interpretou. Relembra-lo, revisita-lo, revivê-lo e reconstruí-lo o mantém a chama acesa da sua vida.

Para Norberto Bobbio, o velho é também marginalizado pelo “*envelhecimento cultural*”, na medida em que o idoso está muito apegado aos valores da tradição, interiorizados no período da juventude à vida adulta.

A dinâmica cultural nas sociedades industriais é cada vez mais veloz, o mundo se transforma rapidamente e os velhos passam a ter um juízo negativo do novo, o qual, segundo Bobbio (1997) eles já não entendem e já não tem vontade de se esforçar para compreendê-lo. Acrescenta o jurista, filósofo e octagenário italiano: “Quanto mais firme se mantêm nos pontos de referência do seu universo cultural, mais o velho estranha seu próprio tempo”. (Bobbio, 1997.p.22).

Percebe-se no autor uma visão desalentadora da sua própria condição ao ver a velhice como um problema social cada vez maior, não só porque aumentou o número de velhos, mas porque vem aumentando o número de anos que vivemos como velhos, e diz: “Mais velhos e mais anos de velhice: multipliquemos os dois números e obteremos a cifra que revela a excepcional gravidade do problema.” (Bobbio, 1997.p.25).

Como Simone de Beauvoir, que escreveu sobre o tema na década de 60, Norberto Bobbio, na década de 90, também faz críticas à sociedade de consumo e à retórica sobre a velhice. O velho sorridente, simpático e lindo é transformado em um celebradíssimo membro da sociedade de consumo.

(5) “*Professora eu acho que a sra. esta certíssima, todos nós idosos temos que nos atualizarmos, ficarmos como diz minha neta antenados no que esta acontecendo no mundo, para assim podermos conversar, debater, expressar as nossas opiniões, e estarmos com a memória sempre ativa, pois só assim poderemos ser levados a sério...*”(Dona Ana, 68 anos – Aluna da Oficina da Memória, 2005)

Apesar das referências ao velho desamparado, desiludido e desesperançoso, é do mundo da memória que Bobbio (1997) quer falar e da importância substancial que ela representa para os idosos.

“O mundo dos velhos, de todos os velhos, é de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória. Dizemos: afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos. Além dos afetos que alimentamos, a nossa riqueza são os pensamentos que pensamos, as ações que cumprimos, as lembranças que conservamos e não deixamos apagar e da qual somos o único guardião.” (Bobbio, 1997.p.30).

De forma muito similar, Myriam Lins e Barros (1981) aborda a questão do processo de envelhecimento em sua pesquisa sobre mulheres na velhice, que resultou na dissertação de mestrado “Testemunho de Vida: Um estudo antropológico de mulheres na velhice”.

O trabalho de campo de Barros (1998) circunscreveu-se ao estudo de um grupo de mulheres católicas, de classe média da zona sul carioca, cujas idades variavam de 60 à 80 anos. Optou por pesquisar idosos não asilados, com aqueles menos problemáticos e dependentes, com aqueles que participam mais da vida social, com atividades ligadas a família, ao lar e ao trabalho.

Barros (1998) classifica sua pesquisa como estudo de caso em antropologia social, justificando-o com a possibilidade de levantamento de questões mais abrangentes sobre a velhice. Afirma a autora:

“(…) é o objetivo dos estudos de casos em antropologia social tirar do estudo aprofundado de um caso específico de questões, hipóteses e encaminhamentos para o entendimento de uma realidade mais ampla do que a do próprio universo estudado.” (Barros, 1998.p.14).

Como outros autores, Myriam Lins e Barros enfatiza também a escassez de material bibliográfico sobre a velhice e, especificamente, no caso da antropologia social, considera que essa escassez não parece decorrer de um problema de ordem teórica ou metodológica, mas sim porque a antropologia social desdobrou sua atenção, nos

estudos desenvolvidos nas sociedades industriais, para a infância e a juventude, relegando o estudo da velhice a um plano secundário.

Resumidamente apresenta algumas idéias apontadas ao longo do trabalho de Elaine Cumming e Willian E. Henry: *“Growing old: the process of disengagement”*, publicado em 1960, que ilustra a correlação entre velhice e perda e confirma a teoria da redução nas relações do velho com o meio social.

Cita, por exemplo, o fato de que a aposentadoria para os homens e a viuvez para as mulheres são momentos importantes que marcam o processo de desengajamento, na medida em que fazem diminuir os relacionamentos sociais e modificam aqueles que permanecem. E ressalva que: “O abandono dos papéis centrais da vida cria uma perda moral que se caracteriza por uma impossibilidade psicológica e social de enfrentar o processo de desengajamento...”(Barros, 1998.p.18).

O conjunto das obras citadas, nesta revisão bibliográfica, é de grande relevância, pois trazem contribuições para todos os campos da *Gerontologia*, que é a ciência social por excelência do estudo da velhice, abordando novos paradigmas relacionados ao processo de envelhecimento pelos quais vem passando o cidadão que envelhece, servindo como relevante contribuição a um novo campo de pesquisas que se preocupam com uma educação permanente para a terceira idade, tema que abordaremos no capítulo que segue.

3 UMA ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA DA EDUCAÇÃO PERMANENTE PARA A TERCEIRA IDADE

3.1 Fundamentação teórica

A preocupação com a qualidade e intencionalidade da educação, no intuito de modificar o pensamento do homem para garantir sua sobrevivência, de maneira digna, participante e incluído na sociedade, é foco de atenção de inúmeros especialistas do campo da educação.

Num mundo globalizado e capitalista, onde a pressão da competição faz com que muitos esqueçam de dar a cada indivíduo os meios para este poder usufruir de todas as oportunidades, nos leva a pensar numa educação, no caso do idoso, que ajude o a acompanhar as mudanças que ocorrem no decorrer da vida, seja na área tecnológica, econômica ou social.

O tratado da Unesco (2003) elucida que as rápidas transformações que caracterizam a sociedade do conhecimento dos dias atuais, com o uso progressivo de novos e inovadores meios de comunicação fazem com que as exigências, em termos de educação, estejam em constante expansão.

Jaques Delors (1999) afirma que essa educação deve fazer com que cada pessoa saiba conduzir seu destino e garantir assim, o exercício de uma cidadania plena. Em suas palavras:

“A educação vem dar resposta ao desafio de um mundo em rápida transformação, mas não constitui uma conclusão inovadora, pois há tempos já foi chamada a atenção para esta necessidade de um retorno à escola, a fim de estar preparado para acompanhar a inovação, tanto na vida privada como na vida profissional. É uma exigência que continua válida e a adquirir, até mais razão de ser. A educação deve transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes. Simultaneamente, compete-lhe encontrar e assinalar as referências que impeçam as pessoas de ficar submergidas nas ondas das informações, mais menos efêmeras, que invadem os espaços públicos e privados e as levem a orientar-se para projetos de desenvolvimentos individuais e coletivos.” (Delors, 1999. p.11).

Delors (1999) ainda afirma que é impossível uma pessoa acumular ao longo da vida conhecimentos que resolvam todas as questões que possam surgir. O mundo passa por constantes transformações e, muitas vezes, o idoso não tem conhecimento para acompanhar essas mudanças.

Para que o idoso possa exercer sua cidadania neste mundo de mudanças, se faz necessário que esteja sempre estudando, se atualizando, no sentido de aprender o que é importante para melhorar a sua qualidade de vida, para que seja capaz de fazer visíveis suas necessidades, de lutar pela resolução de seus problemas, assim como possa ser escutado em suas propostas.

Os valores humanos, hoje em dia, conduzem ao reconhecimento da riqueza da diversidade. É necessário estar atualizado, e esta atualização de conhecimentos significa um reconectar-se com a vida, ampliando contextos e percepções sobre os mais diversos cenários vivenciados e os acontecimentos ao seu redor.

No contexto de mudanças da vida contemporânea contemplam-se a construção e a reconstrução de conhecimentos. Entende-se que a educação promove o acesso a informações e culturas diversificadas que atendam a uma educação permanente e contínua para a terceira idade.

Na obra de Knechtel (2001), a autora diz que a “*educação permanente*” é vista como uma forma conjunta de expressão social, intelectual e histórica e, assim, ela está integrada às respectivas exigências sociais e políticas da época, como também às mudanças que determinam as posturas, os objetivos e os interesses no processo de formação dos adultos, tendo em vista a busca do saber, a sua emancipação e o exercício de sua cidadania.

Esta emancipação conquistada pelo ser humano se legitima pela melhoria da qualidade de vida e pelo desenvolvimento social que acarreta além da vantagem de gerar maiores possibilidades para obtenção de novos conhecimentos, ao longo da vida.

Ainda segundo Delors (1999): “(...) a educação é formação do homem, tentando integrá-lo ao social, buscando os fins coletivos. Não uma educação informativa apenas, mas uma educação como processo, enquanto vinculado no seu tempo e na sociedade, ambas em permanente evolução.” (Delors, 1999. p.26).

No que se refere aos idosos, evidencia-se que a sociedade, sob a ótica do capital, tende a transformá-los em meras mercadorias descartáveis. Assim, a fim de que haja um aprendizado significativo o idoso, agora aprendiz, terá de adotar uma postura participativa, objetivando estabelecer um processo contínuo para seu crescimento com sujeito e cidadão junto à sociedade.

3.2 A etnografia como caminho para o estudo de caso

Ao mesmo tempo em que aumentam o contingente de idosos no Brasil, ganha força à idéia de que novos conteúdos podem ser atribuídos à experiência do envelhecimento. Aos poucos se abandona o pressuposto de que o avanço da idade é algo negativo em si mesmo. A velhice passa a ser vista como um momento privilegiado pela vida, no qual a satisfação e o prazer são vividos de maneira mais madura.

Boa parte da produção antropológica sobre as sociedades ditas primitivas esteve voltada para a descrição da diversidade de formas com que são tratados os indivíduos em diferentes etapas da vida. Debert (1998) classifica essas descrições como sendo importantes para um quadro, o mais completo possível, da vida social e de formas culturais diferentes da nossa.

Do ponto de vista antropológico as etnografias oferecem uma descrição densa das particularidades culturais, transcendendo os particularismos e contemplando a humanidade em seu conjunto. As etnografias mostram que, em todas as sociedades, é possível observar a presença de grades específicas de idades.

Neste sentido a idade não é um dado da natureza, nem um princípio constitutivo de grupos sociais, nem, ainda um fator que explica os comportamentos humanos. A

idade pode ser rica em exemplos que sirvam para demonstrar que fases da vida como a infância, a adolescência e a velhice não se constituem em propriedades substanciais que os indivíduos adquirem com o avanço da idade.

A experiência da alteridade é um dos caminhos possíveis para a compreensão de comportamentos, dos seus significados, dos gestos, olhares e falas de um determinado grupo pesquisado. À medida que se aproxima o olhar sobre ele, é como se estivéssemos desvelando o mistério de uma estranheza apenas aparente, mas que não perde sua particularidade de ser um universo próprio.

Para Geertz (1989) em *“A Interpretação das Culturas”* fazer etnografia é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas, comentários tendenciosos, escritos não com sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. E afirma que:

“(...) se você quer compreender o que é ciência deve ver o que os praticantes da ciência fazem. Em antropologia social, o que os praticantes fazem é etnografia. E é justamente ao compreender o que é etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática etnográfica, que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. Praticar a etnografia é estabelecer campos, manter um diário, e assim por diante.” (Geertz, 1989. p.20).

Marli André (1995) afirma que a adaptação da etnografia à pesquisa educacional, através de estudos de tipo etnográfico se caracteriza pelo uso das técnicas associadas à observação participante, à entrevista intensiva e à análise de documentos. Considera, ainda, que a observação é “participante” porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado. As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados, e segundo André (1995) o: “(...) etnógrafo encontra-se diante de diferentes formas de interpretações da vida, formas de compreensão do senso comum, significados variados atribuídos pelos participantes às suas experiências e vivências e tenta mostrar esses significados múltiplos ao leitor” (André, 1995.p. 20).

Uma outra característica importante da etnografia é a preocupação com o significado, com a maneira própria como as pessoas vêem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que as cerca. O pesquisador deve tentar apreender e retratar essa visão pessoal do grupo pesquisado.

André (1995) conclui que a pesquisa de tipo etnográfica busca a formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não a sua testagem. Para isto faz uso de um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos de investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coleta reavaliadas, os instrumentos reformulados e os fundamentos teóricos repensados.

Esse tipo de pesquisa, se de um lado possibilita uma visão profunda, ampla e integrada da unidade estudada, de outro demanda um trabalho de campo intenso e prolongado, o que requer tempo e recursos por parte do pesquisador.

Exige também uma base teórica consistente, bom preparo e disposição pessoal do pesquisador para enfrentar o desconhecido, para se movimentar sem regras fixas nem critérios muito definidos. Outro ponto que se deve levar em consideração seria os escrúpulos éticos do pesquisador, que não deve selecionar e apresentar apenas aquelas informações que lhe forem convenientes.

E neste sentido Guita Debert (1995) observa que:

“Nas pesquisas sobre as etapas de vida em geral e o envelhecimento em particular, a busca de universais é prejudicada também pela dificuldade de definir a especificidade e precisar os limites dessa etapa. Na pesquisa antropológica, muitas vezes é a impressão que o pesquisador tem sobre a aparência do pesquisado que o leva a caracterizar os indivíduos como velhos. Outras vezes, é a autodefinição do informante e, na maioria das vezes, uma determinação aproximada da idade cronológica.” (Debert, 1995. p. 55)

Durante a realização da pesquisa, no trabalho de campo, a maioria dos alunos se mostrou aberta e disponível a colaborar na pesquisa. Os horários foram combinados e as entrevistas, gravadas em um mini gravador cassete Panasonic, foram feitas todas na UnATI/UERJ.

Os dez depoimentos haviam se constituído num trabalho de sala de aula, cuja proposta era a de se fazer um exercício de memória, com lembranças da infância, da juventude, da família, dos estudos, do trabalho, da sociedade, do mundo inspirado no trabalho de Ecléa Bosi (1999). Alguns reconstruíram o seu passado em poucas palavras, outros em muitas, e outros em longos depoimentos.

Notícias de jornal, revistas e televisão que abordassem as questões relativas ao envelhecimento da nossa população também foram alvo de atenção. Estas, por sinal, estão cada vez mais freqüentes na mídia. Acredito que por dois motivos: o primeiro devido ao evidente crescimento da faixa etária dos mais de 60 anos, o segundo pelo fato de os idosos já serem uma significativa parcela da população, representando um mercado consumidor exigente.

As entrevistas foram realizadas de 01 a 19 de agosto de 2005, e seguiram um roteiro previamente elaborado abordando questões como:

- . Nascimento e infância;
- . Estudos;
- . Namoro, casamento e filhos;
- . Solidão;
- . Como chegou à UnATI;
- . Pontos positivos e negativos da UnATI;
- . O que mudou na sua vida após ter ingressado na UnATI;
- . Porque você acha que as pessoas procuram a UnATI;
- . Que significado tem a velhice para você;
- . Entre os termos “*velho*”, “*idoso*” e “*terceira idade*” em qual deles você gostaria de ser classificado;
- . Como você vê o mundo de hoje;
- . Como a sociedade vê o velho hoje;

Cabe ressaltar que a riqueza de detalhes, narrada nas respostas sobre este roteiro, deram margem a outras perguntas que não estavam preestabelecidas.

Para Bosi (1999) o narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas experiências só fazem sustentar a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz. Segundo ela, entre:

“(...) o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder, no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. A história dever reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem, prolongando o original, puxados por outros dedos. Quando Scheerazade contava, cada episódio gerava em sua alma uma história nova, era a memória épica vencendo a morte em mil e uma noites.” (Bosi, 1999. p.48)

Concluo que a boa relação entre narrador e ouvinte é um dos caminhos possíveis para a compreensão de comportamentos, dos seus significados, dos gestos, olhares e falas de um grupo pesquisado, pois à medida que se aproxima o olhar sobre ele, é como se estivéssemos desvelando o mistério de uma estranheza apenas aparente, mas que não perde sua particularidade de ser um universo próprio.

3.3 Alfabetização: possibilitando a aquisição de novos conhecimentos

A situação da educação é um dos indicadores primordiais na caracterização do perfil socioeconômico da nossa população, e no caso da população idosa o indicador de alfabetização é considerado um termômetro das políticas educacionais brasileiras.

As características da sociedade e as políticas educacionais, até meados dos anos 50, restringiam o antigo curso primário, hoje ensino fundamental, há apenas alguns segmentos específicos da nossa sociedade, e segundo Both (1999) o baixo índice de escolaridade média entre a população idosa, principalmente das mulheres, é um reflexo desse acesso desigual.

A reduzida escolarização da população não era considerada, nessa época, como fator limitador do desenvolvimento, era plenamente aceitável pelo modelo

econômico, industrial e tecnológico do nosso país. A competitividade nacional, neste modelo, alicerçava-se na força de trabalho de baixo nível e nos recursos naturais.

Os baixos níveis de escolaridade e o analfabetismo não representavam entraves para a obtenção de emprego na área industrial e, no setor terciário, a competitividade baseava-se no custo reduzido da mão-de-obra, fato este que ainda hoje acontece em algumas atividades produtivas nacionais, as quais restringem as oportunidades educacionais da nossa população.

Mas esta exclusão pela alfabetização começa a ser encarada, para muitos, como um fato evidente que priva o desenvolvimento integral do cidadão, repercutindo negativamente na construção de sua identidade cultural, de sua consciência de cidadania e de seu desenvolvimento social.

A partir dos anos 90, a educação básica torna-se uma exigência nacional, requerida como condição mínima à nova realidade social e do trabalho, para toda a população e não apenas para a parcela considerada economicamente ativa, conforme os padrões tradicionais anteriores.

Iniciam-se assim em alguns estados brasileiros, programas educacionais para atender a população de jovens e adultos, programas estes que visavam exclusivamente à erradicação do analfabetismo, criando oportunidade educacional para homens e mulheres com mais de 14 anos.

Dois pontos chamam a atenção na análise da população idosa alfabetizada: a população masculina é mais alfabetizada que a feminina, independentemente da idade, e a população jovem é mais alfabetizada do que a população idosa.

No entanto estes dois diferenciais estão diminuindo ao longo do tempo, evidenciados não só pelo crescimento das proporções da população alfabetizada entre as mulheres, mas também entre a população idosa e a de 15 à 60 anos, para ambos os sexos.

Apesar de se ter observado ganhos expressivos na proporção da população idosa alfabetizada, essa proporção ainda é muito baixa. Em 2005, segundo a revisão do IBGE, aproximadamente 39% das mulheres e 36% dos homens idosos ainda eram analfabetos.

A escolaridade dos idosos, medidas por anos de estudo formal, também segundo o IBGE, revisão 2005, é muito baixa. Nesse ano 40,3% da população idosa declararam não ter nenhuma escolaridade formal.

Cabe aqui citar a fala de Dona Marília, aluna da UnATI/UERJ, durante o Seminário *“Trabalhando com o Idoso em Centros de Convivência Métodos e Técnicas”*, que foi realizado na UnATI/UERJ no mês de Julho de 2005:

“(...) ao chegar à UnATI há uns nove anos atrás tinha muita vergonha pois eu mal sabia escrever o meu nome, tive que ir trabalhar muito cedo lá no interior de Minas Gerais para ajudar aos meus pais a criarem os meus irmãos mais novos, e sabia apenas fazer algumas contas de somar e diminuir. Mas quando uma amiga que fazia a oficina de “Arte e Retalhos” junto comigo me disse que eu poderia aprender a ler se entrasse na oficina de “Ler e Escrever na Terceira Idade – Um Encontro de Prazer” é que eu pude entender como é maravilhoso você poder ler e escrever qualquer coisa sem precisar depender de ninguém.” (Dona Marília, 71 anos, aluna da UnATI/UERJ desde 1996)

Fica claro que o processo de alfabetização possibilita ao indivíduo o acesso à aquisição de conhecimentos necessários a sua inserção social, tornando-o um sujeito ativo e autônomo em relação à realidade em que está inserido. E porque não inserir o cidadão idoso neste processo, já que a longevidade vem contribuindo progressivamente para o aumento de idosos na nossa população?

Agostinho Both (1999) observa que:

“(...) o educador não pode se furtar a conhecer as peculiaridades do ciclo de vida longo. Ele pode proporcionar ao idoso um ensino adequado as suas necessidades e interesses, integrando no seu projeto educativo todas as virtudes direcionadas a longevidade, promovendo, assim, dentre outros aspectos educativos, uma vida saudável e agradável ao educando.” (Both, 1999. p. 32).

Assim, uma pedagogia voltada para a qualidade de vida possui uma essência de atitudes e valores que o educador deverá estimular para beneficiar a vida de seu educando, individualmente e em relação a sua comunidade, envolvendo também a sua conscientização em relação ao meio ambiente.

O aluno desta faixa etária, em processo de alfabetização, passa a desenvolver melhor sua capacidade de organizar o seu pensamento e compreender seu espaço vivencial, as situações de seu mundo e a sua relação com a coletividade, ampliando assim seus conhecimentos e sentindo-se cada vez mais seguro na vida em sociedade.

Atingir o status de alfabetizado proporciona ao idoso uma grande oportunidade para a sua inclusão e emancipação, em relação à sociedade, legitimando-lhe uma melhor qualidade de vida. Anísio Teixeira (2000) traduz em poucas palavras a importância da educação quando diz que: “Toda a vida do homem se faz em educação e por educação. A civilização material retrata-se na educação, que perpassa toda a sua vida social. Vida é, com efeito, comunicação entre os homens. E comunicar-se é educar-se.” (Teixeira,2000. p.111).

Entendo, portanto, que a educação é um processo libertador, que estende o conhecimento a quem tem capacidade de assimilá-lo, possibilitando reflexão e questionamento do mundo que cerca o ser humano. A negação da educação para este contingente da população que envelhece limita sua capacidade de ver o mundo e compreendê-lo de forma significativa.

3.4 Educação permanente

O crescimento do contingente de idosos, já assinalado no Brasil e no mundo, ensejado pela queda da fecundidade e pela extensão da esperança de vida propiciadas pelos avanços da ciência moderna, através da medicina e da saúde pública, deverá em breve passar a ser um fator redirecionante dos interesses de pesquisas e de elaboração de políticas públicas.

Penso a educação permanente como possibilidade de atender e apoiar o idoso a ser seu próprio intérprete, a manter a sua capacidade de reflexão, de fazer e decidir por si próprio, com independência e autonomia.

Reflexão que segundo Salgado (1977):

“(...) obriga-nos, ao mesmo tempo, a abrir nossa cultura que se tinha fechado na sua orgulhosa convicção de que detinha a universidade da razão e da verdade... É preciso tentar elaborar as novas idéias genéricas: as que fazem nascer, viver, que mantém uma cultura rica e nova; co-produzir uma cultura que diga respeito a toda humanidade. É essa a tarefa do futuro, se houver futuro” (Salgado, 1977. p.251).

Pelo que afirma Salgado (1977) pude verificar como o mundo carece de reformas educacionais, éticas, que redirecionem o homem para a política da humanização.

A preocupação com a qualidade e intencionalidade da educação, no intento de modificar o pensamento do homem para garantir sua sobrevivência, de maneira digna e participante, passa ser foco de atenção de inúmeros especialistas. E neste sentido Furter (1975) observa que:

“(...) não se pode apresentar a Educação Permanente como se fosse uma nova filosofia da educação, uma doutrina pedagógica ou um sistema de formação totalmente elaborado. No momento é um conjunto, é sobretudo um conjunto de preocupações, de certo convergentes, mas que necessitam de uma aprofundamento que leve em conta o desenvolvimento em geral e o desenvolvimento cultural em particular.” (Furter, 1975. p.105).

Como sugere a própria terminologia empregada: “*educação permanente*” (“*educação contínua*”, ou “*ininterrupta*”, “*continuing education*”, “*life-longa education*”) fundamenta-se, segundo Furter (1975), numa interpretação da educação como um processo que deve prolongar-se durante a vida adulta.

O autor define a educação permanente como sendo um processo contínuo do desenvolvimento individual, que tem como objetivo principal permitir que cada indivíduo continue a progredir, segundo as próprias necessidades e as condições em que vive. E diz ainda que: “A Educação Permanente é um princípio de organização formal de um sistema global de formação, que exerce uma ação

renovadora sobre todos os organismos que se ocupam de formação: procurar tornar o sistema escolar um conjunto mais flexível e mais amplo.” (Furter, 1975, p. 114).

O fato é que não basta mais alocar novos elementos aos programas tradicionais, o que se espera sim é a possibilidade de tornar a vida humana um processo permanente de formação em que o homem, ao se desenvolver continuamente, vai tomando cada vez mais consciência das suas possibilidades de participação como criador, produtor e consumidor de cultura.

Como é uma interpretação, não devemos nos surpreender por ter esta nova noção interessado inicialmente aos teóricos da educação, que pretendiam assim resumir, em um conceito sintético os diferentes fatos culturais, observados em todas as sociedades onde o processo de desenvolvimento se tornou irreversível.

A pedido da Unesco, uma Comissão Internacional da Educação para o século XXI, apresentou o Relatório Jacques Delors, como assim se tornou conhecido, iniciado em março de 1993 e concluído em setembro de 1996, com a contribuição de especialistas do mundo todo. A conclusão a que chegaram os especialistas sobre a educação foi a seguinte:

“(...) frente aos múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais da paz, contínuo, tanto das pessoas como das sociedades. Não como um remédio milagroso, não como uma “abre-te sésamo” de um mundo que atingiu a realização de todos os seus ideais mas, entre outros caminhos e para além deles, como uma via que conduza a um desenvolvimento mais harmonioso, mas autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões, as guerras (...)” (Delors, 1999. p. 11).

As teses definidas no Relatório, da educação básica à universidade, e da *educação permanente* continuada voltam-se essencialmente para o desenvolvimento humano entendido com a evolução da capacidade de raciocinar e imaginar, da capacidade de discernir, e do sentido das responsabilidades.

No final de um século tão marcado, quer pela agitação e pela violência, quer pelos progressos econômicos e científicos, a Comissão considera as políticas educativas

um processo permanente de enriquecimento dos conhecimentos, do saber-fazer, mas também e talvez, em primeiro lugar, como uma via privilegiada de construção da própria pessoa, das relações entre indivíduos, grupos e nações.

Os membros da Comissão centraram suas idéias na esperança de um mundo melhor, em que se respeitem os Direitos do Homem, se pratique a compreensão mútua, em que os progressos no conhecimento sirvam de instrumentos, não de distinção, mas de promoção do gênero humano.

Afirmam que atualmente, a pressão da competição faz com que muitos responsáveis esqueçam a missão de dar a cada ser humano os meios de poder usufruir de todas as suas oportunidades. Então, é necessário retomar e atualizar o conceito de educação ao longo de toda a vida, de modo a conciliar a competição que estimula, a cooperação que reforça e a solidariedade que une.

Por esse motivo, é importante uma reflexão sobre a dimensão da educação permanente para o segmento idoso. É imprescindível dar novo valor à dimensão ética e cultural da educação.

Ainda segundo o relatório citado:

“(...) parece impor-se, cada vez mais, o conceito de educação ao longo de toda a vida, dada às vantagens que oferece em matéria de flexibilidade, diversidade e acessibilidade no tempo e no espaço. É a idéia de educação permanente que deve ser repensada e ampliada. Ela deve ser encarada como uma construção contínua da pessoa humana, dos seus saberes e aptidões, da sua capacidade de discernir e agir. Deve levar cada um a tomar consciência de si própria e do meio ambiente que o rodeia, e a desempenhar o papel social que lhe cabe enquanto trabalhador e cidadão” (Delors, 1999. p.18).

É importante colocar em prática estas ponderações para o idoso que volta a estudar, verificando como ele se enriquecerá intelectualmente, como terá chances de se modificar na medida em que seus talentos, às vezes, ainda encobertos, poderão emergir e recuperar oportunidades de diálogo, de troca de saberes, de participação social, ampliando sua rede de relações: novos amigos, novos arranjos sociais.

É necessário caminhar para uma “sociedade educativa” sem esquecer do grande potencial dos modernos meios de comunicação. Os indivíduos devem utilizar todas as suas possibilidades de aprender e de se aperfeiçoar.

O aumento significativo de universidades abertas da terceira idade me leva a questionar se basta apenas um elenco de disciplinas para atender a demanda dos idosos. É importante que se tenham metas e uma pedagogia adequada que atendam a esse segmento, retomando o conceito de educação ao longo da vida que aparece como uma das chaves de acesso ao século XXI, como diz o Relatório Jacques Delors (1999): “É humanamente impossível uma pessoa acumular, desde o início da vida, uma determinada quantidade de valores e conhecimentos e com eles, resolver indefinidamente seus problemas e situações emergentes.” (Delors,1999. p.23).

Como aponta o referido Relatório (1996), é necessário estar à altura de enriquecer estes primeiros conhecimentos e se adaptar a um mundo em mudanças.

Nesse documento são apontadas quatro aprendizagens fundamentais que serão os pilares do conhecimento para cada indivíduo, ao longo de toda a vida:

. Aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos de compreensão. Aprender a aprender exercitando a atenção, a memória e o pensamento;

. Aprender a fazer, a fim de adquirir competência, para poder agir sobre o meio envolvente;

. Aprender a viver junto, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas;

. Aprender a ser, para melhor desenvolvimento de sua personalidade e ter maior capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal.

Trata-se de um programa de realização completa do homem em toda a sua riqueza e na complexidade das suas expressões e dos seus compromissos: indivíduo,

membro de uma família e de uma coletividade, cidadão e produtor, inventor de técnicas e criador de sonhos.

Cada um desses quatro pilares deve merecer a mesma atenção, a fim de que a educação apareça como uma experiência global ao longo de toda a vida, tanto no plano cognitivo como no prático.

Para Lampert (1999) a tendência para prolongar a escolarização e o tempo livre deveria levar os adultos a apreciar, cada vez mais, as alegrias do conhecimento, a despertar a curiosidade intelectual e a estimular o sentido crítico e aquisição de autonomia na capacidade de discernir.

“Esta nova concepção de educação para o século XXI propicia descobrir, reanimar e fortalecer o potencial criativo das pessoas e a considerar em toda a sua plenitude: realização da pessoa que aprende a ser. É o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade, aptidão para comunicar-se.” (Lampert, 1999. p.36).

A educação ao longo de toda vida deve fazer com que cada indivíduo saiba conduzir o seu destino, garantindo o exercício de uma cidadania ativa. Concluo, portanto, que é pela *educação permanente* que vamos auxiliar o idoso a exercer sua cidadania, fazendo-o sentir a necessidade de mudanças, de unir-se e criar espaços para tornar visíveis suas necessidades, suas soluções e propostas.

Esta *educação permanente* não poderá basear-se em princípios conservadores, mas terá que ser uma educação transformadora, socializadora, capaz de conscientizar o idoso da complexidade, dos conhecimentos que recebe, posicionando-o como um sujeito capaz de provocar mudanças.

3.5 Educação permanente para a terceira idade

Segundo Furter (1975) a nova interpretação da educação, proposta pelos teóricos da educação permanente, abriu perspectivas para a apreensão da correlação íntima que existe entre o desenvolvimento geral e o desenvolvimento individual.

A educação, qualquer que seja seu nível ou forma, não pode, limitar-se a transmitir o que se chama, significativamente, de cultura mínima; deve sim ser um conjunto de ações que crie condições para que cada indivíduo descubra o desejo de aprender a participar e a contribuir para o desenvolvimento cultural.

Sua função será a de propor uma metodologia que facilite o processo de aprendizagem até o momento em que o homem seja capaz de progredir de maneira autônoma e assumindo a sua própria formação. Sobre este processo de liberdade Paulo Freire (1980) diz o que:

(...) importa, realmente, ao ajudar o homem é ajudá-lo a ajudar-se. É fazê-lo agente de sua própria recuperação. É pô-lo numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas. Isto deve ser feito por uma educação corajosa, que propõe ao homem uma reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades.” (Freire, 1980. p.59).

Essa citação pressupõe tomada de consciência do homem que se vê capaz de interferir na história e não apenas ser figurante dela. Freire (1980) nos mostra, na sua obra *“Educação Como Prática de Liberdade”*, que os homens tendem a ser oprimidos visto que existem forças cujo interesse está na alienação do homem, e sendo assim, a partir do momento que o homem aprende a discernir ele terá a capacidade de lutar pelos seus direitos.

A educação deve permitir uma leitura crítica do mundo, deve ser facilitada pelo educador por intermédio de uma ação libertadora. Essa ação começa com a aproximação de pessoas que estão vivenciando situações existenciais semelhantes, como ocorreu nos *“Círculos de Cultura”*, onde grupos de pessoas se encontravam para discutir sobre seu trabalho, sua realidade.

Para Furter (1975) a educação deveria definir-se como um processo e não como um bem; um processo de transformação graças ao qual o homem se desenvolve, informando-se e reformando-se; informando e reformando os outros e o meio em que vive.

Os currículos, a aposentadoria, as leis para os idosos, os programas de saúde, a oportunidade de educação permanente, o lazer comunitário não podem permanecer os mesmos, uma vez que os clientes sociais passam a apresentar novas demandas. Neste contexto a *Gerontologia* surge como um espaço educacional privilegiado para o encaminhamento de ações cujos objetivos buscam adequar as representações e oportunidades sociais às exigências da qualidade de vida.

Veras (2003) acredita que é na meia-idade que a *Gerontologia* inicia a sua vocação específica, na promoção do desenvolvimento tardio, exercendo um papel importante na educação daqueles que envelhecem, promovendo possibilidades e instrumentos que permitam a opção na escolha de suas atividades.

A ação de educar, ou de educar-se, era centrada principalmente nos anos ditos formativos, da infância à adolescência. Mas para Cunha (1980) a essência da educação permanente reside no postulado que todo o indivíduo é um ser inacabado, em constante transformação e reformulação, parte integrante de uma sociedade em mudança, da qual é ao mesmo tempo fator e produto.

A educação permanente passa a ser entendida, hoje, como um processo que não se conclui nunca, estendendo-se por toda a vida dos sujeitos. Significa dar oportunidade de aprendizagens contínuas, objetivando a atualização do ser humano, atendendo suas necessidades de interação e aprimoramento do saber.

A educação permanente é um dos temas que por sua relevância e alcance no mundo contemporâneo tem motivado a atenção de estudiosos, em particular de educadores no nosso país.

Segundo Cunha (1980), a:

“(...) implantação da Educação Permanente no Brasil vem em decorrência do disposto na alínea B do artigo 24 da Lei 5692/71. Constituí-se, doutrinariamente na função do Ensino Supletivo denominado Suprimento. Atende esta função a um imperativo de atualização de conhecimentos, que se torna premente no mundo moderno. Face à complexidade das formas de vida e de trabalho e às sucessivas mudanças que se operam no cenário cotidiano, exige-se de todo cidadão uma

constante atualização em repetida volta à escola, não à tradicional, mas à inteiramente aberta, em que já se vislumbra a própria educação do futuro.” (Cunha,1980. p.28).

A educação permanente é baseada na noção de um currículo flexível, organizado para atender a mudanças de interesses e necessidades de qualquer tipo de clientela, como no caso das UnATIs, que oferece oportunidades de entrada e saída, em diferentes momentos, com menos ênfase em certificados, como pré-requisitos para a participação nas atividades.

Na ótica da educação permanente, professor e aluno encontram-se ambos em processo de maturação e aprendizagem constantes; o professor em muitos aspectos num processo mais adiantado, é verdade, mas sempre com possibilidades de aprender cada vez mais. Neste contexto Furter (1975) acrescenta que:

“Não existe e não deve existir uma educação permanente que forme ramificações, um setor ou um campo específico da educação. A verdadeira educação permanente nada mais é que uma modificação completa, uma reestruturação de todo o sistema educacional.” (Furter, 1975. p.140).

Entendo que em se tratando de uma educação para a terceira idade, se deve estabelecer um ensino mútuo de troca de experiências entre professores e alunos e alunos e alunos. Muitas das vezes esses sujeitos possuem uma experiência de vida em determinados assuntos que só vem a possibilitar relações generosas com os outros e com o ambiente que o cerca.

É notório que muitas pessoas que deixam de pertencer aos grupos de trabalho, por causa da aposentadoria, sentem tanto os efeitos desse afastamento que desenvolvem doenças somáticas, apenas porque deixaram de “*sonhar*” juntos e de trocar experiências.

Vale destacar que ninguém pode ficar fora do convívio com grupos, isolado, já que as pessoas sonham, sentem, pensam e operam juntas. As relações interpessoais ocorrerão favoravelmente quando a metodologia de aprendizagem comprometer os alunos e torná-los cúmplices de objetivos a serem alcançados.

A educação do futuro terá lugar também fora do horário escolar, em local e hora da própria escolha do indivíduo. Os novos currículos devem promover oportunidades para estes novos sujeitos que estão voltando às salas de aula, dando-lhes meios para que possam ouvir observar, ler, expressar-se e adquirir técnicas para obter informações e criar novas idéias e soluções para os seus problemas.

Esta metodologia que privilegia não só o saber elaborado, mas também os seus momentos de construção, resgate de histórias de vida e contatos com outras gerações promove trocas de conhecimentos significativos.

O educador e o educando, a partir desta realidade, constroem e desconstroem em comunhão novos saberes, reordenam os antigos conhecimentos e resignificam os saberes atuais. E pelo exercício de um pensamento crítico que se encoraja o sujeito a aguçar a sua curiosidade e a descoberta do mundo para interpretá-lo, nele intervir, transformá-lo e transformar-se.

Assim, concluo que a educação é permanente porque o homem não acaba nunca de amadurecer, qualquer que seja a idade, o sexo e a situação sócio-econômica. É neste contexto, que as universidades abertas para a terceira idade almejam o status de uma revolução pedagógica voltada para a educação permanente para a terceira idade, oferecendo a estes novos alunos a oportunidade de continuar a sua educação em um espaço de trocas que levam a reeducação, a democratização, a transformação, e a sua inserção às novas perspectivas da vida contemporânea.

4 UNATIS: RENOVANDO A MENTE E A ALMA DOS DIPLOMADOS PELA VIDA

4.1 As primeiras iniciativas de programas para a terceira idade

Nos últimos anos tem ocorrido um aumento significativo do número e da variedade de iniciativas voltadas para pessoas idosas. Da mesma forma, vêm crescendo em todo o país as discussões em torno das características e direitos desse grupo etário, em especial relacionado à aposentadoria e à sua qualidade de vida.

Mesmo em um país como o Brasil, tradicionalmente identificado como um "*país jovem*", que dá pouca atenção aos seus idosos, a velhice vem se tornando, de forma particular, uma questão de ordem pública, não mais restrita à esfera privada e da família.

Frente ao Estado e à sociedade, que não podem mais ignorá-lo, o idoso se tornou ator na cena política e social, redefinindo imagens estereotipadas, nas quais a velhice aparece associada à solidão, doença, viuvez, morte, etc. e que enfatizam essa fase da vida como uma condição desfavorável, muitas vezes indesejada.

No entanto, vem sendo divulgado pela mídia um número cada vez maior de matérias sobre pessoas idosas que de alguma forma estariam agindo como "*não-velhos*". São pessoas de idade avançada voltando aos estudos, praticando esportes, ginástica, dançando e se divertindo, em atividades que demonstram uma vitalidade e uma alegria normalmente identificadas apenas com a juventude.

Freqüentemente, essas matérias têm como objetivo mostrar a superação da velhice e de sua condição de degradação física e social. Em seu subtexto, ao apresentar essas pessoas como exemplos de vitória sobre o tempo, enfatizam a responsabilidade de cada indivíduo perante a forma como envelhece.

Tais matérias atribuem a essas pessoas a categoria "*terceira idade*", enquanto para aquelas que não se comportam da mesma forma, porque não podem ou não querem, restaria o rótulo de "*velhos*" e toda a carga pejorativa que o acompanha.

Assis (1989) acredita que o aumento da participação social dos idosos e o surgimento de novas representações sobre a velhice e envelhecimento não podem ser explicados unicamente pelo envelhecimento da população, pois são reflexos de mudanças que implicam redefinições das formas de periodização da vida, das categorias etárias que recortam a organização da sociedade e a revisão das formas tradicionais de gerir a experiência de envelhecimento.

Um processo de "politização", com características próprias das sociedades contemporâneas, está alçando a velhice à dimensão pública, tornando mais evidentes os mecanismos e os agentes de sua construção social, bem como explicitando o papel desempenhado por cada um deles: o Estado, através de políticas sociais, o saber científico institucionalizado e as pessoas idosas.

A partir do início dos anos 60, na França, começam a surgir às primeiras atividades voltadas para idosos no meio universitário. A generalização do termo "*universidade*" se justifica por envolverem atividades que visam à formação por meio de oficinas, cursos, palestras, seminários e conferências para a produção de conhecimento através de ensino e pesquisas, ou por desenvolver suas atividades dentro do *campus* universitário.

É verdade como assinala Camargo (1995) que:

"(...) quando essas iniciativas aparecem, seus objetivos não se caracterizavam unicamente pelo compromisso com algum tipo de aprimoramento intelectual. Com uma origem próxima à dos programas para a terceira idade, as UnATIs surgiram voltadas para promoção de sociabilidade através do lazer". (Camargo, 1995. p. 46).

Em meio a outras justificativas, como promover a integração entre gerações, ou a divulgação de novas imagens da velhice, para sensibilizar a opinião pública e as autoridades, as UnATIs sempre estiveram marcadas pela ambigüidade de serem centros de produção de conhecimentos e espaços destinados ao lazer.

Neste primeiro momento, estas Universidades estavam mais interessadas em criar um espaço voltado quase e exclusivamente às atividades culturais e à sociabilidade,

tendo como objetivo ocupar o tempo livre de seus integrantes aposentados e favorecer as relações sociais entre eles. Talvez por isso, no início eram mais conhecidas como Universidades do “*Tempo Livre*”.

A primeira UnATI teria sido criada por Pierre Vellas, em maio de 1973, na Faculdade de Direito da Universidade de Toulouse voltada para o ensino e pesquisa. Segundo o seu fundador, elas deveriam ser fundamentalmente instituições de saúde pública visando elevar os níveis de saúde física, mental e social das pessoas idosas, bem como colocar à sua disposição programas de atividades particularmente adaptados.

Camargo (1995) destaca que a estes principais objetivos foram progressivamente acrescentados outros princípios fundamentais:

- . Recusar a segregação das pessoas idosas e suas exclusão da vida social: abertura destes espaços a todos que o desejem, sem impor limites de idade ou formação escolar.

- . Preservar a especificidade universitária e adaptar a pedagogia, de forma a garantir nível e qualidade de ensino do mais alto nível ao maior número de pessoas.

- . Desenvolver um ambiente simples e amical para romper com a solidão, criando um lugar de agradável convivência, descentralizando a partir da criação de outros centros associados dentro ou fora da universidade.

Na sua segunda geração as atividades educativas das UnATIs apoiavam-se nos conceitos de participação e desenvolvimento de estudos sobre o envelhecimento. As pesquisas no campo da gerontologia ganharam suporte institucional e encontraram, neste espaço privilegiado, um enorme campo de investigação, contribuindo para a elevação dos níveis de vida e de saúde de seus estudantes da terceira idade.

Já nos fins da década de 70, em face do sucesso da Universidade de Toulouse, Attias (1986) refere à existência de outras 20 Universidades, em diversas cidades francesas, além da Bélgica e na Suíça. Todas funcionavam de forma diferente, pertencendo algumas ao quadro da universidade tradicional, outras ligadas ao campus universitário, e outras vinculadas a associações particulares.

Outro modelo de UnATI surgiu em Nanterre, próximo a Paris, denominada “*Universidade para a terceira idade*”, pois pela primeira vez, uma Universidade abriu as portas para que pessoas dessa faixa etária pudessem frequentá-la sem a exigência de diploma ou qualquer tipo de exame.

A peculiaridade deste modelo consistia na possibilidade do aluno da terceira idade ingressar apenas com o curso primário nas matérias oferecidas a alunos de cursos superiores. Assim, indivíduos com idades e formação acadêmicas díspares relacionavam-se na mesma sala de aula sem nenhum obstáculo, levando a pessoa idosa a adquirir mais segurança na discussão de temas intelectuais e na troca de idéias com os da nova geração.

O terceiro modelo de universidade envolvendo a temática da terceira idade foi denominado “*universidade da terceira idade*”, englobando cursos de formação e treinamento em Gerontologia para profissionais – ao nível de especialização e extensão – e cursos de preparação para a aposentadoria.

A Itália é outro país onde as universidades da terceira idade também foram implantadas. Em Milão são quatro instituições todas particulares, atendendo a aproximadamente seis mil alunos, entre 55 e 70 anos, sendo que mais de 80% são mulheres e portadores de um diploma de nível médio ou superior.

Dentre as quatro UnATis de Milão Frutuoso (1996) destaca a *Universidade Livre de Lombarda* – ULL, que funciona desde 1980, contando com cursos que variam anualmente, de acordo com a preferência dos inscritos, limitando as suas vagas a 1300 alunos por ano. Já a Universidade da Terceira Idade Cardeal Giovanni Colombo, foi criada em 1983, por decisão do arcebispo de Milão, e até hoje é controlada pela igreja, sendo 40 anos a idade mínima para o ingresso nos seus cursos.

A partir de então, as universidades para a terceira idade são chamadas a desempenhar um novo papel: o de Centro de Pesquisas Gerontológicas. Para Vellas (1973), a pesquisa em Gerontologia é, de fato, tão indispensável quanto à elevação

da esperança de vida dos seres humanos, sendo um desafio aos médicos, psicólogos, sociólogos e políticos, para que atuem rapidamente.

No final dos anos 80 entra em cena, na França, a terceira geração das UnATIs, que se caracteriza pela elaboração de um programa educacional bem mais amplo, voltado para uma população de aposentados cada vez mais nova e escolarizada, exigindo cursos universitários formais com direito a créditos e diplomas.

As UnATIs passam assim a elaborar um programa baseado em três eixos: participação, integração e autonomia. Transformando o estatuto dos estudantes que, de simples consumidores, passam a produtores de conhecimento na medida em que passam a participar das pesquisas universitárias.

Estas pesquisas, feitas em parceria com os alunos, implicam em um engajamento maior da parte destes, pois mobilizam seus conhecimentos, criatividade, vontade, inteligência e memória. Um dos objetivos deste tipo de pesquisa é levar em consideração situações e experiências pessoais dos participantes, privilegiando as discussões em grupo.

Pesquisa realizada na UnATI francesa de Toulouse, no ano de 1994, revelou que 7 entre 10 estudantes da terceira idade são mulheres; 48% têm entre 60 e 69 anos; 07 entre 10 são casados e 03 vivem sozinhos. Além disto, 42% não terminaram o segundo grau e só 19% tinham nível superior completo.

No que tange aos motivos que os levaram a se inscrever nas universidades da terceira idade, 40% são de natureza intelectual (curso de educação permanente), 30% de natureza pessoal (curso de ginástica, saúde, etc.) e 30% de natureza social (jogos, dança, passeios, etc.)

Na Europa a preocupação com o idoso atingiu tal nível que 1995 foi denominado o “ano europeu das pessoas idosas e da solidariedade entre gerações” e, hoje, existem mais de 1200 universidades abertas para a terceira idade no mundo.

E assim Camargo (1995) observa que:

“(...) como as representações sociais da velhice sempre estiveram associadas ao isolamento e a inatividade, as UnATIs passam a constituir um dos territórios ideais de construção a nova imagem da velhice. Combinando sociabilidade com educação permanente elas simbolizam, para toas as gerações, a nova identidade da velhice através da difusão de um outro modo de vida”. (Camargo, 1995. p.66).

A volta aos bancos escolares possibilita aos idosos possivelmente encontram alternativas dinâmicas de auto-desenvolvimento e atualização. Mais ainda, as citadas universidades podem tornar-se local de reflexão para os mais velhos, no sentido de massa crítica e num processo coletivo, lutarem pelo respeito aos seus direitos exercendo o papel de cidadãos conscientes.

4.2 Uma gestão de experiência com a terceira idade no Brasil

Uma das características deste século seria, segundo alguns autores, a presença de um processo extremamente veloz de redefinições e reestruturação das fases da vida, bem como dos conteúdos específicos atribuídos a cada fase. Novas fases são criadas, como a “*meia-idade*”, a “*terceira idade*” e, recentemente, a “*adullescência*”, em um processo que Featherstone (1994) chamou de colonização do curso da vida.

A modernidade, de acordo com este autor, teria criado uma periodização com fases bem definidas, enquanto na pós-modernidade as distinções entre as fases estariam se dissolvendo. Estaríamos vivendo um embotamento das fases do curso da vida, ao mesmo tempo em que, de forma contraditória, novas fases continuariam sendo propostas.

A “terceira idade” expressa essa situação, pois é uma sensibilidade em relação à velhice que vem se transformando, como reflexo e sintoma das formas de sociabilidade que se desenvolvem contemporaneamente nos grandes centros urbanos, numa operação que encontra nos programas para a terceira idade um espaço propício a sua realização.

Prolifera, hoje, nos principais centros urbanos do país, uma variedade de iniciativas que vão de cursos de teatro e dança, UNATIs, programas de pré-aposentadoria, programas de lazer e convívio, organizados por administrações municipais e estaduais, agências de turismo, bem como programações específicas para idosos, como bailes e passeios.

Attias (1986) crê que o conjunto de representações sobre a condição do idoso nessa época, e os trabalhos que buscam explicar a condição de vida dessa população, bem como propor soluções, apontam para a "*culpa*" da civilização moderna quanto à condição de vida da população idosa.

A sociedade industrial e de classes — com sua velocidade particular e a generalização do estatuto de descartável atribuído a tudo que não acompanhe essas mudanças — explicaria a marginalização a que os idosos são relegados no cotidiano. Valorização social e estratégias de (res)socialização apareceram assim como alternativas a essa condição marginal. Esta seria, acredito, a origem e a razão de ser dos programas para a terceira idade.

Segundo Frutuoso (1996) tudo começou, no Brasil, em 1960 quando os comerciários aposentados do Sesc de São Paulo vinham almoçar no restaurante da instituição e por lá ficavam batendo papo e lendo jornal; logo lhes foi cedida uma sala para jogos e televisão. Desse encontro cotidiano surgiu a proposta de criação dos grupos de convivência que se espalharam pelo Brasil afora.

Após esta iniciativa foram abertas as portas aos aposentados de todas as categorias profissionais. O primeiro projeto visava estimular a participação desse grupo em atividades físicas, sociais e culturais, tendo por objetivo a manutenção da atividade intelectual e atualização, o contato com outras gerações e a educação permanente.

Algum tempo depois, no ano de 1977, assessorados por gerontólogos da Universidade Aberta da Terceira Idade de Toulouse, os técnicos do SESC fundaram a primeira "*Escola aberta para a terceira idade*", primeiro embrião das UnATIs brasileiras.

Criadas no final dos anos 80, as universidades brasileiras de terceira Idade surgiram num momento em que suas similares européias já festejavam a entrada na terceira geração. Dentre as várias UnATIs que surgiram no nosso país, destacamos a da Faculdade de Serviço Social da PUC de Campinas, São Paulo, que criou, no ano de 1990, um modelo novo de UnATI.

Ainda na década de 80, esta faculdade realizou em parceria com o SESC um estudo sobre o perfil do idoso de Campinas e regiões periféricas fazendo um levantamento dos recursos e programas assistenciais voltados para os idosos nos abrigos, lares, asilos, prefeituras municipais, hospitais, clínicas geriátricas, empresas, indústrias, bancos e universidades.

A grande novidade introduzida pelo projeto da UnATI/Campinas foi a criação de um currículo que privilegia as relações intergeracionais, sendo constituído de três níveis de atividades escolares, com duração de um semestre cada, que permitem que ao estudante uma inserção no contexto formal do ensino superior, participando assim de diversas disciplinas junto aos jovens universitários.

Estes níveis são assim distribuídos:

- . Nível I – Voltado para a atualização cultural, integração grupal, reorganização da identidade pessoal, sensibilização social e elaboração de um novo projeto de vida;
- . Nível II – Enfatiza a formação dos grupos de estudos, a preparação de monitores, engajamento em novos programas comunitários, inserção em novos cursos e atividades da universidade.
- . Nível III – Privilegia as atividades entre as gerações através de cursos de extensão à comunidade através da prestação de serviços em que atuam estudantes dos vários cursos de graduação, professores e alunos da UnATI.

Este parece ser o modelo que mais se aproxima da proposta francesa de universidade para a terceira idade. Inspiradas nesta idéia outras Universidades brasileiras implantaram núcleos, programas e universidades para a terceira idade.

Frutuoso (1996) destaca que, nos anos 90, multiplicaram-se as demandas por programas de atenção aos idosos, conseqüência do rápido envelhecimento da

população brasileira, cuja proporção de pessoas de mais de 60 anos atinge 15 milhões de pessoas, 8,6% da população brasileira.

Uma das primeiras UnATIs brasileiras surgiu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul no segundo semestre de 1990. Esta UnITI, criada como Projeto de Extensão do Setor de Psicologia Social e Institucional, com uma temática sociocultural e promovendo o trabalho voluntário, oferece seus cursos a pessoas com mais de 50 anos sem nenhuma exigência quanto a escolaridade.

A Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC/CAMP, em São Paulo, criou em 1990 a *Universidade para a terceira idade*, estruturando as suas atividades em dois níveis, organizando os cursos em oito módulos interdisciplinares e aceitando inscrições a partir dos 45 anos, sendo, porém necessária a freqüência a 60 % das aulas para receber o certificado.

Os seus projetos despertaram a atenção da mídia, o que lhe propiciou espaço nacional, no sentido de que ao organizar em Campinas o “1º Encontro Sobre o Envelhecimento – Desafios Para os Anos 90” contou com a presença de representantes de dez estados brasileiros interessados no intercâmbio de informações e experiências.

Também em São Paulo encontra-se a *Universidade Aberta para a Terceira Idade* da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – UNATI/PUC/SP, fundada em 1991, a qual oferece, em cursos de três semestres, cada um com 90hs aula, em três módulos básicos: (a) reciclagem e atualização cultural; (b) Orientações práticas para uma vida saudável; (c) Atividades sócio-culturais e educativas. O limite mínimo para as inscrições é de 45 anos, e o sucesso foi tão grande que levou a criação de um extensão dessa universidade no Instituto de Educação Costa Braga, em Santo Amaro, zona sul de São Paulo.

Vale ainda destacar, na cidade de São Paulo, a criação, em 1993, da primeira *universidade aberta à terceira idade* do Estado, como projeto da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo – Usp, que optou pelo modelo de oferecer vagas em cursos regulares de graduação nas unidades,

complementando o seu programa através de atividades especialmente dirigidas aos idosos.

A idade mínima para ingresso na UnATI da Usp é de 60 anos, sendo exigido dos alunos a realização de todas as tarefas acadêmicas a que estão sujeitos os jovens; há ainda exigência de atendimento a pré-requisitos na disciplinas escolhidas pelo idoso, estudo do seu currículo pelo Departamento seguido de entrevista quando necessário.

Na Bahia, foram criadas duas universidades da terceira idade, uma, em 1992, organizada pela Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Salvador; outra, em 1993, no Campus da Universidade do Estado, em Feira de Santana. A primeira, denominada *Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI* oferece atividades duas vezes por semana com base nas teorias de currículo modular integrativo e da interdisciplinaridade.

No Rio de Janeiro, por sua vez, até o primeiro semestre de 1993, apenas a iniciativa privada oferecia atividades em universidades para a terceira idade. Eram elas as *Universidades da Terceira Idade* das Faculdades Integradas Hélio Alonso, da Universidade Veiga de Almeida, da Universidade Gama Filho e da Universidade Metodista Bennett.

Mais recentemente, criou-se a Universidade da Terceira Idade da Universidade Castelo Branco, e, em agosto de 1993, no Estado do Rio de Janeiro foi criada a *Universidade Aberta para a Terceira Idade*, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Especificamente a estrutura organizacional da *Universidade da Terceira Idade* da Universidade Veiga de Almeida, destacada por Frutuoso (1996), apresenta-se em três etapas: níveis I, II e III, cada um com duração de um semestre letivo. Os trabalhos têm sido realizados através de cursos e de um mural cultural, com seminários, painéis, excursões culturais monitoradas, vistas a instituições e aulas práticas conforme o interesse da clientela. As condições de participação da

UnATI/Uva é ter mais de 50 anos, escolaridade compatível com o entendimento da programação elaborada e atingir 70% da frequência.

Seguindo o modelo destacado pelas universidades européias, objetivando a integração de gerações, a Universidade Gama Filho cria a *Universidade Aberta à Terceira Idade*, a UnATI/Gama Filho, organizada em dois módulos sucessivos e obrigatórios, antecedendo a participação dos alunos como ouvintes em disciplinas oferecidas pelos cursos regulares no programa, através do módulo III, e no Grupo de Convivência e Sensibilização – Gcs.

No Estado do Rio de Janeiro a Universidade Metodista Bennett, a FACE, com objetivos de *Universidade da Terceira Idade*, não exige idade mínima para matrícula, sendo a faixa etária de seus alunos entre 50 e 60 anos de idade. Oferece módulos de dois em dois meses, exigindo que os alunos sejam alfabetizados e que haja inscrição em um grupo básico.

Para Attias (1986) a proposta das UnATIs encontrou boa receptividade por parte de toda a população-alvo mas ressalva que:

“(...) a história dessas instituições é fortemente marcada por um processo de questionamento do modelo asilar que, embora, seja menos acentuado no que se refere à velhice do que em relação aos "loucos" e aos "órfãos" ofusca o desenvolvimento da autonomia das questões do envelhecimento. São os programas para a terceira idade os principais responsáveis pelo desenvolvimento dessa autonomização, buscando uma identidade própria sem abrir mão do saber científico como inspiração.”
(Attias, 1986 .p10)

Em resumo, a partir do exposto neste tópico, pode-se dizer que as *Universidades Abertas da Terceira* constituem uma nova estratégia para abordar a problemática do idoso no Brasil. Quanto ao município do Rio de Janeiro, tendo em vista as especificidades e objetivos da pesquisa, e considerando a relevância da UnATI/UERJ, julguei pertinente dedicar-lhe maior atenção, em termos de descrição histórica e de objetivos, e é o que apresento na seqüência do estudo.

4.4 Uma proposta de educação permanente para o cidadão idoso

Mais recentemente, frente à demanda por intervenções e um mercado crescente de pessoas idosas, um conjunto, muitas vezes contraditório, de representações, é acionado no sentido de demonstrar um envelhecimento adequado e uma transição bem-sucedida a essa fase da vida.

Debert (1993) acredita que essa face do discurso sobre a velhice é parte de um processo crescente de socialização da gestão da experiência de envelhecer, se operando através de uma imagem mais positiva do envelhecimento, que tende a enfatizar a responsabilidade de cada indivíduo perante a forma como envelhece.

Espera-se que cada pessoa faça da sua experiência de envelhecer um projeto desenvolvido em meio a uma crescente quantidade de recursos e discursos, desde as UNATIs e programas de pré-aposentadoria até as tecnologias mais sofisticadas de "*profilaxia*" do envelhecimento, baseadas em drogas e hormônios.

As discussões sobre a importância de uma *educação permanente* para idosos tem levado os dirigentes das UnATIs a patrocinar debates e publicar artigos de *experts* no assunto (Veras,2005; Caldas,2004; Both,1999; Frutuoso,1996; Kalache,2005). Nesses debates são vinculadas duas perspectivas teóricas: a primeira concebe a educação como estratégia de socioterapia, promovendo e estimulando a integração social.

Nesta perspectiva, a educação é um instrumento de promoção social. A segunda concebe um envelhecimento melhor para aqueles que mantêm a mente ativa através de atividades educativas. Nesta perspectiva, a educação seria tanto uma espécie de ginástica mental — que evita a deterioração das atividades cognitivas — quanto um instrumento para aquisição de novos conhecimentos.

O aspecto simbólico da universidade tem um papel importante na dualidade: saber/lazer, não apenas para a instituição, mas também para seus alunos. Frutuoso (1996) destaca o peso simbólico da Universidade como importante na opção para frequentar uma UnATI.

A valorização da universidade no universo sócio-simbólico ao qual pertencem os alunos é comum, não somente devido a uma parte desses alunos terem curso superior, mas também por terem filhos ou netos cursando, ou já tendo cursado, a universidade, normalmente associada ao saber e à possibilidade de ascensão social, profissional e mesmo existencial.

O objetivo é fazê-los retornar aos bancos escolares, com um conjunto de alternativas dinâmicas de auto-desenvolvimento e atualização. Neste sentido é importante desenvolver-se um planejamento estratégico que proporcione uma aprendizagem que contemple atividades diferentes, considerando-se as diferentes fases da vida humana, com a expectativa de promover uma educação prazerosa e efetiva, com mudanças de métodos e abordagens pedagógicas.

Frutuoso (1996) observa que:

“Os cursos das Universidades Abertas para a Terceira Idade dizem respeito à proposta pedagógica que procura trabalhar e desenvolver esse conceito de educação permanente voltando-se para a atualização, valores e atitudes das pessoas maduras, tanto no que diz respeito às suas atividades sociais, culturais e políticas individuais, como incentivando o exercício da cidadania”.
(Frutuoso, 1996. p.73).

Nos países desenvolvidos e em quase todos os participantes do MERCOSUL, cresce o movimento que estimula a educação permanente e continuada, considerando o homem e a mulher como seres capazes de aprender desde o seu nascimento e durante todo o percurso da sua vida.

A implementação de Leis e a sua aceitação dependem muito do parecer dos políticos para que alcancem sua legitimação. Os novos paradigmas da educação favorecem conhecimentos sob a ótica do bem-estar biopsicossocial, orientando alunos a descobrirem os caminhos da autonomia, no sentido de preservar seus objetivos.

A Política Nacional do Idoso (PNI) tem como principal objetivo assegurar os direitos sociais dos idosos no Brasil e a promover a suas autonomia, integração e

participação efetiva na sociedade, por meio do acesso a bens e serviços voltados para esses propósitos.

A importância atribuída à questão da educação para o envelhecimento esta expressa em dispositivos legais: A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, de 20 de dezembro de 1996, o Decreto nº 1948/96 e a Lei nº 8842, de janeiro 1994, que dispõem sobre a Política Nacional do Idoso (PNI). Frutuoso (1996) destaca:

“O artigo 43, item VII, da nova LDB parece claro ao se referir a extensão universitária como uma das funções da educação superior, qual seja, a de promover a extensão, aberta a participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição. Já o item VI refere-se a prestação de serviços especializados a comunidade, estabelecendo uma relação de reciprocidade (...). Esse artigo respalda de certa forma as atividades que já vêm acontecendo nessas instituições com pessoas da Terceira Idade. De outra parte, a atual LDB prevê uma educação inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tendo como finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (Frutuoso, 1996. p 89)

Concluo, portanto que as UnATIs poderão contribuir decisivamente neste novo projeto pedagógico, fortalecendo e incluindo disciplinas para a melhoria da qualidade de vida humana em seu processo de longevidade, corrigindo a trajetória disciplinar da exclusão e seu prejuízo vital para o cidadão idoso.

Se todos os programas educacionais voltados para a terceira idade tiverem como meta a recuperação do valor social, cultural, moral e econômico do cidadão idoso, atualizando-o, como também promovendo uma vida útil e plena, permitindo a essas pessoas, por meio de uma educação permanente, o acompanhamento dos avanços tecnológicos, estes passarão, com certeza, ao status de pessoas produtivas e atualizadas com as transformações que ocorrem no mundo hoje.

5 UNATI/UERJ:12 ANOS

5.1 UnATI/UERJ

Os programas, hoje oferecidos pelas UnATIs, são dedicados à reformulação de padrões tradicionais do envelhecimento, na medida em que vivenciam em ambiente de ensino, de forma coletiva, uma melhora na qualidade de vida do cidadão idoso. Esta ação educativa privilegia a dinâmica da sociedade, que produz a renovação de valores, atualizando e reciclando culturalmente os idosos, colocando-os em sintonia com o mundo contemporâneo.

Segundo Kachar (2001) a Universidade Aberta vem oferecendo a sua clientela a possibilidade de ampliar seus conhecimentos e seu círculo de amizades, passando a significar para alguns uma oportunidade sem igual para reencontro e redescoberta de seu potencial, sendo assim valorizados como cidadãos ativos e participantes da sociedade.

Neste capítulo pretendo relatar os programas que vêm sendo desenvolvidos pela Universidade Aberta Para a Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UnATI/UERJ, onde possivelmente uma das maiores qualidades deste trabalho esteja centrado nos novos paradigmas que envolvam a dimensão e a complexidade do que hoje representa o envelhecimento humano no nosso país.

Pelo fato de se localizar no interior de uma grande universidade pública este modelo possibilita o convívio entre distintas gerações, como estratégia de se reduzir à discrepância entre preconceitos e uma série de valores.

A enorme gama de cursos e atividades nas mais variadas áreas do conhecimento, as estruturas de apoio como bibliotecas, laboratórios e, ainda, as tecnologias inovadoras desenvolvidas em uma universidade foram agregadas ao projeto como suporte para a transmissão de novos e qualificados conhecimentos em diferentes áreas, para os estudantes com mais de 60 anos.

A UnATI/UERJ privilegia o coletivo, acreditando que os fatores causais determinantes da saúde e da doença, assim como do bem-estar geral, incorporam dimensões sociais. Segundo Veras (1995), outra: “(...) singularidade da perspectiva que orienta a concepção da UnATI/UERJ é que, devido à sua origem acadêmica, entende que as UNATIs devam ser um fórum para a produção de conhecimento e pesquisa”. (Veras, 1995. p. 54).

Assim através da Resolução Nº02/1994 – Cria o Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Aberta Sobre a Terceira Idade – UnATI. (Anexo).

5.2 Uma micro universidade temática

Não existe uma velhice, mas maneiras singulares de envelhecer. Para Simone de Beauvoir (1990), à medida que o tempo passa, vai adicionando processos do desenvolvimento individual e da socialização ao grupo em que se insere: internalizando normas, regras, valores, cultura.

Partindo desta idéia, no final da década de 1980, o professor Américo Piquet Carneiro idealizou um grande Centro de Convivência voltado para o estudo da população idosa que, além de compreender uma unidade de saúde de referência pudesse ser um lócus de formação qualificada de profissionais de saúde e áreas correlatas e de produção e disseminação de conhecimento por meio do desenvolvimento de pesquisa.

Segundo Caldas (1992), um Centro que prestasse assistência e serviços de diversas naturezas a idosos de diferentes faixas etárias, gêneros, etnias, extratos sociais e níveis educacionais e culturais, sempre guiado pela excelência das alternativas oferecidas. Enfim, um Centro de Convivência e excelência no interior da universidade pública.

Anos antes de um maior reconhecimento da necessidade de um conjunto de políticas voltadas especificamente para os idosos, o Prof. Américo Piquet Carneiro, com sua característica capacidade de antevisão, começou a reunir, no Hospital

Universitário Pedro Ernesto (HUPE) da UERJ, um grupo pioneiro de profissionais interessados nas questões da terceira idade.

A partir dos debates e trocas de experiências profissionais e institucionais, sistematizou-se o Projeto Núcleo de Atenção do Idoso do HUPE, que se propunha a oferecer atenção integral à saúde do idoso, numa ação multiprofissional e interdisciplinar, vendo o idoso como ser humano integral e sua saúde inserida em um processo amplo de aprimoramento da qualidade de vida. Estava, assim, constituído o embrião da UnATI/UERJ.

O documento propondo a criação do programa inicial, de 1989, centra suas preocupações na criação de um modelo de atendimento adequado às necessidades de saúde do idoso, por intermédio da organização de um Centro de Promoção da Saúde de Idosos no Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), com um serviço voltado para o atendimento das variadas necessidades da população idosa, tanto física, como sociais e psíquicas.

Com esta finalidade, médicos, enfermeiros, psicólogos, fisioterapeutas, nutricionistas e assistentes sociais passaram a integrar a equipe técnica do Centro, onde cada categoria profissional passou a desenvolver, de forma integrada, atividades específicas para o cidadão idoso.

Considerou-se vital inserir o Centro de Saúde no sistema público de saúde, na época denominado Sistema Único de Descentralizado de Saúde do Estado do Rio de Janeiro (SUS-RJ), de modo a que se efetivasse uma política de atenção à saúde dos idosos, até então, em grande medida, excluídos da rede pública de assistência médica.

Esta nova concepção de Centro de Saúde do Idoso, além de serviços especializados no tratamento de doenças, estaria voltada para a promoção da saúde, desenvolvendo atividades lúdicas e de estímulo à convivência, além de Prestar informações sobre direitos civis e fomentar várias discussões.

A concretização dessas proposições ocorreria em seguida, por meio de uma estrutura estabelecida de acordo com os preceitos da Universidade. Assim, em 25 de Agosto de 1993, a Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro constituiu-se formalmente como um programa vinculado ao Instituto de Medicina Social da Uerj.

Essa identificação entre a UnATI e a universidade se dá por uma analogia à academia, em função de seu papel comum na produção de conhecimento, ou através de uma identificação metonímica com a universidade, da qual ela seria um modelo em miniatura. Assim a UnATI/UERJ é estruturada e apresentada como uma "*microuniversidade temática*", resultado da união de ensino, extensão e pesquisa.

Veras (1995) declara que a forma de se referir à UnATI/UERJ como uma "*microuniversidade temática*" a coloca como uma superação dos centros de convivência. Além disso, ao inserir a intervenção junto aos idosos no universo acadêmico, pretende ampliar o escopo de tais práticas, pois seus objetivos extrapolam os limites imediatos do atendimento direto.

Sobre as questões relacionadas à velhice Piquet Carneiro (1980) assinala que:

“O envelhecimento populacional será, seguramente, um dos maiores problemas sociais a se enfrentar, em futuro próximo, em todo o mundo. Torna-se urgente, portanto, que os governos e as universidades comecem a dar atenção a essa grave questão, organizando centros ou institutos para o estudo dos aspectos biológicos e sociais do envelhecimento e elaborando programas para a recuperação e utilização da imensa força de trabalho que representa uma grande percentagem de pessoas que se aposentam cedo, ainda com muito vigor físico e intelectual, que o país não pode desprezar e abandonar”.(Américo Piquete Carneiro – Professor Emérito da Uerj – 1980)

Como educadores-profissionais e como pesquisadores, precisamos por um lado, envidar esforços no sentido de desvelar, no currículo escolar, em todos os níveis, mecanismos de reprodução-resistência ideológica, em relação ao idoso, e por outro desenvolver experiências pioneiras que procurem reverter esse processo.

Na Universidade, há lacunas importantes, não só nos cursos de formação de educadores, mas também em outras áreas, no âmbito das ciências humanas e tecnológicas. Não é mais possível ignorar, na formação de profissionais universitários, que o envelhecimento é fenômeno característico de nossos dias. E essa constatação não pode restringir-se ao plano da retórica e das boas intenções. Precisa alcançar o currículo, o ensino, a pesquisa e a extensão universitárias, em cada centro, curso ou departamento da Universidade.

5.3 Um modelo de cuidado integral para população que envelhece

O tempo livre, o lazer, a educação, a pesquisa e a socioterapia, entre outras questões recorrentes que envolvem as instituições voltadas para idosos, são destacadas nas propostas da UnATI/UERJ como significativas ou secundárias, de acordo com o contexto em que são acionadas, tendo em vista a imagem com a qual a instituição pretende se apresentar, ou com a qual pretende se contrapor a outras instituições.

Ao mesmo tempo, tem como objetivo contribuir para reduzir o isolamento e solidão dos idosos, e reintegrá-los à sociedade, resgatando sua cidadania e sua participação na produção de novos valores, bem como atuar na redefinição das imagens da velhice e do envelhecimento, e das relações entre as gerações, aproximando-se, com esses objetivos, das propostas mais gerais dos centros de convivência.

Dificuldades teóricas, operacionais e conceituais não faltaram no início do programa da UnATI/UERJ. Foram muitas reuniões, adaptações e alterações a partir do primeiro esboço do projeto, pois não se pretendeu chegar a um modelo definitivo e acabado.

No entanto, hoje, doze anos depois, avaliando por intermédio da participação e dos registros de relatos de alunos idosos, dos trabalhos científicos realizados e de grande aceitação do programa junto a comunidade científica e a sociedade acredita-

se que o projeto UnATI/UERJ já se encontra consolidado o suficiente para fomentar um debate qualificado junto a um público bem mais amplo.

A UnATI/UERJ iniciou suas atividades no segundo semestre de 1993, contando atualmente com um diversificado número de profissionais que vem realizando os ideais do Prof. Américo Piquet Carneiro, expressos numa concepção de U3A (University of Third Age), tornando-se um dos mais avançados experimentos de uma micro-universidade temática.

Situada no 10º andar da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no bairro do Maracanã, dispõe apenas de 700 m, espaço este muito pequeno face à diversidade de oficinas oferecidas. Mesmo assim, desde os primeiros esboços do projeto, foi estabelecido o seguinte conjunto de metas para suas ações nas áreas de (1) Ensino, (2) Extensão e (3) Pesquisa, sempre visando à vida com qualidade para o idoso:

- Promover estudos, debates, pesquisas e assistência à população idosa do Estado do Rio de Janeiro.
- Assessorar órgãos governamentais na formulação de políticas específicas para o grupo etário de mais de 60 anos.
- Prestar consultorias e serviços a órgãos governamentais e não-governamentais, em assuntos que envolvam a terceira idade.
- Contribuir para a elevação dos níveis de saúde física e mental de pessoas idosas, utilizando os recursos e alternativas existentes na Universidade.
- Promover cursos para idosos, visando atualizar seus conhecimentos e integrando-os à sociedade contemporânea.
- Prestar assistência à saúde, jurídica e física *lato senso* à população idosa.
- Oferecer à população idosa uma Unidade de excelência, fazendo da UnATI/UERJ uma instituição de saúde pública e, igualmente, de socioterapia, serviços comunitários, pesquisas e ações gerontológicas de um modo geral.
- Capacitar profissionais de várias áreas de conhecimento a lidar com os problemas da população idosa.
- Promover análises comparativas entre os estudos sobre terceira idade realizados no Brasil e nos diferentes países.

- Realizar seminários, publicações, documentos e quaisquer outras modalidades que tornem públicas as informações e os estudos desenvolvidos pela UnATI/UERJ.

Suas atividades socioculturais e educativas para a terceira idade envolvem todo ano a realização de cerca de 120 oficinas gratuitas, conferências, seminários, fóruns, palestras, workshops, exposições, festas temáticas gerando conhecimento e bem estar a um número cada vez maior de cidadãos da terceira idade que vem procurando este espaço como Centro de Convivência.

Para Veras (2003) todas estas ações aliadas a projetos educacionais de qualidade permitirão ao idoso a absorção de novos conteúdos e o resgate de sua cidadania, capacitando-o a produzir ações de participação social que contribuam para um novo modo de viver a velhice e um novo olhar da sociedade para o cidadão que envelhece.

Além disso, este modelo de Centro de Convivência promove projetos de cursos de extensão e grupos de estudos para professores que ministram as oficinas para os idosos, desenvolvendo também ações de capacitação continuada, direcionadas aos alunos da graduação e pós-graduação da UERJ e de outras universidades, contribuindo assim para o aperfeiçoamento da formação dos jovens estudantes.

No que tange a boa operacionalização das oficinas oferecidas a UnATI/UERJ conta com uma Coordenação Pedagógica que desenvolve atividades pedagógicas e planeja estratégias para educação permanente na terceira idade, avaliando técnicas e recursos possíveis no ensino.

A coordenação é feita a partir da análise e avaliação dos programas oferecidos por mais de 50 profissionais das mais diversas áreas do conhecimento durante o semestre, possibilitando assim a reciclagem deste corpo docente através da discussão das aprendizagens e perspectivas pedagógicas, aprimorando assim a formação dos alunos da UnATI/UERJ.

A população de idosos, pessoas com mais de 60 anos, a quem se destinam as oficinas correspondem a mais de dois mil inscritos, com freqüência por semestre.

Cada aluno pode freqüentar até 03 (três) oficinas por semestre, e as inscrições são feitas, gratuitamente, através de um sorteio ou por ordem de chegada sempre no início de cada semestre.

As oficinas estão divididas em quatro áreas temáticas: Educação para saúde, Arte e cultura, Conhecimentos gerais e Línguas estrangeiras e, Conhecimentos Específicos Sobre a terceira idade não apresentando uma estrutura curricular hierarquizada. O aluno, em princípio, tem liberdade de escolha para freqüentar as oficinas e cursos de sua preferência, dentro do limite possível de vagas.

Atualmente os alunos participam como verdadeiros agentes multiplicadores em apresentações de atividades em outras instituições de ensino, contribuindo para a troca de experiências e vivências entre gerações.

Veras (2003) observa que:

“O produto final das atividades realizadas com os idosos dá substrato à produção cultural, gerando livros de poesias, memórias de bairros da cidade do Rio de Janeiro, e outros, incentivando estes alunos à produção de conhecimentos e valores deste desenvolvimento social, formando cidadãos politicamente conscientes e valorizados.” (Veras, 2003. p. 97).

As atividades extensionistas e de pesquisa têm como base, entre outros projetos, a capacitação de recursos humanos, mais especificamente de alunos de graduação e pós-graduação, dos vários cursos da Uerj, interessados em estágio na UnATI/UERJ. Esta atividade é gerenciada pela Coordenação de Projetos de Extensão da UnATI/UERJ, que proporciona treinamento inicial aos estagiários, bolsistas e residentes que irão trabalhar com o corpo docente.

Um segundo segmento desta micro-universidade temática se preocupa, prioritariamente, com um atendimento no âmbito da educação e promoção da saúde para os cidadãos idosos do Rio de Janeiro. Estes trabalhos são desenvolvidos pelo Núcleo de Atenção ao Idoso – NAI, que tem o seu atendimento voltado para idosos caracteristicamente marcados por um perfil mais autônomo e independente de vida.

Além de atendimentos individuais realizados por profissionais das áreas de medicina, enfermagem, serviço social, psicologia, nutrição e fisioterapia o núcleo utiliza como metodologia sessões individuais e de grupo para abordagem de algumas patologias mais freqüentes nesse grupo etário.

Também são implementados, junto aos idosos, grupos de prevenção e promoção da saúde, denominados *Encontros com a Saúde*, conduzidos por equipes multiprofissionais em trabalhos interdisciplinares, que muitas das vezes encaminham estes idosos para participarem das oficinas oferecidas pela UnATI/UERJ como ajuda terapêutica durante o tratamento.

Para finalizar este item, vale citar uma reflexão de Libâneo (2002) sobre a questão da educação, no contexto aqui exposto, pois acredito que o processo educativo poderá ter resultados positivos, na medida em que todos os objetivos propostos se encaminharem bem, em especial, na formação de recursos humanos.

“Para que o processo educativo se efetive, são necessários uma teoria e um conjunto de objetivos e meios formativos, encaminhados à formação humana. Conforme a concepção histórico-social de educação, as atividades educativas ocorrem em condições históricas e sociais determinadas que estabelecem limites às possibilidades objetivas de humanização. Deste modo, as finalidades e meios da educação subordinam-se às estruturas e à dinâmica das relações entre classes e grupos sociais. A prática educativa encaminha-se a objetivos distintos, conforme interesses explicitados pelos seus agentes sociais. A pedagogia assume precisamente essa tarefa de orientar a prática educativa de modo consciente, intencional, sistemático, para finalidades sociais e políticas cunhadas a parte de interesses concretos no seio da práxis social, ou seja, de acordo com exigências concretas postas à humanização num determinado contexto histórico-social”. (Libâneo, 2002. p.142)

Obviamente, porém, será preciso trabalhar articuladamente com outras instituições e instâncias da sociedade, buscando formular e desenvolver um projeto coletivo de mudanças sociais, em cujo contexto estará situada a reorientação do tratamento a problemática do idoso. Internamente na Universidade é também imprescindível superarmos os nichos e a fragmentação dos estudos e das práticas, pois os problemas são complexos e requerem enfoque multidisciplinar e integrado.

5.4 A UnATI/UERJ: 12 anos de atividades de um projeto pioneiro

O "*saber*" é um fator constantemente acionado para diferenciar a UnATI/UERJ de outros programas para a terceira idade, simbolizado não somente por sua inserção em um meio universitário ou pela qualificação acadêmica de seus "*experts*". Esse "*saber*" também aparece como um dos principais produtos oferecidos pela UnATI/UERJ, e aquele que torna suas atividades distintas das oferecidas por outras instituições.

Em relação às atividades, um hiato aparece, tendo como eixo a dicotomia entre, por um lado, atividades de lazer e recreação, que a associam aos modelos de centro de convivência do SESC e, de outro, atividades didáticas, que repassam algum tipo de "*saber*" aos alunos e conferem uma identidade própria à instituição.

No primeiro semestre de 2005, período em que este estudo foi iniciado, estiveram matriculados na UnATI/UERJ 3666 alunos, sendo 3112 do sexo feminino e 554 do sexo masculino, com uma faixa etária que vai dos 60 aos 90 anos de idade, entre solteiros, casados e viúvos.

Na sua inauguração ao UnATI/UERJ começou bem tímida oferecendo apenas 21 atividades, desenvolvidas em forma de oficinas, cursos, palestras, visitas e festividades, oferecidos à população acima de 60 anos, ficando estabelecido que estas atividades, inclusive as oficinas, seriam agendadas semestralmente. Em sua primeira inscrição obteve-se um número aproximado de 431 idosos inscritos.

Inicialmente estas oficinas não eram divididas por áreas temáticas, sua atuação restringia-se ao processo ensino-aprendizagem, vivenciando a própria prática pela vivência profissional do educador.

Sobre o papel do educador Lampert (1999) diz que:

“A formação do educador à luz de uma concepção de educação comprometida com o processo social exige que ele seja pensado como profissional, como tudo que isto implica no plano científico e técnico. O que se quer: um profissional com capacidade de inovação, de

participação nos processos de tomada de decisão, de produção de conhecimento, de participação ativa nos processos de reconstrução da sociedade, via implementação da cidadania". (Lampert, 1999. p.87)

A partir deste momento, a cada semestre cresce o número de inscritos, só para se ter uma idéia desta magnitude no ano de 1995 à UnATI/UERJ já passava a oferecer 86 oficinas e teve no seu primeiro semestre 2872 idosos inscritos, e é nesta época que os cursos passam a ser agrupados de acordo com o seu público-alvo.

Com uma demanda cada vez maior, além dos coordenadores, professores e bolsistas da própria Uerj, a UnATI se viu obrigada a ampliar o seu quadro através de professores contratados, que juntos começavam a produzir conhecimento através uma nova experiência ao trabalhar com pessoas idosas.

Ainda em 1995, a UnATI/UERJ oferecia oito áreas temáticas: *educação para saúde; arte da dança e da música; atividades artísticas e de artesanato; arte, literatura e história; línguas estrangeiras; atividades informativas-formativas, aplicadas à terceira idade; atividades de interação e reflexão.*

Após alguns levantamentos e estudos, a Direção da UnATI/UERJ, juntamente com a sua Coordenação Pedagógica, resolveu condensar estas sete áreas temáticas em apenas quatro, objetivando uma melhor qualificação e adequação destas atividades, com um acompanhamento constante, permanente e sistemático deste processo.

No segundo semestre de 2002 foram reestruturadas as modalidades das áreas temáticas e das oficinas, pensando-se numa organização mais adequada e privilegiando as oficinas de maior procura pelos alunos que até o momento continuam sendo: *Orientação Postural/Prevenção de Quedas, Yoga, Inglês, Informática e Oficina da Memória.*

As oficinas mais procuradas estão agrupadas nas áreas de:

. Educação para saúde

Nesta área verifica-se a promoção da saúde do idoso. Para tal as oficinas desta área trabalham o aprimoramento do corpo. Da movimentação, das articulações, a melhoria da postura física, a respiração, a relação e influência do corpo na mente e vice-versa, a nutrição, prevenção e a detecção de distúrbios cognitivos. Eles proporcionam a melhora no equilíbrio, na habilidade e na agilidade, permitindo maior independência ao idoso, bem como o aumento da resistência orgânica, possibilitando melhor qualidade de vida.

. Arte e cultura

Como característica comum, as oficinas classificadas nesta área apresentam a utilização de técnicas que envolvem a dança, o canto, a interpretação, a expressão corporal e a técnica vocal. Objetiva-se desenvolver, despertar e expandir a criatividade popular, a saúde física e mental, a autoconfiança e a comunicação, proporcionando uma vida mais dinâmica e produtiva, em que o idoso amplia sua capacidade de observação e crítica.

Pode-se dizer que estas atividades desenvolvem diferentes habilidades manuais e intelectuais, transmitindo valores e conceitos da nossa sociedade, bem como a participação na construção da cultura.

. Conhecimentos gerais e línguas estrangeiras

As oficinas desta área têm como objetivo aprimorar o aprendizado em diversificados conhecimentos. Exercitam a capacidade de crítica no aluno idoso, o exercício da leitura e da escrita, sua importância no cotidiano e no contexto social, possibilitando o desenvolvimento do raciocínio lógico, reflexivo, discurso e sua capacidade de conviver em grupo.

Desta forma, são favorecidos o relacionamento interpessoal e o crescimento do indivíduo, tornando mais abrangente sua capacidade intelectual e social.

. Conhecimentos específicos em terceira idade

Como característica comum, estas atividades apresentam o aprimoramento dos aspectos biológicos, psicológicos e culturais. Assim, examinam, discutem, elaboram

e refletem sobre o processo do envelhecimento, a cidadania e a troca de experiências de vida entre seus pares.

Possibilita ampliar o conhecimento, a afetividade e a divulgação de informações que esclarecem os direitos e suas garantias perante às políticas públicas voltadas para a terceira idade.

Cabe à Coordenação Pedagógica da UnATI/UERJ oferecer todo o apoio e orientação aos candidatos em suas dúvidas. A modalidade de sorteio acontece em função das oficinas mais procuradas que exercitam o físico e a memória, entre outras já citadas. Senhas são entregues aos idosos em horários marcados, o aluno sorteado é matriculado automaticamente. Já os cursos oferecidos por ordem de chegada são os menos procurados.

Durante os 12 anos de atividades voltadas para o cidadão idoso freqüentaram os bancos escolares da UnATI/UERJ um total de 51.196 alunos idosos matriculados.

As UnATIs e as pesquisas em gerontologia educativa em favor da formação dos idosos são as forças motrizes para uma educação permanente para a terceira idade, mas cabe ressaltar que esta só será possível quando houver uma sociedade verdadeiramente democrática em que o acesso a informação seja compartilhado pelos cidadãos independente da faixa etária em que se situam.

Concluo registrando que, se não há obstáculos teóricos à aprendizagem dos idosos, e se estes podem elaborar projetos de formação compatíveis com as demais faixas etárias, não se justifica a segregação dos idosos nas instituições de formação educacional.

5.5 O perfil dos usuários

No universo constituído pelos alunos da UnATI/UERJ, são muitas as experiências de vida e trajetórias individuais que articulam recortes mais "*econômicos*" com outros mais "*sociológicos*", como, por exemplo, identidade étnica, religião, ideário político,

etc. Na faixa etária desses estudantes encontram-se indivíduos de vários segmentos da sociedade, oriundos de diversos meios culturais diferentes.

Rotina, desânimo, depressão, solidão, desqualificação, atualização são algumas das características, entre outras que têm levado homens e mulheres com mais de 60 anos a buscarem um espaço de sociabilidade e participação social para quebrar a rotina de suas vidas.

Em geral eles procuram as Universidades Abertas da Terceira Idade com o objetivo de adquirir informação, ter convívio social, praticar esportes, exercer atividades intelectuais, compartilhar experiências de vida e superar dificuldades.

Um fato assinalado por Camargo (1995) é que a volta aos bancos escolares costuma ter um efeito extremamente positivo no comportamento dos alunos da chamada terceira idade. Há inúmeros casos de idosos solitários, até mesmo com sintomas de perda de lucidez, que são encaminhadas por médicos e psicólogos para os cursos oferecidos pelas UnATIs.

O encontro com novos colegas, que muitas vezes convivem com os mesmos problemas, em um espaço aberto só pode trazer benefícios para a mente e à alma, na medida em que estas pessoas continuam a aprender, a se divertir e a descobrir novos interesses na vida.

A Universidade Aberta da Terceira Idade da UERJ é uma das primeiras iniciativas do Estado do Rio de Janeiro voltadas para um atendimento integral à velhice, pois além de desenvolver atividades que contribuem para preencher o vazio da aposentadoria, oferece assistência social, médica e jurídica a seus integrantes.

Por outro lado, a localização deste centro de educação permanente dentro de um campus universitário permite um contato freqüente com as gerações mais jovens, concorrendo assim, para a transformação das representações sociais sobre o velho até então fortemente sedimentadas: pessoa inativa e dispensável.

A UnATI/UERJ vem sendo procurada desde 1993 por um público majoritariamente feminino. Isto pode ser justificado pelo fato de que a população de mais de 60 anos que compõe este universo seja superior a masculina.

Os estudos demográficos sobre o envelhecimento afirmam freqüentemente, que as disparidades entre os sexos são importantes: as mulheres constituem a maior parte da população idosa mundial. Na verdade, mais a idade aumenta, mais as mulheres são numerosas. Segundo Camargo (1995) o envelhecimento passa a ser um fenômeno que se conjuga, antes de tudo, no feminino.

Quais os motivos que levam essas pessoas a retornarem a um processo de reescolarização na UnATI/UERJ? Nas conversas de corredor, a grande maioria afirma que veio em busca de se distrair, de preencher o tempo vencendo a solidão; de atualização, de reciclagem de conhecimentos, de ampliação da rede de amizades.

O relato de uma aluna da UnATI/UERJ é bastante revelador da importância desta instituição voltada ao atendimento das pessoas idosas:

“A UnATI representa um porto seguro onde vieram ancorar muitos como eu, que se encontravam sem rumo, sem objetivo, lutando para enfrentar uma pretensa velhice e acreditando que a falta de memória chama-se esclerose ou falta de lucidez, outros lamentando o desamor familiar e a insegurança quanto ao futuro. Aqui na Uerj, através de muito ensinamento e exercícios, conseguimos reativar nossa capacidade mental, cultural e criativa que nos mostra um novo horizonte a ser trilhado com uma nova visão de vida e a certeza de que a Terceira Idade não é só um privilégio da vivência e dos conhecimentos adquiridos durante a longa caminhada. (D. Angélica – 71 anos - Representante Geral dos Alunos da UnATI/UERJ)

É preciso, portanto, estar duplamente atento à heterogeneidade da vida social contemporânea, pois nessa faixa etária a diversidade é vivida juntamente com outra experimentada ao longo dos anos. Segundo Debert (1994) a sucessão de gerações atua acumulativamente sobre a heterogeneidade encontrada entre indivíduos que, em sua trajetória de vida, passaram por várias situações próprias à sua história pessoal — como a imigração, a inserção no mundo do trabalho, na família, etc., e da história social — como a guerra, o regime militar, entre outras.

6 A UNATI/UERJ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A HISTÓRIA DE SEUS ALUNOS

6.1 A velhice como tema de pesquisa

No presente trabalho, busco conhecer um pouco do universo da terceira idade de um grupo específico de idosos que freqüentaram cinco das oficinas mais procuradas semestralmente na UnATI/UERJ. Trata-se, portanto de um conjunto particular de idosos que não retrata toda a diversidade que este grupo etário comporta, e que não pretende ter representatividade estatística, ainda que corresponda a uma amostra significativa dos idosos que demandam os serviços oferecidos pela UnATI/UERJ.

As formas pelas quais a vida é periodizada, as características de idade presentes em uma sociedade e o caráter dos grupos etários nela constituídos são, do ponto de vista da antropologia, um material privilegiado para pensarmos a produção e a reprodução da vida social.

Um pressuposto que norteia e motiva esta investigação é o de que a velhice é uma experiência vivenciada, de forma não-homogênea, e diversificada, em função de gênero, classe, etnia, religião. Desta forma, tomando de empréstimo um princípio adotado pelos antropólogos sociais – em especial aqueles que lidam com as chamadas sociedades complexas – pode-se afirmar que existem “*velhices*” e não a velhice.

Nesse sentido conhecer um universo particular de idosos, como se pretende aqui, significa lidar com essa diversidade de situações e de experiências. Para Debert (1995) o estudo dessas dimensões é parte fundamental das etnografias que se preocupam com tipos de organização social, formas de controle de recursos políticos e especificações das representações sócio-culturais.

Uma das conseqüências desta postura metodológica é que as especificidades desse universo não podem ser generalizadas para outras realidades. Podem sim contribuir para um conhecimento mais qualitativo da *velhice*, do *idoso* e da sua experiência sobre o envelhecimento.

Não se trata, é claro, de negar o mérito de uma investigação de caráter mais genérico, contudo não é esta a marca da presente abordagem; meu objetivo aqui é mostrar algumas particularidades que seu estudo apresenta para investigadores que pesquisam sobre as representações e as práticas ligadas ao envelhecimento em sua própria sociedade.

O que se propõe no bojo deste trabalho é um estudo de caso que revele e consagre uma nova visão sobre “*velhice*” e “*terceira idade*”, de qual é a visão dos idosos sobre estes termos e de como se sensibilizam em relação a eles. Busca-se criar novas representações sociais sobre o processo do envelhecimento, retirando-lhe as conotações depreciativas que até muito recentemente lhe eram associadas.

Busca-se, também, conhecer uma nova postura de atendimento de oferta de serviços e de atividades oferecidos aos idosos pelas Universidades Abertas da Terceira Idade, visando aprimorar a sua qualidade de vida.

6.2 As vozes do passado: os contadores de histórias da UnATI/UERJ

A arte do relato, da narração não está presente nos livros, mas sim nas experiências vividas, seu veio épico é oral. O narrador tira o seu conto da sua própria experiência e a transforma em experiência dos que escutam. Ecléa Bosi (1999) levanta a questão: Por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de se trocar experiências.

As guerras, a sociedade, a tecnologia, a burocracia desmentem a cada dia o bom senso do cidadão e faz com que a experiência que era passada de boca a boca diminua cada vez mais. Ao relatar as histórias vividas pelos estudantes da UnATI/UERJ devo levar em consideração o que diz Walter Benjamin (1995) sobre a arte de narrar:

“Sempre houve dois tipos de narrador: o que vem de fora e narra suas viagens; e o que ficou e conhece sua terra, seus conterrâneos, cujo passado o habita. O narrador vence distâncias no espaço e volta para contar suas

aventuras (acredito que é por isto que viajamos) num cantinho do mundo onde suas peripécias têm significado". (Benjamin, 1985. p. 120)

Como a minha opção metodológica foi por um estudo educacional do tipo etnográfico, conforme já foi definido anteriormente por Marli André (1995), apoiada em Geertz (1978), foi necessário buscar referências sobre o significado teórico e técnico da troca de experiências no trabalho de campo, da realização de entrevistas e da construção de histórias de vida, envolvendo os dois sujeitos: os idosos e o pesquisador.

A obra de Benjamin (1985) é indispensável, pois trás valiosa contribuição para se entender a arte e a importância da narrativa. Ele afirma que a experiência que passa de pessoa à pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas por inúmeros narradores anônimos.

A importância referida acima diz respeito à capacidade sensível que o pesquisador tem que ter ao perceber o ato de narrar como um ato de transmissão de experiências, de sabedoria e de conservação do saber e dos experimentos pessoais ou coletivos de uma comunidade. A narrativa não esta interessada em transmitir a coisa narrada como uma informação ou um mero relatório, ela mergulha na vida do narrador para em seguida retirá-la dele.

Os estudos de Benjamin (1985), além de fornecer subsídios para os princípios fundamentais das histórias de vida, na medida em que é citado na maioria dos trabalhos que contém esta abordagem, contribuiu também para a análise da educação para a terceira idade a que me propus nesta pesquisa. Esta contribuição está relacionada com o fato de que, se por um lado à arte de narrar conserva histórias, saberes e experiências; por outro são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente.

Thompson (1992), em "A Voz do Passado", descreve o que podemos extrair de projetos de pesquisa, que envolvem entrevistas orais. Afirma que deles nos vem não

apenas estímulo intelectual, mas às vezes por estarmos ingressando nas vidas de outras pessoas, uma experiência humana profunda e comovente.

A minha convivência com os idosos estudantes da UnATI/UERJ permitiu o intercâmbio de experiências e de identificação de conhecimentos e sabedorias que nos enriqueceu como pessoas.

Cabe citar que o processo de desenvolvimento do trabalho de campo e da pesquisa teve como referências bibliográficas estudos realizados no campo da História, Antropologia, Filosofia, Sociologia, Psicologia e da Educação. Os caminhos da investigação se fizeram assim presentes no campo da etnografia educacional, a partir de um conjunto de leituras multidisciplinares.

O trabalho de Selma Guimarães Fonseca (1997), sobre histórias de vida de mestres brasileiros idosos, também contribuiu para iluminar o caminho metodológico até aqui percorrido. Inspirando-se nos trabalhos de Benjamin e Bosi, construiu uma definição que me parece singular sobre histórias de vida.

Para Fonseca (1997):

“(...) trata-se de um processo onde o narrador é o sujeito/personagem da história e o narrar, o registro; a passagem do oral para o escrito faz parte da história que esta sendo construída pelo narrador e pelo historiador/ouvinte. Pela história de vida, um mundo de vivências, contradições, projetos que não vingaram, pode chegar até nós, não como realmente existiram, mas como foram experimentados e como, hoje, são vistos retrospectivamente. Aqui, não interessa a noção de comprovação ou de objetividade dos fatos e, sim, de significação e representação.” (Fonseca, 1997. p.36).

Ecléa Bosi (1999) levanta algumas considerações a respeito da “memória” que não poderia deixar de ressaltar nesta parte do trabalho. A autora classifica a memória como coletiva, já que depende do seu relacionamento com a classe social, com a família, com a escola, com a igreja, com a sua profissão; enfim com todos os grupos de convívio e de referência peculiares a este indivíduo.

Hoje, a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, o localiza cronologicamente. A memória como cultura não é estática, pelo contrário é dinâmica, na medida em que é determinada historicamente e, portanto, a percepção que se tem de um determinado momento do passado é alterada, transformada, refeita, enfim, reconstruída pelas representações que fazemos dele.

Essas representações são sociais e influenciadas pelo presente. Lembrar não é só sonhar, creio que mais que isto, seja trabalhar em busca de algo substancial que mantenha o elo entre o passado e o presente, elo este muitas vezes rompido pela sociedade do efêmero, do passageiro, do fugaz, do descarte.

São, mais uma vez, as palavras de Bosi (1999) que vêm clarear o que foi dito acima:

“O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, tal como foi, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e valor.” (Bosi, 1999. p. 17).

É importante esclarecer que a questão da “memória” abordada aqui, a partir de considerações de Ecléa Bosi (1999) e demais autores, é mais no sentido de trazer contribuições para a busca de significados que a memória tem para idosos que vivenciam um processo educacional e de como se relacionam com ela, a partir de toda uma existência vivida.

No próximo capítulo, me proponho em registrar na totalidade as narrativas dos dez alunos entrevistados da UnATI/UERJ, destacando, com a permissão dos mesmos, os trechos com maior riqueza de detalhes em relação ao caso tematizado ou à história narrada. Assim, ao final, meu intuito será o de analisar estas entrevistas,

tentando assim reconstruir as histórias de vida de idosos vinculados em um projeto de educação permanente para a terceira idade.

7 MEMÓRIA E VELHICE: A BUSCA PELA VALORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO DA PESSOA IDOSA

7.1 Vidas em transformação: as histórias de vida contadas pelos “guardiões do passado”

Contar histórias. Esse é o principal objetivo deste capítulo. Estar vivo para contá-las ou contá-las porque se vive? Contar: uma, duas, três, quatro ou dez histórias de sujeitos vivos e ainda muito pulsantes. Assim, como suas histórias de vida que nos remetem a 60, 70 e muitas vezes há 80 anos vividas com muita paciência extraída não se sabem de onde.

Grandeza foi algo que os personagens que contaram estas histórias nunca conheceram a não ser a própria que tiveram que descobrir para enfrentar a dureza da vida. Pobreza, faltas de estudo, pais severos, mesa vazia, relacionamentos também vazios, alguns encontros bons e outros nem tanto.

Histórias que foram contadas e re-contadas quantas vezes fossem necessárias para adquirir um sentido, um significado ou um re-significado, enfim a revelação de uma vida que correu como um rio, ora cheio ora vazio, uma vida que andou junto com o tempo, e que ao passar foi revelando o verdadeiro sentido das coisas.

Ecléa Bosi (1999) acredita que ao narrar suas histórias, os sujeitos trazem à memória sentimentos e sensações vividos na época e passam a refletir sobre suas experiências, valorizando-as e reencontrando-se nelas. Um exercício de resgate da identidade e da subjetividade.

Estes encontros tiveram, como objetivo, propiciar um espaço para conversas e resgate de histórias e identidades pessoais e culturais. E por meio de um roteiro pré-estabelecido o grupo foi convidado a relatar experiências vividas, tais como memórias da infância, juventude, namoro, estudo, casamento, filhos, família, trabalho, lazer, velhice, educação, sociedade, mundo, sejam estes fatos alegres ou tristes.

Após serem gravadas, as entrevistas foram transcritas impressas e devolvidas aos entrevistados, para possíveis correções e alterações, explicando-lhes que este é um procedimento ético na realização desse tipo de pesquisa. Algumas alterações foram feitas, sem mudanças substanciais em relação às falas originais.

Sobre a transcrição das entrevistas, vale ressaltar que os depoimentos orais constituíram matéria-prima valiosa para o trabalho de análise. Grifei as partes que me pareceram mais significativas para a análise destas falas.

E foi assim que Nelson, Marilene, Leonarda, Celina, Rosália, Elvira, Carlindo, Laura, Zilda e Venezia contaram as suas histórias, permitindo com muito prazer terem seus nomes completos e fotos impressas no corpo do trabalho: revelações constantes.

Revelar, não com o sentido de ver coisas novas e, sim, ver a mesma história com novos olhos, pois acredito que a revelação é o que faz a vida acontecer e ser humana, permitindo a essas pessoas passarem a se inserir no mundo de maneira corpórea e existencial.

Nelson Carvalho

Aluno de Yoga da UnATI/UERJ - 2005

Meu nome é Nelson Carvalho, eu nasci em 1928, no Rio de Janeiro, no Engenho Novo. Depois me mudei muito com a minha família, meus pais mudavam muito, já morei em Niterói, em Bento Ribeiro, no Andaraí e depois regressei pra mesma casa que eu nasci mais ou menos quando eu tinha uns 15 para 16 anos. Eu tinha uma irmã, só uma irmã, que faleceu com 10 anos, aí eu fiquei como filho único, eu era o mais velho. Só que na minha infância quem fez falta foi minha mãe, porque minha mãe morreu cedo, morreu com 30 anos, nova, e eu fiquei sem apoio, ela faleceu em 1942, então isso me fez falta.

Hoje pensando nisso, se minha mãe fosse viva e tivesse me acompanhado até adulto, na adolescência, eu teria tido uma vida bem diferente, porque minha mãe era muito exigente, e como você sabe pai não acompanha muito os estudos dos filhos, porque o pai trabalha. Eu fui mais ou menos solto, porque meu pai trabalhava, eu

morava na casa da minha avó, então eu fazia o que eu queria, justamente nessa época de 15 anos até os 19 anos, quando eu comecei a trabalhar, eu fui solto, eu fazia o que eu queria. Eu estudava, mas eu estudava e parava, e meu pai não podia cuidar de mim, e minha avó também tinha os afazeres dela, então eu fiquei meio abandonado justamente nessa época, mas tive a sorte de não ser da época de hoje, imagina só! Então eu fiquei assim meio desamparado.

Por sorte, por índole, pelo que a gente traz da educação e da própria natureza, eu não fui por um caminho ruim, eu fiquei sempre contido, por mim mesmo e pelo que eu trouxe de trás. Meu pai me deixava livre, então era uma maravilha! Meu pai trabalhava numa repartição do exército, ele não era militar, era civil, mas trabalhava numa repartição do exército, na Central, naquele prédio do exército que tem ali. Eu estudava na Praça XV, onde o comércio fervia, mas ali tinha o mar, aí eu matava aula para ir pescar. Aos 15 anos fiz caça submarina, resolvemos montar uma lancha na minha casa aqui no Rio, fizemos o casco, pegamos o balcão e um motor, quando ficou pronto levamos para Angra, onde meu tio tinha uma propriedade e dali a gente saía.

Eu fiz o primário, admissão, fui até o ginásio e parei. Mais ou menos aos 17 anos eu tinha uma prima que trabalhava numa distribuidora de filmes, então eu entrei pra essa firma como office-boy, meu serviço era o seguinte: fazer o serviço de rua, ir até o banco, naquele tempo o Citibank, na Avenida Rio Branco, e eu era encarregado de fazer o registro de faturas, pegava a fatura, escrevia e tal. Olha, eu tive pouco tempo nisso, eu fui logo para a contabilidade, e dali fui para o setor de cadastro que abria a conta corrente de todos os exibidores dos cinemas do Rio de Janeiro. Da conta corrente eu fui pro caixa da firma, e fui subindo. Entre os 18 e 19 anos eu parei pra servir, como soldado da Aeronáutica em Marechal Hermes. Mas depois eu voltei e dali eu continuei subindo, fui pro caixa e cheguei a ser uma espécie de auditor, e como o tesoureiro da firma precisava de alguém para cobrir as férias de um gerente em Belo Horizonte até lá eu fui, pois eles não podiam ficar sem ninguém, e eu tinha essa experiência de contabilidade. Este emprego foi muito bom, ali eu adquiri uma porção de coisas, estudei inglês no IBEU, estudei quatro anos e dali eu peguei uma experiência de inglês, e passei a ser então assessor direto do diretor, que era um americano que veio para o Brasil, se chamava Paul, e eu fiquei mais ou menos

como intérprete. Trabalhei 22 anos nessa firma, foi meu único emprego. Minha prima que me arranhou esse emprego ficou com medo que eu fizesse como no tempo de escola, que eu ia pescar, era irresponsável, e ficou surpresa porque eu subi demais. Daí eu viajei muito, fui pra Porto Alegre, substituir um gerente da filial de lá, não na parte de vendas porque eu não era vendedor, era mais da parte financeira e contábil. Do lado do escritório de Porto Alegre, na Rua Riachuelo, tinha uma pensão onde eu almoçava com o gerente, e foi lá que eu conheci minha mulher, a Tereza, que estava nessa pensão, ela era do interior, estudava em Porto Alegre, eu estava com 28 anos. Eu tive outras namoradas aqui no Rio, mas o que aconteceu com essa é que nós acabamos casando, casamos em Porto Alegre, e eu voltei ao Rio, mas um ano depois tive que voltar pra lá novamente porque o gerente não deu certo. Eu voltei a Porto Alegre e lá eu resolvi me casar, cheguei dizendo pra ela: “nós vamos voltar casados”, ela não acreditava, porque achava que eu era um namorado do Rio que não ia mais voltar e esquecê-la. Disse pro meu pai por correspondência pra ver os papéis para casar na igreja, aquela burocracia toda, ele mandou tudo pra lá e me casei lá. Voltei pro Rio casado, pra casa do Engenho Novo, e meu pai ainda morava ali e havia casado pela segunda vez, minha avó já era falecida. Minha esposa não trabalha, ela é do lar. Só tivemos uma filha, que hoje tem 41 anos, não tenho netos. Continuei trabalhando na mesma firma, era um tempo de estabilidade, eu tinha mais de 10 anos e era estável, pra me mandar embora só se fosse por justa causa e tinham que me pagar o dobro da indenização, nessa época eles resolveram terminar com todos os estáveis, oferecendo 70% da indenização, depois 80%, e eu acabei saindo justamente com rescisão de 80% do meu salário, aí eu já estava com uns quarenta e poucos anos, e como na minha vida eu nunca fui de boate e não sei o que, aquele dinheiro foi um bom dinheiro, comprou um apartamento no Engenho Novo, fiz uma casa em Saquarema, que se fosse aqui no Rio eu estaria muito bem situado porque é uma casa muito boa. O casarão do Engenho Novo a família vendeu, era uma área de uns 4.000 m, um quarteirão inteiro, eu tinha de herança da minha mãe nessa área um terreno compridinho, meu pai fez um inventário e botou na minha parte metade do que era da minha mãe, aí eu fiz uma casa, apareceu um homem de Belo Horizonte fazendo casa pré-moldada, fui encontrar com esse arquiteto na Cinelândia e ele me convenceu a fazer a casa. Então eu tenho uma casa em Saquarema, um apartamento no Engenho Novo onde minha filha mora e a casa do Engenho Novo, no terreno que era da minha mãe. O dinheiro que recebi do

fundo de garantia quando me aposentei e o dinheiro da indenização, que recebi, eu empreguei bem, e tive essa facilidade. Eu tenho um patrimônio, mas hoje em dia a minha condição de aposentado é ruim, vivo na ponta do lápis, é tudo contado, e a minha experiência de trabalho me trouxe essa facilidade de me controlar financeiramente. Como eu saí dessa empresa já com 40 e poucos anos, e fui trabalhar num laboratório farmacêutico no Rio Comprido como correspondente com a filial de São Paulo, mas só fiquei um ano e dali arranjei outro emprego, numa empresa de engenharia submarina, eu sempre fui ligado muito ao mar, mas ficava no escritório como gerente financeiro. Eram cinco funcionários, eu, de gerente, dois rapazes, uma garota e um boy. Era uma firma brasileira, toda nacional, que trabalhava para a Petrobrás, em mergulho profundo, mergulho raso. Eu fiquei mais dez anos ali. A firma acabou fechando, apareceu o sindicato dos mergulhadores, e a Petrobrás junto com o sindicato bloquearam a firma, e concordou em pagar um salário bem melhor para os mergulhadores. Recebi o dinheiro, e depois disso eu me aposentei mesmo, com uns cinqüenta e poucos anos, então fui fazer uns cursinhos do SENAC, de mercado exterior, até de massagista, fiz estágio no hospital lá do Méier. Quando comecei nos cursos ainda estava trabalhando, fiz curso de turismo, e fui guia de turismo, trabalhei por dois anos numa agência que fazia passeios de ônibus com os turistas, mas eu não trabalhei em ônibus. Foi à última vez que eu trabalhei, mas nunca fiquei parado, ia à praia, na minha casa em Saquarema. Quando terminei o curso comprei um carro pra levar turista, era um Opala, quatro portas, antigo, mas muito bem conservado, eu buscava os turistas no aeroporto, ia pra noite, shows. Teve uma época que o turismo caiu, aí não dava mais, era difícil arranjar serviço, aí fui me desgostando daquilo, porque eu gosto muito de novidade. Minha esposa sempre me deu muita força pra fazer esses cursos, tanto que aqui na UnATI eu faço dança de salão, e ela não gosta de dança, mas diz pra eu fazer o que quiser, tenho muita liberdade pra fazer o que eu quero.

Conheci a UnATI pelo rádio, falaram que era para velhos acima de sessenta anos, aí eu vim aqui, porque sempre busquei novos conhecimentos, e aqui eu me interessei logo pela dança de salão, foi a primeira coisa que eu fiz, desde cedo sempre dancei. No meu tempo a Elite e a Estudantina eram mais de gafieira, eu dançava muito em bailes, tipo o do Instituto de Educação que fazia baile o ano inteiro. Já tenho dez anos na UnATI. Minha esposa nunca quis fazer dança de salão, se ela tinha ciúmes

nunca me falou, eu acredito que tenha um ciúmezinho, mas ela não demonstra e nem reclama quando venho pra cá. Além da Dança de Salão, fiz Percussão; Violão, que eu aprendi a tocar aqui, e só não toco mais por falta de dedicação minha, eu parei, mas hoje se eu ainda quiser pegar um violão dá pra fazer certos acordes; fiz Coral durante três anos, viajei para o Sul com o coral; fiz teatro, na peça que eu fiz tinha que falar um trecho, decorei tudinho, na hora deu um branco, aí foi o fim do teatro; fiz também pintura, que a Marli me incentivou muito, eu não sabia que sabia pintar, ainda hoje eu pinto, fico parado um tempo e volto a pintar; **agora faço Yoga, eu busquei essa oficina porque ouvi falar, acho que é muito boa pro corpo e pra mente só que você obtém o resultado em longo prazo, então parece que enquanto você se dedica não tem resultado. Eu to adorando não só essa oficina, como também a de orientação corporal, a professora é muito boa, ela tem uma prática muito boa, quase não dá pra sentir, você aproveita sem querer.**

Tudo aqui na UnATI é muito bom, inclusive eu ouço as pessoas, muitas mulheres, viúvas, dizendo que isso aqui é como uma casa pra elas. Quanto ao número de vagas nas oficinas, eu estive pensando, acho que essa parte de sorteio é ruim, mas quando acho que é ruim e que podia ser do jeito como era antes, por ordem de chegada, penso que quando fosse três horas da manhã já teria fila aqui, e isso não pode. Acho que todos os professores são dedicados, acho inclusive que o idoso dá uma experiência, todos os professores aprendem muito também com os idosos, às vezes os idosos ajudam os professores que são novos que entram achando o idoso chato e depois pelo convívio aprendem a lidar com a gente. Já indiquei muita gente aqui pra UnATI.

Sempre perguntam aqui na UnATI qual curso eu gostaria que existisse aqui, eu queria natação, aqui não tem a piscina, mas tem a do Maracanã. Acho que fazer atividades físicas é muito importante, até a dança de salão é uma delas, tem gente que pensa que é só um divertimento, mas não é não, é um exercício que mexe muito com o corpo. Eu recomendo que todo idoso tem que se mexer, não precisa ser natação, pode ser uma caminhada. Agora eu faço natação no Maracanã, dança de salão, yoga, o inglês eu consegui também, mas como a dança de salão é as segundas e quartas, não dá pra fazer. **A pessoa com mais de sessenta anos tem**

que ter uma atividade física, exercitando o corpo e a mente pra não acontecer esse tipo de coisa como depressão, a pessoa assim que se aposenta tem que buscar fazer alguma coisa, às vezes na dança de salão falta cavalheiro e eu vejo uma porção jogando baralho nas praças, nem falam em dança de salão, acham que é coisa de viado.

Minha semana toda é praticamente aqui, a Tereza não reclama disso, ela tem um princípio de depressão e está aqui no ambulatório, com uma psicóloga há três anos, em vez de tomar remédio que ajuda, mas não resolve. Ela já veio aqui na UnATI, nesse tempo que ela não queria vir, eu fiquei insistindo e teve um tempo que ela veio e fez Yoga, Arte em Retalhos, não sei mais o que ela fez, mas ela se deu muito bem aqui, ela é muito agradável, só que sempre foi muito calada, mas mudou depois dos cursos que ela fez aqui na UnATI, ela continua na psicóloga, mas a depressão melhorou muito, ela está aqui no NAI.

Eu tenho uma casa grande, e como eu sou doido pra inventar coisa pra eu mexer, sempre tenho atividade. **Mas se não fosse a UnATI hoje eu estaria em casa, e por mais que tivesse coisa pra eu fazer, não teria a minha vida, como ela é hoje.**

O estado de velhice hoje é muito diferente de antes, o idoso hoje é mais bem visto, mais acatado. Eu me lembro quando começou a UnATI, os idosos andavam aqui pelo prédio e os jovens ficavam olhando, pensando o que esses velhos estavam fazendo aqui, hoje a gente passa e parece que é bem visto, agora os jovens nos vêem como uma presença natural.

Eu encaro a velhice como uma coisa natural, não é “to ficando velho”, “isso é coisa de velho”, é a ordem natural das coisas: você vai envelhecer. Hoje a pessoa pode envelhecer com uma vida mais saudável, só basta querer.

Se me chamar de velho eu não fico chateado mesmo, só acho que as pessoas devam ter cuidado quando usam esta expressão, pois alguns velhos não gostam muito de serem chamados de velhos. Hoje as coisas já mudaram um pouco, a sociedade já encara o velho de outro jeito, porque era um desprezado, ainda é hoje, mas de outro jeito. Já existe um respeito maior da

sociedade com o velho, e ela até criou este novo termo: idoso. Hoje você ainda vê certos termos como “ah, tá velho!”, mas é muito pouco. Olham diferente pra gente agora, quando a gente entra gratuitamente nos lugares todo mundo acha natural. Agora existe um cuidado maior com o idoso.

A pessoa com mais de sessenta anos tem capacidade para se atualizar, mas não tanto, não deixar de fazer atividades é essencial. Na idade que eu estou, 77, eu sinto que tem coisas que não dá, por exemplo: computador, eu tenho o da minha filha, agora eu to querendo montar um programa econômico pra mim, no computador mas ainda é difícil, o que você faria em um dia, eu faço em uma semana.

A UnATI cumpre bem o papel de atualizar os idosos, tirar da solidão. A UnATI começou como uma recreação pro idoso e foi introduzindo atividades que desenvolvem mais a mente, aqui a pessoa tem a oportunidade de uma progressão em determinada coisa, é só querer.

Antigamente as coisas eram mais fáceis, pude dar um bom estudo para minha filha, ganhava bem, viajava, quando me aposentei tive que me reter naquele dinheirinho, e naquela vidinha, como eu vivo hoje, mas nunca tive problema com dinheiro em casa, porque minha mulher dentro do que tem já sabe, lá em casa é assim, eu recebo e tudo é na ponta do lápis.

Antigamente se tinha uma vida mais serena, hoje ela é mais ágil, mais agitada. E você vai adquirindo conhecimento, e mesmo assim é só querer, de coisas que no passado não se tinha muito contato. O progresso em si trouxe uma série de fatores que se você se interessar, você tem muito que aprender. A vida era mais prazerosa, hoje tem que ficar atento, porque se não fizer direito você nem vive. Na medida do possível eu vou procurando aprender o que eu posso. Enquanto eu estiver na UnATI, andando, vendo, ouvindo e falando, não pretendo parar!

Elvira Rosa Costa

Aluna de Prevenção de Quedas e Orientação Postural da UnATI/UERJ – 2005

Meu nome é Elvira Rosa da Costa, tenho 75 anos, sou de 1930. Eu sou capixaba, mas eu não fui criada no mesmo lugar que eu nasci, fui criada mais em Minas. Saí de Minas Gerais com 11 anos, fui para lá com 3 meses de idade, no tempo da Revolução, meu pai estava preso do outro lado, aquela história de ponte que caiu e eu fiquei presa de um lado com minha mãe. Eu tenho irmãos, nós criamos em cinco irmãos, meus dois irmãos são casados, das minhas irmãs uma ainda é viva, a do meio morreu. A vida foi difícil, nós fomos criados na infância em vilas, meu pai mudava demais. Então ele trouxe a gente pro Rio de Janeiro, a gente viajou de navio, foi a única vez que eu viajei de navio. A família da parte do meu pai ficou toda no Espírito Santo, minha avó, meu avô, todo mundo ficou lá, pouca gente se debandou pra outros lados. A família da minha mãe já estava toda no Rio de Janeiro, viemos pra cá e continuamos a vida aqui. Quando vim pra cá eu já tinha completado 15 anos. Tive uma educação forte, meu pai era muito conservador, a gente morava no interior do estado do Rio. Quando viemos pro Rio, a gente primeiro morou em São Cristóvão, mas a vida era muito difícil. Minha mãe era dona de casa, e só o meu pai trabalhava. Eu comecei a estudar em Minas Gerais, estudei bastante lá, a gente não era muito de estudar, a gente fazia a maior bagunça, minha tia era afilhada da professora, a gente entrava numa canoa na beira do rio e ia embora, e na hora do recreio a gente chegava, era muito interessante porque as meninas que iam com a gente ficavam todas de castigo, mas como minha tia era afilhada da professora, a gente tinha certas regalias. Quando vim pra cá não continuei os estudos porque tinha que trabalhar, depois que eu andei estudando, fazendo uns cursos de noite, naquela época que tinha o terceiro ano à noite. Estudei até o ginásial. Eu trabalhava numa fábrica de tecido, eu era teceleira, trabalhei três anos e pouco lá. Comecei a ficar doente porque era muito pesado, meu pai tinha medo que eu ficasse com tuberculose. Eu sai e arrumei trabalho na fábrica Matarazzo, eu trabalhava de embaladeira, embalando sapatos, e ajudava com meu salário em casa. Eu casei com 21 anos, meu esposo tinha 25. Meu esposo era de uma família conhecida, eu me dava muito bem com a irmã dele que morava lá perto de casa, e ela começou a empurrar pra eu casar com ele, eu era boba, não tinha experiência. Não foi meu primeiro namorado, já tinha namorado bastante, mas não fiz nada com ninguém. Casei e primeiro fiquei com meu pai e minha mãe, eles me deram o quarto de baixo e ficamos morando ali por uns tempos. Meus irmãos eram todos solteiros e moravam lá ainda. Eu fiquei morando ali, quando meu filho nasceu eu já tinha dois

anos de casada, eu continuei trabalhando, pagava uma pessoa pra tomar conta do meu filho. Meu esposo era tipo um torneiro mecânico. Depois de sete anos fui mandada embora da fábrica, mas arrumei outro trabalho, sempre ativa, não queria ser do lar, queria meu dinheirinho pra ajudar em casa e pra mim também. Meu filho ficou com a avó, sabe como é avó né? Faz muita vontade da criança, uma vez eu cheguei em casa e tinha um português na minha rua que tinha umas cabritas, aí ele virou pra mim e falou que meu filho estava montando nas cabritas dele, briguei com minha sogra, porque eu pagava pra ela tomar conta dele. Dois meses antes de a minha filha nascer eu sai do trabalho, meu marido me tirou do trabalho, disse que eu não ia mais trabalhar na rua. Sai do trabalho, tomei conta do meu filho que já tinha cinco anos e da menina. Hoje minha filha tem 46 e meu filho 52, ele é casado, casou até demais, duas vezes, mas minha filha não quis casar. Naquela época as coisas eram mais difíceis, apesar da coisa que está o mundo, o Rio de Janeiro, todo lugar, eu acho que agora as coisas estão mais fáceis de conseguir fazer, estudar, trabalhar. Estou aqui na UnATI desde 95. Nessa época eu morava no Méier, na 24 de Maio. Quando eu vim pra cá era muito tímida, sabia nem conversar com ninguém. Foi ótimo, desenvolvi muito. Eu descobri a UnATI pelo regente do coro, o Jéferson, ele era meu conhecido lá de onde eu morava, conhecia a mãe dele, ele ia sempre lá em casa porque minha filha toca piano, ele chegou lá em casa e me chamou. A primeira oficina que eu fiz foi a dele, o Coral. Teve um dia que eu fui sorteada duas vezes, pra oficina de orientação postural e pra aula de desenho, da Thaís. Comecei fazendo logo três coisas. Na minha opinião, aqui tudo é bom. Tudo que se faz aqui, por pior que seja, é aproveitado, eu gosto. Adoro os professores, eles têm muita capacidade, dedicação, paciência com os idosos. A gente andou meio capenga, com negócio de médico aqui. Eu me trato aqui também no ambulatório, com o Dr. Antônio, acho o atendimento ótimo, mas teve um tempo que o hospital andou meio pra baixo, mas eu não larguei. Eu gosto muito daqui.

Meu esposo faleceu vai fazer um ano. Ele não vinha aqui pra UnATI, ele era muito esquisito. Eu não cheguei a viver o resto da minha vida com ele, me separei, não agüentei, ele era muito enjoado e depois ele ficou doente, muito esclerosado. Uma vez, enquanto ainda era casada, ele teve uma queda, disse ele que caiu, mas acho que não, acho que ele foi assaltado porque roubaram um relógio de pulso dele, e quando eu soube que ele estava caído, ele já estava no Souza Aguiar, quase

morreu. Eu fiquei junto com ele 44 anos, mas não foram 44 anos de amor, foram anos tentando ficar do lado dele, meu estado de casamento foi muito triste, depois de 44 anos eu não agüentei mais e falei para o meu filho: “ou eu, ou ele”. Minha filha era solteira, morava comigo e meu filho achou por bem tirar ele de casa, botou em uma clínica porque ele já estava muito mal, doente, a clínica tomou conta dele até o fim, ele ficou dez anos internado, eu não ia visitá-lo, ele não podia me ver, se ele me visse ia querer voltar pra casa. Foi um período difícil, custei a vencer, passei muita tristeza, muito aborrecimento, meu filho não queria que eu fosse ver o pai, mas queria que a irmã fosse, e como ele foi muito rude com a gente, muito mal, maltratou muito a gente, ele sempre me batia, tudo que ele podia fazer pra me ofender e me humilhar ele fazia, e mesmo assim eu fiquei 44 anos tentando. Ele quis ir pra Campos, eu morei mais de três anos lá, compramos uma casa muito boa, depois ele arrumou um lugar em Magé, um lugar terrível, cheio de vala negra, fiquei cinco anos ali sofrendo. Quando meu filho viu que não dava jeito nele, arrumou um apartamento aqui e me trouxe, meu marido veio atrás, ele aproveitava o que a gente tinha de bom. Foi uma época muito difícil, muito sofrida. **Quando eu vim pra UnATI foi uma alegria pra mim, porque ele ainda estava em casa, e não reclamava quando eu vinha pra cá, só às vezes reclamava que eu saia de dia e voltava à noite, e eu não dava satisfação pra ele, já não agüentava mais.** Todo mundo me falava que eu deixei passar muito tempo, que eu devia ter feito isso antes e aproveitado a vida, era mesmo, já tinha até casado de novo. **Os meus filhos sempre me apoiaram porque sempre viram que ele nunca teve uma postura boa como pai, ele sempre deixou a desejar. Ele não me deixou trabalhar mais, e eu também cheguei numa certa idade e não quis mais. Eu não cheguei a me aposentar,** mas ele me deixou uma pensão alimentícia, eu recebo dele hoje, uma quantia razoável, mas eu podia ganhar melhor porque teve uma época que eu fiquei separada dele, eu resolvi ir embora, peguei minhas trouxas e fui embora, morei um ano separada dele, ele ficou chorando, ia pra lá e chorava, dizendo que nunca mais ia fazer aquilo, que era um marido legal, tudo conversa fiada, não era verdade!

A UnATI foi ótima na minha vida, fiz mais amizades com as pessoas, conheci mais gente, pra mim foi muito bom. A UnATI cumpre esse papel de estimular o idoso, porque eu me desenvolvi muito aqui, foi muito bom pra mim, não vou dizer que sou uma artista hoje, mas eu pinteí quadro, cantava no coro. Hoje eu

só faço orientação postural, por preguiça, minha filha briga comigo, diz que eu tenho que vir pra aprender, mas aí me dá uma preguiça.

Acho que as pessoas vêm procurar a UnATI como uma saída, aqui a gente se sente bem, às vezes eu falo pra minha filha que eu to com preguiça de ir na aula, e ela diz pra eu vir porque eu vou gostar, eu chego aqui e gosto, volto feliz pra casa, vou satisfeita, chego até melhor.

Aqui os idosos desenvolvem muito bem a mente e o corpo, eu pelo menos desenvolvi bastante. Eu procurei a oficina de prevenção de quedas porque eu tava caindo muito, a lente dos meus óculos antigos está toda arranhada porque eu bati com a cara no chão, me machuquei, fiquei com o nariz inchado, levei um tombo na entrada do meu edifício, a luz estava um pouco apagada e o porteiro era novo, eu meti o pé num ressalto e caí de cara no chão. Então resolvi procurar uma aula onde eu fizesse algum exercício pro corpo. Estou gostando muito dessa oficina, estou melhorando muito. A Terezinha é uma professora maravilhosa, aliás, todos os professores que tem aqui são maravilhosos.

Acho que envelhecer é normal, eu não me sinto com 75 anos, pra mim eu sou mais nova, eu não me sinto uma pessoa velha, e fico zangada quando alguém fala isso, não gosto, eu acho que não deve ser assim. Hoje em dia está morrendo muita gente nova, dá até pena de ler as notícias, moças jovens morrendo, a situação está muito braba, então eu acho que o velho deve ficar feliz quando chega aos 80 anos com saúde, trabalhando, fazendo as coisas.

Não gosto de ser chamada de velha porque é um termo um pouquinho abusado; terceira idade, não sei; eu sou idosa, então acho que a palavra mais apropriada é essa, idoso. Essa palavra representa uma pessoa já com certa idade, mas lúcida, ativa.

Eu não acho que o idoso é um cidadão desqualificado dentro da sociedade. Dentro da minha família meu filhos me perguntam as coisas nas tomadas de decisões, eles me colocam no convívio, meu neto me pergunta as coisas, ele pode contar com meu apoio, eu me dou muito bem com a minha filha, nós moramos perto, e ela está comigo. Ela faz faculdade na Unirio, de música, ela toca

piano muito bem, canta também. Já sou bisavó, tenho um netinho que vai fazer 3 anos e uma netinha que vai fazer 4 meses.

A velhice às vezes leva à solidão, quando tem rejeição na família, quando não tem entrosamento. Vindo pra cá melhora bem essa situação, mas tem idoso que não é assim, convenhamos, tem muito idoso que é chato, enjoado, e muitas vezes a família também não aceita.

Muita gente vê o idoso de maneira errada, no ônibus outro dia minha filha estava comigo e disse pro motorista me deixar mais na frente porque estava chovendo e estava escorregadio, quando desci ouvi uma conversa atrás de mim, era o trocador brigando com uma senhora porque ela queria ficar na frente pra saltar, ela tinha um defeito na perna, todo idoso que entrava ele criava um caso e dizia com estupidez e ignorância que tinha que passar na roleta, na hora de descer, a senhora falou que não ia passar na roleta e assim que ela saiu do ônibus falou pro trocador: “Tomara que você não fique velho”. Existem essas coisas porque tem muita gente grossa, a gente leva muito fora. **A sociedade ainda tem muito que ser preparada para esse convívio com o idoso, quantas vezes as pessoas passam na rua dando esbarrão só porque é idoso, quando somos chamados para sermos atendidos na frente, tem sempre um que reclama e cria caso, mas isso é direito, está no estatuto do idoso.** Na época dos meus pais não existia tanta coisa como agora, era tudo mais devagar, o pessoal era mais simples, eles nunca reclamaram de mau tratamento.

Claro que a pessoa com mais de sessenta anos tem capacidade pra aprender e se atualizar, é só ter força de vontade. A minha irmã mora em Macaé, ela tem 69 anos, e agora cismou de aprender a tocar teclado, ela gosta, até quis tocar mais nova, mas não conseguiu porque a vida dela era muito corrida, agora entrou numa aula e já está tocando direitinho. **Então eu acho que todo idoso tem capacidade, desde que tenha a mente boa.**

Já indiquei a UnATI pra muita gente. Eu tenho uma prima que mora na Ilha do Governador e ela é doida pela UnATI, mas ela acha que mora muito longe, eu digo pra ela que não, é só pegar ônibus, não paga passagem, já disse a ela que vai fazer

muito bem e que ela está precisando de uns exercícios. O melhor de tudo é que fiz muitos amigos aqui!

Rosália Machado Lima

Aluna da Oficina de Prevenção de Quedas e Orientação Postural da UnATI/UERJ - 2005

Eu nasci em Aracaju, capital de Sergipe. Fiquei em Aracaju até os 18 anos, com 18 anos vim para o Rio de Janeiro. Hoje eu estou com 76 anos. A minha infância foi tranqüila, porque tinha bastante irmãos, era uma família grande, tinha seis irmãos bem mais velhos por parte só de pai, e mais cinco irmãos por parte de pai e mãe. Minha mãe com uma sabedoria interior muito grande, soube enfrentar uma família de enteados e filhos, e todos gostavam dela, havia uma união muito grande entre os filhos do primeiro e do segundo casamento, éramos todos irmãos, apesar das diferenças de idade. Era um lugar que tinha muita brincadeira pra criança. Até os nove anos eu morei na cidade, em Aracaju mesmo, depois fui pra roça, mas não muito distante, dava pra ir à cidade a pé em algumas horas, naquela época era muito distante, mas hoje o lugar que eu morei está ligado à cidade. Eu morava num sítio, porque meu pai se aposentou e ele gostava muito de roça, e minha mãe não queria ficar muito longe preocupada com os estudos dos filhos, procurou um lugar que tinha escola e que mais tarde nós pudéssemos estudar na cidade. Estudei onde eu morava, e depois quando chegou o ginásio eu fui estudar na cidade, naquela época fazia concurso pra passar pro ginásio, passei na primeira vez que fiz. Continuamos morando na roça até virmos pra cá. Um irmão que morava aqui disse que arrumou emprego e trouxe minha irmã e eu, e nós ficamos na casa dele até que os meus pais vieram pra cá também, o meu pai veio comigo e minha mãe veio depois com o resto da família. Logo que cheguei aqui no Rio fui morar no Engenho de Dentro, do Engenho de Dentro fui pra Cascadura, de Cascadura fui pra Usina, atualmente moro no Engenho Novo. Quando vim pra cá senti muita diferença, primeiro porque fiquei na casa do irmão, já não é a mesma coisa, e segundo porque até hoje eu gosto mais de lá de Aracaju do que daqui, de vez em quando eu vou lá, a última vez foi em 2003. O pessoal todo veio pra cá, só ficou lá uma irmã, porque o marido trabalhava no estado, e não deu pra ela vir, ela vinha muito passear, de vez

em quando eu ia lá, só que ela em 2003 faleceu. Quando vim pro Rio continuei meus estudos, eu estudava parava, voltava e parava, até que terminei a faculdade, fiz faculdade de Administração Pública numa universidade perto do Ministério do Exército, porque eu trabalhava lá e procurei uma faculdade mais perto. Minha família sempre me apoiou, meu pai adorava que se estudasse, era muito a favor do estudo, meus pais sempre incentivaram os filhos a estudar, a ler. Aqui no Rio fiz tudo o que tem direito, namorei, mas não casei, sou solteira até hoje. Nesse período eu sempre morei com pai e mãe, até que eles faleceram e eu continuei com minha irmã. Depois eu adotei um garoto e fiquei ainda com minha irmã, só quando ele tinha dez anos que eu resolvi morar sozinha com ele, to até hoje com ele, ele está demorando a casar, está com 27 anos, e eu to fazendo força pra ele casar porque eu quero ter neto, até hoje não tenho neto e minha irmã mais nova já é bisavó.

Meu primeiro trabalho foi meu irmão que arranhou, no exército mesmo, depois eu sai e fui trabalhar no clube militar, daí eu fiz um concurso público e fui nomeada pro Ministério do Exército, muita gente achava que eu estava mentindo porque meu irmão era militar, achavam que eu não tinha entrado por concurso. Minha função era administrativa, e eu resolvi fazer faculdade de administração porque assim poderia ser promovida a técnica de administração. Trabalhei lá até me aposentar, me aposentei em 1981, até hoje estou dando um prejuízo danado à Fazenda. Assim que eu me aposentei eu resolvi adotar, ele sabe de tudo, conhece a mãe dele, só não sabe quem é o pai porque a mãe não diz, infelizmente, mas ele se relaciona com a mãe, com o padrasto. Acho que cabe todo mundo dentro do coração, não vamos ser egoístas, eu faço questão que ele visite a mãe, ele tem mais três irmãos por parte de mãe, são dois que ela criou afastado e um que ela criou com ela, esse com três anos veio para minha companhia e ficou por minha conta, mas todos se dão bem.

Eu cheguei aqui na UnATI por uma amiga que me informou, uma vez vim aqui e não consegui me localizar, mas há 6 anos atrás que eu consegui bater na porta certa, estou aqui desde 1999. **Da minha aposentadoria até chegar aqui na UnATI fiquei cuidando do meu filho, criança pequena sempre ocupa mais tempo, tem que levar e buscar na escola, essas coisas.** Quando ele estava com doze anos, mais à vontade, já ia pra escola sozinho, eu comecei a estudar esperanto, fui a alguns congressos de esperanto dentro do Brasil, porque não posso viajar para o

exterior. **A primeira oficina que eu fiz aqui foi de Tai Chi Chuan, gostei muito, era com a Rosana, fiz até ela sair daqui, só parei porque ela saiu. Além do Tai Chi Chuan, fiz Psicomotricidade com a Gabriela; fiz Contadores de História há três anos atrás; fiz Xadrez; fiz também Informática, um cursinho rápido, ano passado, aquele de dez dias, mas tenho que treinar mais no computador lá de casa; faço hoje a Dança Sênior e Prevenção de Quedas. Quando vim pra UnATI, minha família apoiou, eles sabem que aqui tem mais incentivo, mais movimento do corpo, não tive problemas, meu filho então, não contesta nada que eu faço e falo.**

Aqui na UnATI tem muita coisa boa, mas também tem pontos negativos. Pode melhorar muita coisa, inclusive arrumar passeios de graça pra gente fazer, tem passeios, mas são pagos e nem todo mundo pode pagar. Podia voltar o Tai Chi Chuan também, queria que voltasse, é um exercício muito bom pro corpo e pra cabeça. Tentei fazer Yoga, mas nunca fui sorteada. Eu não acho errado o sorteio, uma vez que o número de pessoas é muito grande, mas acho que deveria ser por sorteio e ordem de chegada.

As pessoas dizem que o idoso está ótimo, estamos melhores do que na época do meu avô e vamos melhorar mais, só que apesar de tudo isso nós não pegamos uma fase de nos preparamos para sermos idosos. Eu tive colegas que ao se aposentarem, não tinham perspectiva de vida, um deles até morreu, os filhos fizeram força pra ele se aposentar e em meses ele morreu. Eu acho que o idoso tem que continuar fazendo uma atividade, eu não senti porque quando me aposentei eu já tinha um objetivo na vida, que era arranjar um filho, não quis adotar antes da aposentadoria porque sabia dos problemas que tinha no trabalho, eu planejei tudo direitinho, então quando me aposentei fiquei ocupada, só quando a criança começou a me desocupar apareceu a UnATI, o resultado foi que com isso não senti que estava envelhecendo. A pessoa sabe que está velha, a mente até envelhece, a memória começa a falhar, eu fiz até essa oficina da memória, o **Mente Alerta. Existe uma diferença, a gente não pode dizer que não se trocaria por uma pessoa de vinte anos, eu não digo isso, porque uma pessoa de vinte anos tem muito mais vantagens por mais que seja preguiçoso e tenha determinadas deficiências. **Eu tenho as deficiências da velhice, minha****

memória já não é mais a mesma, eu não tenho que me comparar com uma criança que tenha deficiência mental e sim com minha memória quando eu tinha vinte anos, que já não é a mesma. Quando eu me aposentei cheguei a conclusão que já estava na hora de me aposentar, porque aposentadoria existe mas não é uma coisa certa. Quando saia uma lei eu lia no máximo duas vezes e pronto, a lei traz novas modificações e conserva algumas, eu observava as modificações e assimilava, continuava meu trabalho, quando chegou a época de me aposentar eu tinha que estar com a lei do lado pra consultar sempre, porque já não assimilava como antes, então achei que era hora de me aposentar, percebi que era o momento porque a memória já estava fraca.

Acho que há diferença no tratamento dos idosos de antigamente e nos de agora, por exemplo, meu pai e meu avô não tiveram a oportunidade que temos hoje, de fazer cursos, de saber que é importante estudar uma língua pra memória, não se tinha o conhecimento que hoje tem. A própria preparação pra aposentadoria, hoje existem empresas que dão cursos pra preparar, pra não deixar a pessoa se aposentar e ficar sem fazer nada, como aconteceu com meu colega que morreu. Hoje quando a pessoa se aposenta é necessário que procure outros campos de trabalho. Eu sempre me preocupei em diminuir as mazelas próprias da idade, eu tenho reumatismo, se eu não tratasse como estaria hoje?

Nem senti as mudanças que a UnATI causou na minha vida, porque tem pessoas que entram já com depressão, mas não foi o meu caso, eu entrei bem, estava bem quando entrei na UnATI. Eu não cai porque entrei aqui, preencheu a minha vida na hora certa e continua preenchendo, apesar que eu não faço só a UnATI, eu me preocupo também com religião, com o esperanto, acho que não pode ter só uma atividade, tem que ser mais de uma. **Muita gente procura a UnATI pra cuidar da depressão, mas outras como eu vem porque sabem que faze exercício é bom pra saúde, também tem a importância da convivência, outro dia uma colega disse pra mim que gosta de freqüentar aqui porque tem os colegas pra conversar, tem esse ambiente de coleguismo.** Eu não sou de fazer muitos amigos, mas mesmo assim já fiz muitos aqui, tem uma que eu cheguei a freqüentar a casa dela, e eu não sou de fazer isso, sou mais fechada.

Acho que a velhice traz muita experiência, porque se tem um passado, é uma hora de mais maturidade, de enfrentar a vida de uma maneira completamente diferente. O jovem quer tudo logo e o velho começa a sentir que aquele processo dele não foi bom, então começa a ficar mais calmo, mas isso o velho que sabe envelhecer, porque têm aqueles que são o contrário, que traz pra velhice uma mente perturbada que ele não agüenta e nem as pessoas agüentam. Meus pais e meu avô que morreu com 93 anos, não tiveram esse processo, mas souberam envelhecer, foram todos calmos.

Minha família me respeita como idosa, mas quando eles vão tomar alguma decisão só alguns me consultam. Se o idoso não tem o apoio da família acaba caindo, família é muito importante. Quando o idoso tem alguma pessoa pra se preocupar ele tem um equilíbrio interno, o idoso precisa se relacionar pra não ficar vazio e entrar na depressão. É um crime a pessoa que interna o idoso logo assim que se aposenta, fica comendo o dinheiro dele e nem visita.

Eu não ligo pra termo, não deixei de ser velha, só mudou o nome, eu tenho uma colega que diz que velho é trapo, ela é idosa, eu digo que só mudamos o nome, porque velho significa uma idade mais avançada. Velho e idoso pra mim são sinônimos, se quiser me chamar de velho pode chamar, nunca pensei em chegar aos 70 anos, to com 76, vou achar ruim? Apesar de que tem gente que fala que velho é aquele que não participa, velho é aquele que já morreu pro mundo, mas se pode considerar uma pessoa que chegou numa idade avançada idoso, e velho então é aquele que não tem mais prazer em viver, que perturba os outros, que se perturba ou é insatisfeito.

O que faz a pessoa ficar de bem com a vida é se aceitar, aceitar os outros, não exigir que os outros façam o que você disse. O idoso tem que aprender a aceitar as mudanças da vida, quem não aprende isso fica infeliz, porque a mudança existe. Quando eu era jovem, andar de maiô até o meio da coxa era vergonhoso, hoje anda todo mundo de biquíni, quase nu, não pode dizer que todo mundo é safado, é a mudança dos tempos.

Existe sim o velho desqualificado, eu conheço, tenho uma amiga que é revoltada, os filhos não são bons com ela, e ela está num asilo, mas pelo que consta ela sempre foi assim, largou o emprego pra cuidar dos filhos porque o marido tinha recursos, o marido morreu e ela ficou com dificuldade, e hoje ela não vê a compensação dos filhos, eles não querem ter trabalho com a mãe, não a aceitam como ela é, agora ela está no asilo numa frustração muito grande. Às vezes a velhice leva a solidão, depende da pessoa. Seja solidário para não ser solitário, a pessoa que se resume em si mesmo fica sozinha.

A sociedade ainda não está preparada para lidar com as questões da velhice, assim cabe ao idoso também se preparar para enfrentar a sociedade. Os jovens de hoje precisam compreender que no Brasil não se morre mais com 50 anos, já se tem a possibilidade de chegar aos 90. Eu acho que o importante não é o corpo físico, é a mente. Mesmo com certa deficiência, certo esquecimento, que é coisa normal da idade e até os jovens têm, enquanto a pessoa tem a mente ativa ela não é completamente dependente. O que faz mais falta pra gente é a mente.

O velho tem capacidade de aprender, não com a facilidade de que tem os da idade nova, mas se for persistente tem. Eu comecei a aprender esperanto já idosa, só não sei mais porque o esforço é pouco, porque se me esforçasse mais já estava falando muito bem.

A UnATI tem essa capacidade de promover a socialização, porque nos cursos fazemos amigos, o curso é um lazer ao mesmo tempo. E também tem os cursos de línguas e xadrez que são bons pra memória, eu sempre procuro estar com a mente ativa. Eu procurei a oficina de Prevenção de Quedas porque andei levando tombo, o corpo vai perdendo um pouco o equilíbrio, e como eu não estava fazendo nenhum exercício só estava na Dança Sênior, então pensei que essa oficina devia ser uma coisa boa, antes que eu tomasse outro tombo tinha que me prevenir, o negócio é se prevenir antes de se arrebentar. Eu estou gostando, estou com mais equilíbrio no corpo. A Terezinha trabalha bem.

O professor tem que ter paciência com o idoso, dizem que é terceira idade porque chega à infância, a gente não tem mais aquela mente alerta como nos 20 anos, acaba de aprender e esquece, já não tem mais tanta assimilação, a medicina e a prática já provaram isso. Eu achava que meu avô tinha uma memória ótima porque lembrava de coisa quando ele tinha três anos, depois que eu fui saber que essas coisas são as últimas que a gente esquece, o difícil é lembrar o que comeu ontem. O professor tem que saber a deficiência do aluno para não exigir mais do que pode dar e se exaltar. Eu tenho que me lembrar do meu remédio, sou obrigada a botar a cabeça pra funcionar e me condicionar a lembrar do remédio assim que acordo, não tem que pedir para os outros lembrarem. Eu tenho um remédio que tinha que tomar dia sim, dia não, ficava mais difícil e eu tinha que anotar pra todo dia olhar, mas a médica me fez um favor, passou um pra domingo e ficou certinho, segunda, quarta e sexta eu tomo um, terça quinta e sábado tomo outro, e domingo outro, fiz anotação, mas nem olho, assim que levanto sou obrigada a lembrar o dia que estou e isso é um exercício pra minha memória.

Acho que está melhorando o respeito pelo idoso hoje, há uma conscientização, pelo fato de hoje existir mais idoso. Tem gente que não respeita, tem o motorista do ônibus que não pára, mas tem o que pára. A gente não tem que olhar só o que está errado, tem que olhar o que está certo também. Antigamente achavam que idoso não podia mais nada, hoje é o contrário, já dizem que o idoso pode tudo. O idoso está mais participativo, tem o exemplo do idoso que vai se candidatou a presidência de um país com 80 anos. **O idoso hoje tem muitas oportunidades, só depende dele. A gente não pode exigir que o mundo melhore, é a gente que tem que se melhorar. Têm muitos idosos que acham que só porque são idosos podem tudo,** há alguns anos atrás eu estava na fila do banco própria para idosos e deficientes, ali já é um atendimento preferencial, chegou um idoso e passou na frente de todo mundo, como não foi atendido virou bicho! Tem pessoas que são muito egoístas, só querem preferência, não olham a situação, depois reclamam que o mundo não presta. Cabe a nós mesmo na terceira idade tornar este mundo melhor, um beijo!

Leonarda da Cunha Soares**Aluna da Oficina de Informática da UnATI/UERJ - 2005**

Me chamo Leonarda da Cunha Soares, tenho 68 anos. Nasci em Minas, mas fui criada aqui no Rio. Minha infância foi uma infância de antigamente, não tinha muita liberdade como as crianças de hoje, eu como mulher tinha que ajudar minha mãe. Contando comigo eram seis irmãos, dois mais novos já faleceram. Eu tinha que tomar conta dos meus irmãos, sou a mais velha de todos. Minha infância foi aqui no Rio mesmo, parte da minha adolescência passei na Tijuca. Quando viemos para o Rio fomos morar no Irajá, só eu era nascida, meus irmãos nasceram aqui, só eu que nasci lá. Minha mãe era dona de casa e meu pai marceneiro, um bom marceneiro, um artista. Eu fiz o primário e o ginásio, parei no último ano do ginásio, fiz datilografia também. Meu pai era também político do PCB, e os políticos que pertenciam a esse partido e que tinham filhos procuravam colocá-los em empresas grandes, para poder fazer o movimento. Graças a Deus eu fiquei pouco tempo, não fiquei nem um mês porque fui extrair um dente e fiquei parálitica, fui parar no isolamento do hospital São Sebastião, tinha 14 anos, e antes de ficar parálitica eu perdi a fala, fiquei cinco dias sem falar, sem abrir a boca, quando voltou minha fala eu perdi o jogo das pernas, fiquei parálitica. Não lembro quanto tempo fiquei internada no São Sebastião, fiquei muito tempo, o isolamento era uma coisa horrível, não ia ninguém lá, só ia gente na hora das refeições para colocar a comida, eu melhorei em menos de um ano, mas tive que parar de estudar e trabalhar. Como já tinha trabalhado, eu tive direito a ficar com o auxílio-doença, mas depois pedi para me darem alta e fui arrumar outro emprego. Ai comecei a trabalhar em escritório, trabalhei muito tempo em escritório, foi quando eu conheci meu marido, com 16 anos. Antes eu tive um namorado, que me conheceu na época em que eu estive doente, esse teve muito amor por mim, porque do jeito que ele me conheceu só podia ser amor mesmo, ele ia sempre lá em casa e eu gostava dele e começamos a namorar, mas quando eu conheci meu marido o amor que eu sentia pelo outro acabou, fiquei apaixonada pelo meu marido. Quando comecei a namorar meu marido o outro queria que eu desmanchasse, falava que se eu não casasse com ele, ele não casava com mais ninguém, e não casou, é solteiro até hoje. Quando tinha 16 anos conheci meu marido, com 17 eu casei, com 18 anos eu tive meu primeiro filho, ainda morei por um tempo com meus pais, depois que o segundo nasceu eu já

morava sozinha, fomos morar em Caxias. Tive cinco filhos homens, o segundo faleceu, eu já tenho filho com 49 anos, 47 anos, 45 anos, 44 anos, quando um estava com três meses eu engravidei do outro, eu era nova e não tinha juízo. **Eu era só dona de casa, eu queria trabalhar e meu marido não deixava**, ele era mecânico, teve uma oficina de carros e depois se desfez da oficina e foi ser empregado, ele era serralheiro e bombeiro hidráulico. **Eu queria voltar a estudar, mas ele não deixou, dizia que o que eu sabia dava muito bem para ensinar para meus filhos. Ele não deixava eu trabalhar, não me deixava estudar, eu tinha que ser do lar, só cuidar dos filhos e dele.** Meus filhos foram crescendo e estudando, meu mais velho terminou o ginásio cedo, com 14 anos, hoje em dia todos os meus filhos são formados, o mais velho tem duas faculdades: Ciências Contábeis e Direito, os outros uma só, têm dois de Contábeis, dois de Administração. Meu esposo faleceu com 66 anos, quando eu tinha 55, ele já tinha enfartado uma vez, mas não parecia que ele tinha problema, mas apareceu um aneurisma abdominal que foi crescendo e fez uma bifurcação, se rompesse numa mesa de cirurgia não ia ter jeito, quando ele foi fazer a cirurgia deu uma complicação nos rins e ele faleceu de complicação renal aneurismática. Nessa época só meu mais novo morava comigo, mas ele já estava se preparando para casar, e depois fez um concurso para justiça federal e passou. **Eu fiquei sozinha e comecei a viajar, fiz várias viagens, cheguei ir até a Bolívia, eu conheço o Pantanal, a Chapada dos Guimarães, Cuiabá, ou seja, eu não me entreguei quando meu marido faleceu, não quis ficar em casa. Meu filho mais novo sempre falava que aqui na Uerj tinham vários cursos para nós velhos, e que eu tinha que vir, mas eu achava isso aqui um mundo e nunca ia achar.** A minha nora me matriculou no GECS (Grupo de Encontro Com a Saúde), mal eu entrei e já queria ser voluntária, uma vez eu subindo com a assistente social Andréia comentei que queria ser voluntária e ela foi falar com a Conceição, depois fui entrevistada pela Germana e comecei trabalhando só às terças no Ambulatório e depois trabalhei três dias na semana. **A primeira oficina que eu fiz foi Participação Social e faço até hoje, há quatro anos, depois fiz Memória, e fiz Informática duas vezes, eu entrei pra Informática porque sempre gostei, depois consegui o sorteio no Espanhol e depois quero fazer Italiano.** Meu relacionamento com as pacientes lá do Nai é ótima, eu as chamo de minhas pacientes, elas são muito bacanas comigo, eu fiz muitos amigos no ambulatório e na UnATI toda, elas me enchem de presentes,

dizem que eu sou a funcionária mais animada do ambulatório. **Eu nunca indiquei a UnATI para outras pessoas porque onde eu moro só tem gente com a mente muito fechada, mas eu indicaria para outras pessoas. Um dos meus filhos reclama que agora eu só vivo na rua, que eu não paro em casa.**

Eu não concordo que o idoso seja desqualificado, acho que muitos idosos têm tanta capacidade quanto os jovens, não desprezando todos os jovens, mas os idosos têm mais responsabilidade. Não tenho nada a falar contra a UnATI. Os professores são atenciosos, principalmente na Participação Social, na Informática também, mas achava o primeiro método de ensino da Informática melhor porque eu não fui no Curso do PRODERJ porque os computadores de lá são ruins, isso podia melhorar. Não achei Informática difícil, porque eu já tinha feito curso de datilografia e já sabia manusear o teclado, e meus filhos têm computador também, eu entro na Internet e ano passado fiz até declaração do imposto de renda. Meus filhos não me perguntam nada para tomarem decisões, cada um segue sua cabeça, e eu não me importo com isso, eles levam a vida deles e eu levo a minha, fazem as coisas e só me falam depois. Me dou bem com as minhas noras, mas não gosto de ficar enfiada na casa dos filhos.

Eu me classifico como idosa porque velho não quer saber de fazer nada, velho é aquele que se aposentou e quer ficar em casa vendo televisão ou na praça jogando, então eu não me considero como velha, eu sou idosa, com toda a idade que eu tenho ainda faço muita coisa. Quando se fica velho não se pode parar, tem que exercitar o corpo e a mente. O idoso tem que se atualizar sempre, buscar novos conhecimentos, procurar novas coisas para fazer, porque ficar em casa trancado não abre a mente de ninguém. A UnATI dá muita oportunidade para o idoso. A sociedade ainda tem muito preconceito com o idoso, apesar de o idoso estar buscando e fazendo muitas coisas, ainda existem as pessoas com muito preconceito, até mesmo aqui esses estudantes não olham nem para gente, não tem diálogo, se fecham no mundo deles. Eu sou muito comunicativa, sento no ônibus e puxo conversa com alguém, na fila do banco também, converso sobre tudo, sobre a crise política que estamos passando e sobre o que acontece no mundo.

Existe muita diferença entre antigamente e hoje, nem preciso falar sobre a minha época, já na época dos meus filhos era diferente, eu sempre mandava o mais novo ir pagar contas no banco, hoje em dia isso não acontece porque existe muito medo, as pessoas preferem usar o computador para nem saírem de casa, pois a violência está demais. Esta crise tem feito às coisas mudarem muito, mas acho que não é só o desemprego o culpado disso tudo, é a falta de amor ao próximo, falta de educação, mau exemplo dos pais, trabalho existe, mas as pessoas querem emprego e não trabalho. Eu falo para a Dra. Luciana não me tirar do ambulatório, porque o dia que eu sair de lá eu morro, é muito importante para mim, a UnATI para mim é tudo!

Celina Reis de Oliveira

Aluna da Oficina de Yoga da UnATI/UERJ - 2005

Eu sou a Celina Reis de Oliveira, estou com 73 anos, mês que vem vou fazer 74, muito bem vividos, satisfeita da vida. Eu sou de Belém do Pará, mas quando eu nasci, com dois meses meu pai faleceu, e naquele tempo não tinha pensão, não tinha nada, minha mãe ficou numa situação difícil com três filhos pequenos e nos enviou para um orfanato. Somos três irmãos, todos vivos. O orfanato em Belém era para órfãos, tanto que nós tivemos que assinar um documento dizendo que éramos pobres e miseráveis, eu fiquei lá desde os 3, 4 anos até os 14 anos, não fiquei com meus irmãos, cada um era de um colégio diferente, minha mãe nos visitava uma vez por mês, e nós só saíamos uma vez por ano no período do Natal e voltávamos antes do Carnaval, o regime era durão, cheio de disciplina. Eu não tenho problema nenhum em falar desse período da minha vida, pelo contrário, com aquele regime aprendi a respeitar os outros, e aprendi muitas coisas como artesanato, que é minha terapia hoje, foi muito bom para mim, apesar dos castigos severos. Minha mãe trabalhava em casa de família, a patroa dela era uma pessoa muito boa, muito rica, nos levava biscoito, bolsas e outras coisas uma vez por mês. Eu estudei lá, fiz o primário até a 5ª série, quando eu saí fiz admissão e fui para o Instituto de Educação fazer o curso normal. Depois que saímos do orfanato fomos todos morar junto com a minha mãe, eu me formei no normal, fui trabalhar e vim passar umas férias no Rio e nunca mais voltei, tinha 18 anos, minha mãe já havia falecido quando eu tinha 16 anos, ficou todo mundo lá, só eu que estou no Rio. Aqui conheci meu marido e não

quis mais voltar, me casei com 20 anos, não me casei, só juntei os trapos, porque só fomos na frente do juiz assinar os papéis. Tivemos dois filhos, um casal, mas hoje eu estou sozinha porque minha filha casou e mora em Angra dos Reis, e meu filho está morando em São Paulo, e está muito bem. Assim que eu casei fui trabalhar, eu era professora, primeiro dei aula particular e depois fui para o Município, e meu marido era alfaiate, montou a lojinha dele e depois já estava com uma loja em Copacabana. Uma vez, trabalhando, meu marido teve uma convulsão e foi socorrido, o médico falou para gente correr para um neurologista, e quando a gente chegou lá ele estava com três tumores no cérebro, ele faleceu com 56 anos. Já quase no fim meu marido disse para eu começar a ajudá-lo, na parte da contabilidade, aí já não estava mais lecionando. Quando ele faleceu o meu filho mais velho já tinha casado, mas morava aqui no Rio ainda, e eu morava com a minha filha, depois ela casou e eu fiquei sozinha, moro aqui em Vila Isabel sozinha há uns 8 anos. Tenho três netos, um vai fazer 10 anos, tem uma menina adotada que vai fazer 6 anos, e o mais novo vai fazer 4 anos. Eu não sinto solidão, só às vezes, mas eu me considero uma pessoa forte, corajosa, quando eu começo a sentir pego meu trabalho em casa, o negócio é não ficar parado sem fazer nada. **Venho quase todo dia aqui na UnATI, meu marido morreu há 13 anos e eu estou há 12 anos aqui, desde o primeiro dia da UnATI. Um ano depois que meu marido faleceu eu estava em casa desesperada, sem querer sair, quase caindo em uma depressão, aí minha filha leu no jornal sobre a UnATI e falou para eu vir, mas eu não queria sair de casa, mas ela me trouxe e fiz a inscrição. Antigamente não tinha limite de fazer cursos, e como minha filha saia cedo e só chegava a noite, eu vinha e ficava direto aqui. Já indiquei para muitas pessoas, eu só falo na UnATI. Acho que deveria voltar o Tai Chi Chuan, eu morro de saudades.** Os professores aqui são ótimos, acho que não tem nenhum aqui que eu possa falar alguma coisa, todos nos tratam com ternura e delicadeza, não tenho nenhuma queixa. **Busquei a Yoga porque saí do Tai Chi e precisava fazer alguma atividade física, é diferente porque o Tai Chi puxa mais o físico e a Yoga é mais tranqüila, o que me beneficiou foi a respiração, eu tinha muito problema de respirar, e hoje eu sou uma pessoa totalmente tranqüila. Fiz muitos amigos aqui, a maioria dos alunos e professores sabe meu nome, porque eu chego e dou bom dia para todo mundo, eu procuro me dar bem com todo mundo, estou sempre bem humorada. Acho que o idoso tem muita**

capacidade de se atualizar, mas tem que ter uma base. Eu sou idosa, não tenho pretensão de viver muito, eu quero viver enquanto eu tiver saúde e qualidade de vida, procuro estar sempre com a mente ativa, cuido da minha alimentação, enquanto eu estiver bem estou passeando. Antigamente a pessoa idosa de uma classe social boa ficava lá no alto tinha vários privilégios e o idoso mais pobre que não tinha nem casa, ou era aquela velhinha que ficava encostada fazendo crochê, ou era o velho mendigo, agora surgiu uma nova classe mais entendida que estão aproveitando melhor a vida, já foi muito pior, eu não tenho queixa, tenho recebido muito carinho. Também depende muito das pessoas, porque tem gente que acha que tem todos os direitos, tem muita gente ignorante de todas as idades, eu não troco injúrias, fico na minha, agradeço, sei pedir desculpas. Meus filhos estão na deles, levaram direitinho o conhecimento que eu e meu marido demos. A violência está demais, acho que o dinheiro é um mal no mundo porque todo quer um pouquinho mais para viver melhor, mas eles querem tudo pisando nas pessoas. Eu disse que ia votar até o fim dos meus dias, mas agora estou em dúvida, porque é uma falta de caráter que não tem explicação. Eu só quero poder chegar ao fim dos meus dias lúcida, com amor no coração e muito feliz!

Laura Gonçalves Ferreira

Aluna da Oficina da Memória da UnATI/UERJ - 2005

Meu nome é Laura Gonçalves Ferreira, eu tenho 70 anos, nasci em 21/04/1935. Nasci no antigo Estado da Guanabara – Distrito Federal. Minha mãe era brasileira por acaso, nasceu no Brasil e foi criada em Portugal, meu pai também, eram semi-analfabetos, com pouquíssima cultura, mas eles tiveram uma visão do que aquilo que eles não tiveram queriam dar para os filhos, nos criaram na base da confiança, do respeito, sempre exigiram que falássemos a verdade. Eram pessoas muito simples, mas que tinham uma visão do amanhã para os filhos. Minha mãe levou nove anos para ter filhos, quando disseram que ela não poderia ter filhos, e quando ela já ia adotar uma criança veio meu irmão que é dois anos mais velho do que eu. Sou eu e meu irmão, ele hoje é advogado, tabelião de cartório, teve uma trajetória. Ela também procurou me dar tudo aquilo que ela poderia, então eu estudei piano, línguas, tudo isso porque ela achava que não era deixar dinheiro, era deixar conhecimento, cultura que eles não tiveram e sentiram a vida inteira. Meu pai foi

motorneiro de bois, que já não existe mais. Eu nasci e me criei na Rua Barão de Mesquita, no Andaraí, e depois fui para o Grajaú. Só saí quando eu quis comprar a minha casa não tinha condições de comprá-la no Grajaú, então morei durante uns cinco anos em Todos os Santos. A minha escolaridade foi toda em colégio público, estudei no Colégio Cruzeiro ali na Barão de Mesquita, que pertencia àquela fábrica Américo Fabril, onde minha mãe foi tecelã até quando eu tinha 10 anos. Depois fui para o Colégio Barão de Mesquita, que pertencia à rede do Celso Lisboa, onde eu fiz o científico. Me preparei para Medicina, mas eu pensei muito, porque antigamente só se conseguia sucesso na carreira se tivesse família, e como eu não tinha ninguém médico, nem doutor na família, então fiz o vestibular para a Escola de Nutrição da UniRio, me formei lá, e como me formei em primeiro lugar, fui contratada interinamente, e fiz carreira. Fiz Nutrição, mas eu sempre gostei de fazer coisas diferentes, então fui para o campo de pesquisas, para trabalhar em laboratório em Biotécnica. Tentei montar consultório em 58, mas na época o Conselho de Medicina foi em cima, e quem não tinha o visto não poderia ter um consultório. Mas também terminei minha vida como diretora da Divisão Nacional de Vigilância Sanitária de Alimentos. Quando eu fui nomeada para o cargo foi uma alegria geral, porque era só médicos e químicos, e eu era nutricionista, mas como eu já era chefe de divisão há muitos anos e meu chefe sempre me mandava para palestras e congressos, eu já era conhecida, e o Secretário Nacional de Vigilância Sanitária me colocou no cargo de direção. Meus pais nunca tiveram voz ativa porque não tinham conhecimento, não tinham como indicar, então tanto eu como meu irmão fizemos uma carreira quase solo, a gente procurou nosso próprio caminho. Na questão de namoro eu tinha um conceito que eu só namoraria a pessoa que tocasse um sino lá dentro, antigamente saíamos duas semanas para poder pegar na mão, e nesse período eu dizia logo para pessoa que não era ele, então eu não fui muito de namoro, porque acreditava que com a pessoa certa bateria o sininho, e aconteceu isso realmente. Eu era muito tímida, se tivesse que falar em público ficava vermelha até a ponta da orelha, e uma maneira de vencer isso era assumir determinados compromissos, se eu fosse sozinha em abria a boca, mas se tivesse alguém do meu lado eu tinha que mostrar que era capaz. Me casei com 34 anos, já formada e trabalhando, independente financeiramente, com minha casa comprada em Todos os Santos onde meus pais moravam comigo com mais conforto que na outra casa. Eu sempre fui muito ativista, na Escola de Música fundei o Diretório Acadêmico, na Escola de

Nutrição fundei o Diretório e um jornalzinho, eu era contra militar, espiritismo e moreno. Acabei que me casei com um militar moreno, a vida me pregou essa peça, eu cai exatamente em tudo que condenava. Na época eu trabalhava em duas firmas, porque estava juntando dinheiro para viajar para Europa, e meu marido pediu para eu escolher uma, então fiquei com o serviço público, porque me permitiria quando ele fosse transferido eu viajasse também. Eu casei em 69 e minha filha mais velha nasceu em 71, e a outra nasceu em 73. Meu marido sempre me apoiou, nós tínhamos o respeito pela individualidade de cada um. Me aposentei em 85 com 50 anos, como eu sempre fui muito organizada guardei todos os meus contra-cheques desde quando recebia bolsa de estudos e consegui contar esses três anos de bolsa porque tinha como comprovar, e também não usei nenhuma licença-prêmio, então com trinta e poucos anos de serviço eu me aposentei. **Quando me aposentei minhas filhas eram adolescentes e meus pais já estavam em idade avançada, como eu nunca fui de ostentar achei aquela situação que eu estava suficiente para mim e resolvi me dedicar à família, esse foi meu grande erro porque tive várias propostas para trabalhar em indústrias, mas eu quis exatamente dar um pouquinho mais de atenção. Então fiquei mais cuidando da casa, mas sempre muito ativa e procurando novos caminhos, desde solteira tudo quanto era curso de graça eu fazia. Eu cheguei aqui na UnATI no fundo do poço, porque eu me separei de fato em 92 e no papel em 95, cheguei aqui em meados de 94, eu estava muito triste porque tive que vender meu apartamento no Grajaú onde eu era rodeada de amigos, e tive que vir para a Tijuca sozinha e senti muita diferença, ali que eu senti todas as perdas de uma vez só, perda de pais, amigos, família.** Eu descobri a UnATI na televisão, em um programa sobre incontinência urinária e memória, esses dois pontos me chamaram a atenção. Quando cheguei aqui já tinham feito os sorteios, e eu entrei naqueles encontros de Psicologia, uma vez por semana, aí que eu percebi que meu problema não era nada em face de outros maiores. Participei dos encontros, fiz Italiano que eu sempre gostei, depois eu peguei a fonoaudiologia com a Maria Eliana porque eu senti que estava gaguejando muito, depois dessa eu fui para Anti-ginástica que me fez recuperar a postura, e depois que eu consegui a oficina da Memória e foi onde me descobri, hoje sou até representante geral, e me fez muito bem porque eu fazia vinte mil coisas ao mesmo tempo e me perdia no meio do caminho, então passei a ter mais organização, agora sei que tenho limites a serem obedecidos. **Todo mundo**

sempre falava que eu tinha temperamento de alemão, até que descobri a Dança Sênior que me tirou do fundo do poço, fui trabalhar o corpo, a memória, a coordenação, o que me propiciou uma quebra desse estilo Germânico, quem me conheceu há anos atrás não diz que eu sou a mesma pessoa. Meu irmão é um caso a parte, eu sei que ele gosta de mim, mas ele lá e eu cá, enquanto meus pais eram vivos ele tinha por obrigação que ir lá em casa uma vez por semana jantar, depois que meus pais morreram a gente só se fala três ou quatro vezes no ano. **Minhas filhas viram a situação que eu estava, uma pessoa que sempre foi ativa em casa praticamente sem fazer nada, elas apoiaram minha vinda para cá, e hoje até reclamam que eu não paro mais. Eu sou fanática pela UnATI, ela é democrática, aqui não importa se eu tenho doutorado ou não, todo mundo se iguala. O que a gente tem que vencer é essa vergonha de muita gente que não frequenta a UnATI por achar que aqui é uma universidade, e tem vergonha de transpor aquela porta, a gente tinha que fazer um trabalho em cima disso, felizmente agora tem vindo gente da baixada, porque começou com o pessoal de classe média daqui de perto, mas tem que ser aberta a todos.** Todo curso é aberto a todo mundo, mas acho que certos cursos deveriam ter pré-requisito, tem gente que vai para o Alemão e nem sabe o Português, atrapalha tudo. **Eu brigo quando dizem que a UnATI é só diversão, aqui tem tanta coisa a oferecer de bom, que ao invés de ficar aqui só para preencher tempo a pessoa tinha que conhecer cursos novos. Não acho que o idoso deve receber um tratamento diferenciado só porque é idoso, porque os cursos são direcionados a idosos e aqui todo mundo sabe disso e vai colocar dessa maneira, tratar como coitadinho e infeliz não dá. A maioria dos professores tem um bom tratamento, e às vezes quando eles perdem a paciência é porque o aluno provoca, tem muito idoso que vem pra cá, mas não é para assistir aula, é para matar o tempo, e perturba a aula, fica conversando. Pelo que eu vejo no corredor, a maioria vem pra cá pela diversão.** Eu indico um monte de gente para cá, estou tentando convencer muita gente, porque pra mim foi a solução. Eu tenho um conceito de solidão, a pior solidão não é a solidão só, mas aquela a dois, a pessoa tem que ver se a solidão é interior, hoje eu sou uma pessoa só, mas não me sinto sozinha. **Eu já tive o sofrimento todo que tinha que ter, e hoje estou na fase da liberdade, de fazer o que eu gosto, de aprender a dizer não. O velho é aquele que não quer se atualizar, que já aprendeu tudo, e o idoso quer estar sempre**

aprendendo, eu sou idosa, terceira idade é bobagem porque daqui a pouco já estamos na quarta, a diferença está entre velho e idoso, o velho não sonha mais nada, capacidade se tem sempre, o idoso tem mais capacidade de abrir novos caminhos, é só se aventurar. O passado já se foi, o amanhã você não sabe se existe, e o presente é uma dádiva que Deus dá, então tem que se aproveitar ao máximo cada dia. Foi dito tanto que o Brasil é um país jovem que ele não se conscientiza que ele está envelhecendo, é o que dizem as pesquisas: nós somos 1º lugar na América Latina e 6º no mundo, daqui a pouco seremos maioria em todo o mundo. Antigamente uma pessoa de 30 anos era vista como velha, hoje uma pessoa de 70 pode ser considerada jovem, e também tem jovens com cabeça de velho, a velhice de cabeça não está na idade cronológica, está na maneira de ver a vida. A grande sabedoria da vida é saber interpretar cada momento, mesmo que seja de sofrimento. Sou feliz aos 70 anos, embora não tenha sido isso que eu previ quando eu comecei a trabalhar com 11 anos para ter meu futuro todo organizado, mas apesar de tudo eu sou feliz porque sou dona de mim hoje. Venci esse preconceito de me preocupar com o que os outros iriam pensar de mim. Eu pego meus erros e acertos para traçar um novo caminho, e assim sou feliz!

Marilena Vanderley Perrota

Aluna da Oficina de Informática da UnATI/UERJ - 2005

Meu nome é Marilena Vanderley Perrota, tenho 70 anos. Eu nasci no interior de Pernambuco, e vivi até os 10 anos lá. Lá em Pernambuco morei em várias cidades, porque meu pai teve vários empregos e a gente mudava muito, moramos em umas 5 cidades, mudei muito de escola, às vezes eu ia passar as férias com a minha avó e quando chegava eles já tinham se mudado. O lugar que eu morei mais foi onde nasci, se chama Bezerras e é bem pertinho de Caruaru, a família toda morava lá, meu avô tinha fazenda. A gente vivia bem lá, mas minha mãe só pensava em vir pro Rio, porque ela é pernambucana, mas foi criada no Rio. Meu pai era intelectual, chegou a ser prefeito de uma cidade lá, primeiro foi secretário, ele fazia muitos cursos, gostava de estudar. Minha infância foi muito boa, eu passava as férias na casa da minha avó, ela gostava muito de mim, eu era a primeira neta. Eu tenho mais duas irmãs, sou a mais velha, a terceira já nasceu aqui no rio quando eu tinha treze

anos. Quando eu fiz onze anos meus pais vieram aqui pro Rio, porque eles gostavam muito de vir aqui pro Rio nas férias. Logo que chegamos aqui fomos para um hotel no centro da cidade, na Rua Senador Pompeu, até arrumar um lugar. Um parente da minha mãe arrumou uma casa em Paquetá, ficamos nove meses lá. O começo aqui foi ruim porque meu pai veio com emprego garantido, ele ia trabalhar no Cassino da Urca, mas naquela época o governo acabou com o jogo, e ele era fiscal de jogos, então ficou desempregado nove meses. Mas meu pai dizia que já que estávamos aqui não podíamos voltar, então ele estudou, fez o concurso para o Ministério da Agricultura e passou. Fomos para Botafogo, depois para Campo Grande, e depois fomos para um lugarzinho horrível chamado Paciência, porque minha mãe já estava grávida e eles queriam uma casa, o lugar mais barato que eles acharam foi lá. Eu estudei por ali, acabei o primário, fiz o ginásio, comecei a fazer o científico, mas tive um problema no pulmão devido a uma gripe mal curada, o médico disse para eu ficar um tempo sem estudar. De Paciência nós mudamos para Todos os Santos, eu tinha 19 anos, lá eu fiz cursinho de datilografia, preparatório para concurso e comecei a trabalhar. Fiz concurso para a Sul América Capitalização e passei, era escrituraria lá, depois fui para Furnas. Minha adolescência foi muito severa, meu pai era muito severo, ele tinha muito cuidado comigo e com minha irmã, a gente não podia ir a um baile, tudo que se tinha pra fazer ele proibia, tinha que namorar escondido, eu queria era casar para me ver livre dele. Eu gostava de desenhar, passei na inscrição da Escola de Belas Artes, quando fui pra acertar a papelada meu pai não deixou. Gostava muito de teatro, fiz um teste lá em Campo Grande e passei, mas tinha que viajar para outros lugares, e meu pai cortou, não deixou. Meu primeiro namorado foi no ginásio, era escondido, mas meu pai sabia dele, e ele morria de medo do meu pai, namorei quase quatro anos, comecei com quinze e com dezenove acabou o namoro. Esse meu marido, o italiano, eu o conheci quando trabalhava na 1^o de Março e ele tinha uma banca de jornal lá, comecei comprando revista e fizemos amizade, começou o namoro dois meses depois que ele começou a me paquerar, e uns três anos depois nós casamos, meu pai aceitou não satisfeito porque ele era jornalista, e ele queria um partido melhor pra mim. Casei com 23 anos, já estou com 47 anos de casado. Assim que casamos fomos morar na minha mãe em Todos os Santos, porque meus pais passaram uns meses no Nordeste e ficamos tomando conta da casa, depois moramos um ano em uma rua lá perto. Mudamos para Santa Tereza, na Rua Cardeal Leme, onde tem aquela

escadaria, eu não gostava muito, morei sete anos. Depois compramos uma casa na Rua Getúlio, no Cachambi, morei oito anos, e lá também tinha escadaria. Dali nós fomos para o Grajaú, moramos um ano e meio numa casa muito boa, aí eu já estava com três filhos, mas lá era muito contramão para meu filho mais velho estudar e trabalhar em Copacabana, então eu fiz de tudo para morar em Copacabana. Surgiu uma oportunidade na Ladeira dos Tabajaras, um apartamento bom, e fomos para lá, ficamos quinze anos, foi onde eu mais gostei, mas eu não queria ficar na ladeira, queria morar perto do comércio. Dali fomos para Tijuca, porque na época meus pais estavam morando lá e eu queria ficar mais perto deles, pois já estavam velhinhos. Meus três filhos estão casados, o mais velho mora em Copacabana, o outro em Petrópolis e a menina mora no Engenho Novo, tenho quatro netos. **Eu parei de trabalhar porque minha mãe não queria ficar com meu filho, e naquela época não tinha creche, então eu virei dona de casa, mas fiquei muito chateada com essa vida porque eu gostava de trabalhar. Meu marido trabalha até hoje, só que a banca de jornal que era na 1° de Março agora está em Copacabana.**

Há muito tempo eu tinha lido alguma coisa sobre a UnATI, mas passou. Depois de um tempo minha irmã conversou com uma senhora amiga dela que estudava aqui e falou para eu procurar, então eu liguei para essa amiga dela para me informar como era. **Cheguei aqui em 1996, a primeira oficina que eu fiz foi Ecologia, mas o que eu queria mesmo era Yoga. Depois fiz dois anos de teclado, estudei Italiano com música, entrei no cursinho de Biodança, entrei também no Arte em Retalhos, fiz Informática no período passado e estou fazendo agora Nutrição. Fiz Informática porque todo mundo hoje sabe usar computador, e eu tinha vontade de saber também, eu ganhei um computador do meu sobrinho e consegui uma vaga aqui para aprender. Só achei que foi pouco tempo, porque cada dia era uma matéria diferente e não dava tempo de memorizar, porque nessa idade a gente tem um pouquinho mais de dificuldade, além disso tinha que ser mais de um professor, porque apenas um não consegue dar atenção a todos os alunos, e computador não é fácil não! Tenho vontade de fazer a Oficina da Memória, mas meu marido me atrapalha muito, desde que eu vim pra UnATI ele não quer que eu saia de casa para fazer cursinhos, diz que meu lugar é em casa. Mas mesmo assim eu coloquei na cabeça que tinha que vir pra cá, cheguei a ficar dois anos afastada, de tanto ele brigar comigo. Meus**

filhos me incentivam, até falam com meu marido, mas ele é Italiano da Calábria e lá é pior do que o Nordeste, ele só enxerga aquilo que aprendeu quando era criança e acha que eu tenho que viver igual ao povo da terra dele, mas eu não abaixo minha cabeça. Eu gosto demais daqui, se eu pudesse estaria fazendo três cursos, aqui a gente faz amizade. Minha vida é muito boa aqui, se eu pudesse passava a vida toda aqui, nem vejo o tempo passar.

Eu sou idosa, tenho que admitir, apesar de minha cabeça ser jovem, meu neto tem piercing e tatuagem e eu aceito normalmente, meu marido não, ele é todo conservador, ele que é velho. As pessoas geralmente se enganam com minha idade, porque conversam comigo e vêem que eu não tenho espírito de velha, eu gosto de dançar, ir para festa italiana. **Para algumas pessoas a velhice leva a solidão, mas eu não sou assim porque sou muito ligada a minha família, gosto de reunir todos os meus filhos, minhas irmãs, meus cunhados em datas comemorativas. Algumas pessoas ainda discriminam o idoso, muitos motoristas de ônibus desrespeitam e arrancam logo assim que a gente entra no ônibus.** Eu pinto o cabelo, mas às vezes tenho que deixar branco porque tenho queda, então quando ele está branco as pessoas cedem o lugar no ônibus, dão mais atenção, mas quando eu pinto todo mundo acha que eu não sou tão idosa e o tratamento muda. Eu nunca sofri discriminação, a sociedade está melhorando, porque a quantidade de idosos está aumentando. Eu não sinto saudade do tempo que eu era nova, acho que os jovens de hoje tem mais liberdade e são mais sinceros, naquele tempo a gente escondia muita coisa dos pais, o que é ruim hoje são as drogas que geram esta violência que estamos vendo aumentar a cada dia.

Sempre que eu conheço alguém, eu falo sobre a UnATI. Indico para todo mundo, pois todos deveriam passar pelo menos um dia aqui. Espero muito poder um dia trazer o meu marido, ele seria outra pessoa, muito mais feliz!

Venezia Vieira de Souza

Aluna da Oficina da Memória da UnATI/UERJ - 2005

Me chamo Venezia Vieira de Souza e tenho 65 anos muito bem vividos, graças a Deus! Nasci no Rio de Janeiro, em Olaria. Sou caçula de oito irmãos, e agora só tenho uma irmã, todos se foram. Fui criada pela minha madrinha porque aos quatro anos fiquei órfã de pai e mãe. Meu pai era taifeiro do Loyd, então ele viajava o mundo inteiro, meu nome é Venezia em homenagem à Veneza. Quando eu nasci minha mãe teve ataque de eclampsia e ficou parálitica, minhas irmãs mais velhas e minhas tias cuidavam dela, mas quando eu fiz quatro anos ela se foi, meu pai estava em Santos e quando recebeu o telegrama que ela tinha morrido se foi também. Minha madrinha acabou de nos criar. Mas eu ainda tenho família na Bahia que eu não conheço por parte de pai, porque ele fez um filho pra lá outro pra cá, eu já tentei acha-los, mas não consegui. Passou-se o tempo e minha madrinha nos criou, ela era tecelã do Moinho Inglês. Meus três irmãos mais velhos já tinham vida própria, mas ninguém quis assumir a gente, meus tios também não quiseram porque na época cada família tinha oito, dez filhos, e não tinham condição de criar. Além disso, existia uma rixa de família, porque por parte de pai eu sou descendente de índio e por parte de mãe sou descendente de espanhol, então tinha rixa entre as famílias. Quando meu pai morreu não recebemos nada do Loyd, só fui receber alguma coisa quando fiquei noiva, porque eu e minha irmã Letícia fomos procurar, e recebemos um bom dinheiro. Eu tive uma infância que hoje em dia as crianças não têm, a gente tinha liberdade, subíamos em árvores, não tinha sorvete; não se jantava no domingo porque era dia de festa e no almoço tinha galinha assada, depois tomávamos um café da tarde ajantarado com toddy e bishnaga com manteiga ou mortadela. Eu fiz o primário na escola República da Colômbia, e foi um estudo muito proveitoso, eu dependia da caixa escolar para ter meu material, mas meu padrinho supria algumas necessidades, ele não dava tudo, mas ajudava no que eu precisava. Mesmo sem meus pais minha infância foi muito feliz, minha madrinha dava tudo pra gente na medida do possível, e havia união entre os irmãos mesmo com as brigas. Naquela época as roupas de baixo eram todas de algodão feitas por nós, clareava no sol porque não tinha cloro, não havia máquina de lavar, nem geladeira, a gente comprava as barras de gelo aos domingos. A gente tinha toalha de banho, toalha para os pés, não podia dormir sem lavar os pés. Para tudo tinha horário, era tudo sistemático, a gente tinha que fazer faxina na casa. Isso tudo pra mim foi muito feliz, hoje em dia a gente tem tanta coisa e não tem nada, naquele tempo a gente era feliz e não sabia. Fiz até o segundo ano ginásial, eu queria fazer concurso para o Instituto

de Educação, mas não tinha dinheiro para passagem. Chegou uma hora em que eu queria ter minhas coisas com meu dinheiro, eu disse para minha madrinha que não queria mais estudar para poder trabalhar, então ela procurou uma amiga rica da família que era modista em Ipanema para eu trabalhar com ela, mas sem receber era só para aprender uma profissão. Hoje graças a Deus sou uma costureira.

A gente não tinha essa fissura de namorar como hoje em dia, como minhas netas têm. Eu, com doze anos fiquei moça, e pra mim foi o fim do mundo porque eu não sabia o que era aquilo, minha professora que me explicou, hoje em dia todo mundo sabe tudo.

Meu primeiro namorado foi o Valter, quando eu estudava, com uns 14, 15 anos, mas foi aquela coisa de estudante, ele era amigo dos meus irmãos. Comecei a conversar com o filho de uma amiga da minha mãe, o Joselito, mas era sem a maldade que tem hoje, era só para baile porque eu adorava dançar, e ele dançava comigo. Então a gente começou a namorar, nem sei como começou, e ele era namorado mesmo de uma amiga minha, mas ela também tinha outro. E ele sempre querendo namorar sério comigo, mas eu falei pra ele como minha madrinha era, eu sabia pelo que minhas irmãs passaram com os namorados. Eu queria casar logo para sair de casa, minha madrinha mandou ele ir lá em casa pedir minha mão e ele foi, falou com ela, com meu irmão, com meu padrinho.

Ficamos namorando, mas minha madrinha dizia que ele tinha que se arrumar logo para gente casar, então ele começou a comprar os móveis, que eu tenho até hoje. Uma vez, quando ainda éramos noivos ele brigou comigo porque eu fui pular carnaval com meu irmão, minha madrinha logo se meteu dizendo que não éramos casados e que se fosse para ser daquele jeito era melhor acabar com tudo, eu fui logo tirando a aliança, aí veio a mãe dele dizendo que eu não podia fazer aquilo porque estava tudo comprado, ele pensou bem e continuou comigo, casamos em 28/04/1962. Eu fui muito feliz, tive quatro filhos. A gente foi morar no Irajá, foi um amigo da minha sogra que conseguiu, eu continuei trabalhando. Depois de ter meu primeiro filho fui trabalhar na Dijon. Depois de doze anos, me mudei para Colégio, foi quando eu tentei convencer meu marido a se inscrever para morar no conjunto IPASE na Vila da Penha, ele não queria, mas mesmo assim eu mandei uma carta

para o diretor do IPASE e ele respondeu que se meu marido se inscrevesse ele conseguiria, e conseguiu mesmo. Com os anos trabalhando na Dijon, consegui junto com meu marido ter nosso apartamento, que não é grande coisa, mas é nosso, e conseguimos também uma casinha em Barra de São João.

Eu não me aposentei porque saí do trabalho por causa do meu filho, que nasceu com seis meses, e com três meses teve paralisia infantil, foi o primeiro caso aqui no Rio de Janeiro, a partir dele que começaram a vacinar as crianças com três meses. Quase que eu perdi meu filho, foi uma luta, eu tive que sair do trabalho para correr atrás de tratamento. E eu não tinha dinheiro para pagar o instituto, por isso não me aposentei. Só costurava em casa.

Minha madrinha morreu com 83 anos, com doença da idade mesmo. Cinco anos depois, em 2001, morreu meu marido, com aneurisma abdominal devido ao cigarro, ele fumava três maços por dia. Ele chegou a operar, mas entrou em coma na mesa de cirurgia, depois enfartou, desculpa eu estar chorando mais foi muito duro para mim! Foi aquele trauma, mas a gente se reestruturou. Eu fiquei meio deprê, mas tinha que segurar a onda por causa dos meus filhos, eu não podia fraquejar. **O tempo passou, minha filha estudava aqui na Uerj e me falava muito da UnATI, mas eu tentei durante quatro anos me matricular e não consegui, porque antigamente era por ordem de chegada. Quando mudou para sorteio eu consegui entrar, a primeira oficina que eu fiz foi Biodança. Eu cheguei na UnATI disposta a viver tudo o que eu não vivi com o meu marido, porque eu sempre gostei muito de dançar, mas ele não gostava, ele não deixava eu fazer muitas coisas, aqui eu me sinto livre para fazer o que eu quero, aqui eu me encontrei. Se meu marido estivesse vivo eu não estaria na UnATI, aqui eu me realizo como gente. Já fiz Informática, Biodança, e agora faço Oficina da Memória porque eu tava precisando, eu estava esquecendo as mínimas coisas, então fui procurar ajuda no NAI. Faço todos os amigos que eu posso, eu gosto muito disso, gosto de abraçar, acarinhar, rir. As pessoas procuram a UnATI por causa da solidão, aqui a gente recebe muito carinho afetivo.**

Eu sou idosa, pra mim velho é trapo, que não faz mais nada, que não rende nada, eu detesto isso. Velhice é quando a pessoa se torna inútil. A velhice traz

muita solidão, pois a família começa a esquecer da gente, coloca a gente no asilo e nem vai visitar, as vezes só quer saber mesmo é do dinheiro da aposentadoria.

Eu vejo a UnATI com muito amor, então só vejo as coisas boas, a única coisa que eu achava ruim era o banheiro, mas devido a falta de educação de certas pessoas. Acho os professores maravilhosos, todos me tratam bem.

O idoso tem muita capacidade para aprender e se atualizar, só depende dele e da chance que derem. A sociedade ainda não tem capacidade para aceitar o idoso, continua discriminando, ainda está longe de aceitar. Eu vejo isso quando eu ando de metrô, onde existem bancos preferenciais para idosos e fica uma mocidade sentada, quando eu estou nervosa peço para levantarem, porque é uma falta de respeito.

A UnATI é tudo de bom, o sonho de muita gente é entrar aqui, mas muitos não conseguem, eu consegui, graças á Deus!

Carlindo do Couto

Aluno da Oficina de Inglês da UnATI/UERJ - 2005

Meu nome é Carlindo do Couto, tenho 66 anos, nasci em oito de maio de 1939. Eu nasci no Rio de Janeiro, na cidade de Campos, mas me criei em Botafogo, vim pra cá com oito anos com a minha mãe, ela tinha se separado do meu pai. Eu sou filho único. A minha infância foi da melhor qualidade, soltava muita pipa, jogava bola de gude, pelada no meio da rua, sempre gostei de futebol. Eu fiz a primeira série na escola Francisco Manoel foi o último ano daquela escola naquele local, eles mudaram e eu fui transferido para a escola Minas Gerais, fiz o ginásio e admissão lá. Sempre fui um bom aluno, os professores sempre me elogiavam, eu era muito aplicado. Quando eu conclui o primário em 1954, eu recebi convite para estudar no Colégio Santo Amaro e no Aimoré devido às minhas boas notas, mas minha mãe não deixou e eu não fui pra nenhum dos dois, porque eram colégios pagos de gente rica. Fui procurar colégio outros colégios, mas eu já não queria estudar e sim

trabalhar, pois todos os meus amigos daquela época já trabalhavam. Naquela época agente queria trabalhar cedo, não é como hoje que esta molecada quer ficar só dependendo dos pais. Antes era muito bonito estudar e trabalhar, todo mundo fazia isto, era bacana!

Meu primeiro emprego foi numa importadora, e trabalhava como office-boy, ganhava pouco, mas era muito bem tratado, sempre fui muito responsável, mas como eles mudaram para longe eu acabei saindo de lá. Fui depois trabalhar com representação na Editora Mônaco que já não existe mais, não trabalhei muito lá não, depois que saí de lá fui para o Laboratório Farmacêutico Oliveira Júnior. Quando chegou o período do exército eu me apresentei e sobrei por excesso de contingente, eu queria muito servir o exército, servir a minha pátria. Nesse período minha mãe queria que eu voltasse para Campos, pois achava que estava andam com maus elementos, o pessoal lá da General Severiano, mas eles não eram não, minha mãe é que era muito implicante, sabe coisa com filho único! Mas eu não queria voltar não, imagina ter que voltar para roça depois daquele tempo todo, mas minha mãe insistiu e eu acabei indo. A princípio ia ficar só seis meses, mas fiquei três anos e meio. A minha adaptação foi difícil, porque eu já estava acostumado com a Zona Sul carioca e voltei para o interior, não conhecia nada, era tudo diferente, nem tinha luz.

Eu me casei com 22 anos, e sabe com quem? Com a minha prima Sebastiana que morava lá em Campos, ela tinha 17 anos. Quando eu cheguei em Campos eu nem lembrava dela, pois como saí muito pequeno não lembrava de ninguém, mas aí comecei a sair com muitas garotas de lá, eu fazia sucesso, pois era carioca da zona sul e todo mundo gostava de ouvir as minhas histórias da cidade maravilhosa. Ai eu comecei a me engraçar para o lado da Sebastiana e ela pro meu lado, ai já viu né! Já sabe no que deu, ela engravidou e tivemos que casar. Foi uma grande confusão no começo toda a família só faltou me matar, mas depois tudo se acertou.

Nossa primeira filha nasceu em Campos, mas foi criada aqui também, pois minha mãe providenciou logo uma casa aqui para gente, no Andaraí, e eu vim com minha mulher e minha filha, o começo foi difícil, mas sempre a minha mãe me ajudando muito, ela era uma mulher de muita garra, trabalhadora, honesta. Andei muito a trás de emprego, as coisas já começavam a ficar difícil, e eu tive que aceitar um emprego de serviços gerais mesmo, lá na Marinha, não era muito dinheiro, mas era

o que nos sustentava. Minha mulher era dona de casa, não conhecia nada aqui no Rio por isso só ficava em casa mesmo. Eu saí da Marinha em 68, e aí consegui voltar e fazer umas vendas para Editora Mênaco, mas não era nada certo, foi só para arrumar um qualquer. Depois fui para Editora Brasiliense, os vendedores de lá eram todos velhos e eu era moleque novo, achavam que eu não tinha prática, mas eu vendia bem. Fiquei pouco tempo na Brasiliense porque logo recebi uma indicação para trabalhar na Pirelli, fiquei doze anos lá, ganhei bastante experiência no mercado financeiro. Depois trabalhei em vários lugares com vendedor.

Cheguei aqui na UnATI porque eu estive no grupo da terceira idade do Hospital São Francisco de Assis, e lá me falaram daqui. Eu queria me inscrever, mas sempre perdia a inscrição, em 2003 fiquei mais ligado e em 2004 eu entrei. Eu vinha antes aqui, mas só nas festas, e com isso fui ficando mais apegado. **A primeira oficina que fiz aqui foi Introdução à Informática no primeiro semestre de 2004, também fiz Ecologia, e nesse ano eu entrei no Jornalismo. Fui para o inglês porque é preciso mesmo, é sempre importante ter uma segunda língua. A UnATI tem muito de bom, é muito importante para as pessoas da terceira idade, as pessoas se sentem bem, se realizam aqui. Pra mim aqui é tudo de bom, mas uma coisa me chocou quando cheguei aqui, depois de dois meses do início da Informática uma senhora veio me dizer que eu não podia fazer mais a oficina naqueles dias e naquele lugar, e isso me incomodou, achei que era racismo, fui conversar logo com a professora e ela me disse que não era nada disso, disse para eu não levar a sério, que a senhora deveria estar equivocada com o que falou para mim, eu deixei para lá, mas fiquei muito magoado. Eu estou aqui na UnATI há pouco tempo, mas conheço um monte de gente, fiz muitos amigos, ou melhor amigas, pois infelizmente os homens ainda tem um pouco de preconceito de frequentar lugares assim, de voltar a estudar, se atualizar, acham que é coisa de mulher. Admiro muito quem faz os planejamentos das oficinas aqui da UnATI, pois tem de tudo um pouco, gosto muito dos professores também, são muito atenciosos. Minha família acha legal que eu venha para a UnATI, meus netos ficam orgulhosos por eu estudar e acabo servindo de exemplo para eles se dedicarem aos estudos também. Hoje eu posso conversar de tudo com eles, e até em Inglês, a gente se respeita mais, estamos mais ligados, unidos sabe!**

Acho que muitas pessoas procuram a UnATI atrás do carinho que a família não dá, também vêm para fazer amizades, fugir da solidão da velhice, da depressão, o tempo que era ocioso eles gastam aqui com as atividades. Aqui o idoso se renova, melhora a auto-estima. Uma sugestão que eu tenho é que a UnATI abra mais cursos do tipo profissionalizante, como este novo de Recepcionistas, para dar condição ao idoso que parou de trabalhar, voltar ao mercado de trabalho com qualificação, poder continuar mesmo depois de aposentado à trabalhar, e eu vou ser o primeiro da lista.

Acho que o idoso tem muita capacidade de aprender, basta querer, ter força de vontade, eu tenho 66 anos e estou sempre buscando aprender, é claro que é mais difícil a nossa memória já não é a mesma, mas impossível não é! Velho eu não sou, sou idoso, o velho esta encostado em casa, sem fazer nada, esperando a morte chegar. E da terceira idade eu não sou porque não sei quais foram a primeira e a segunda. Velho é aquele que se entregou depois da aposentadoria, que aceita tudo o que os outros falam. A velhice no meu caso não levou a solidão, acho que a solidão só chega para aqueles que pararam no tempo, por mais que a pessoa seja sozinha se fizer alguma atividade vai ter sempre aquele movimento. A sociedade trata o idoso com uma certa falsidade, uma parte da sociedade não cumpre aquilo que demonstra, o governo promete tanta coisa, mas no final não cumpre nada que prometeu, e a sociedade não faz nada para reverter este quadro. Mas temos que ser otimista e torcer para ficar melhor, nós idosos temos que nos unir e fazer cumprir tudo que esta no estatuto do idoso, a hora é essa, só depende da gente! Obrigado, e um abraço.

Zilda Bucci dos Santos

Aluna da Oficina de Inglês da UnATI/UERJ - 2005

Eu me chamo Zilda Bucci dos Santos, nasci em 31/01/1937, tenho 68 anos. Eu acredito que meu nascimento foi uma alegria muito grande para meus pais porque eles gostavam muito de criança, tinham o desejo de encher a casa, nós somos seis irmãos. Nasci em São Paulo, num bairro chamado Moca, no Centro de São Paulo, e vim para o Rio de Janeiro com seis ou sete anos. Meu pai tinha uma fábrica de

malas em São Paulo, e veio para o Rio porque aqui tinha mais possibilidade de crescer, e a família dele toda já morava aqui. Morei primeiro no centro de Nova Iguaçu. Depois meu pai trocou nossa casa por um sítio num lugar chamado Miguel Couto, era uma casa muito grande, que estava sempre cheia de amigos, e lá minha infância foi muito feliz, a gente subia nas árvores, a gente soltava pipa, jogávamos bola com os vizinhos, eu posso dizer que tive a infância que muitas pessoas gostariam de ter, mas não podem. Meu pai era muito austero, mas deu uma educação íntegra para todos nós, todos estudaram e se formaram. Minha mãe era do lar, muito cuidadosa com os filhos. Morei em Miguel Couto até o casamento, depois que me casei fui para Vista Alegre e estou lá até hoje.

Enquanto eu morei em Nova Iguaçu estudei no colégio das Irmãs Franciscanas até a admissão, eu gostava muito das irmãs, eram muito amigas, eu as tinha como mães. Depois que eu me mudei para Miguel Couto fiz o colegial, só que terminei e não consegui pegar o diploma, isso me deu uma frustração, mas fiz de novo depois de casada e consegui meu diploma. Não cheguei a fazer faculdade. Ainda não estou completamente realizada nos estudos, mas estou me realizando.

Não tive muitos namorados, conheci alguns garotos que a gente olhava, mas que não chegamos nem a namorar. Houve um rapaz que eu gostava dele, mas ele nunca percebeu isso, porque naquela época as moças não se insinuavam para os rapazes, eram muito mais discretas. Namorei um rapaz, foi uma história interessante, eu conversava com ele no portão da minha tia e quando eu menos esperava ele foi à minha casa pedir ao meu pai pra me namorar, ele tinha 1,90m e eu baixinha desse jeito. Depois de um ano eu mesma terminei o namoro, porque ele era muito alto, ficava um casal muito esquisito, e, além disso, eu não estava preparada para o casamento e ele pensava em casar. Encontrei meu marido numa empresa que fui trabalhar, no começo eu não gostava dele porque desde o primeiro dia que ele me viu disse que ia se casar comigo, mas naquela época o racismo era muito forte e ele era nortista, e eu dava todo desprezo pra ele. Mas ele insistia que queria se casar comigo, e tinha um monte de moça que gostava dele. Até que aconteceu uma ocasião de uma festa que eu não tinha companhia e ele se ofereceu para ir comigo, mas eu recusei. Ai uma amiga minha combinou de levar o irmão dela para me acompanhar, mas na hora o rapaz faltou e o que hoje é meu marido chegou

lá para ir comigo, eu estava linda e ele me apresentou a todos como namorada dele. Ele começou a ligar pra minha casa, marcou de ir lá conhecer minha família, e começamos a namorar, depois eu percebi que ele era muito gentil, muito educado, muito alegre, ele é uma pessoa especial até hoje, vamos fazer 46 anos de casados. Nós namoramos um ano e seis meses, depois foi mais um ano de noivado até nos casarmos, casei aos 23 anos. Moramos primeiro em Miguel Couto mesmo, depois conseguimos comprar um apartamento em Vista Alegre, e me mudei para outro em Vista Alegre mesmo, onde estou até hoje. Tive meu primeiro filho depois de nove meses de casada, o Roberto, depois tive a Leila, e por fim o Ricardo, eles me deram muita alegria, sempre foram muito obedientes e estudiosos. **Depois de casada eu preferi não trabalhar para dar atenção as minhas crianças.**

Quando solteira, aos dezoito anos, eu trabalhei numa loja, e depois trabalhei em outra loja, mas quinze dias antes do casamento eu saí porque logo que eu casei fui morar longe, e eram três conduções para chegar, era muito cansativo. Depois de casada eu e meu marido abrimos uma loja em Vista Alegre, de enxovais completos para noivas, nós tivemos bastante sucesso com a loja, tudo que uma noiva precisava eu vendia. O que me fez desistir da loja foi que no mesmo ano deu ladrão três vezes. Depois disso eu nunca mais trabalhei. Meu marido trabalhava fazendo prótese dentária e isso ajudava no orçamento.

Meu filho Ricardo achava que eu estava muito triste, e eu falei pra ele que a própria vida nos traz uma certa tristeza, porque eu queria que tanta coisa tivesse sido diferente, e falei para ele sobre minhas frustrações, as coisas que eu comecei a fazer mas não terminei. Então meu filho falou sobre a UnATI e todos os cursos que tinham aqui, e disse pra eu vir aqui, mas eu não quis, e ele insistiu dizendo que eu ia fazer novos amigos. Ele me trouxe no final de 2003 para fazer a inscrição, quando cheguei vi que aqui tinha tudo que eu gostava. Me inscrevi logo no Inglês, porque eu gosto muito e já fiz vários cursos. Ano passado fiz Desenho e Pintura com a professora Marli Bastos, me afastei devido ao lugar que estou morando agora, mas ano que vem quero voltar. Ano passado eu fiz coral com o professor Sebastião. To fazendo piano com a Ruth. Além de tudo isso que é muito bom, o que eu gostei mesmo foi o relacionamento, das amigadas, porque eu aqui conheci pessoas sensacionais,

eu me reúno com minhas amigas do inglês para fazer os trabalhos, não tenho nem palavras pra agradecer a UnATI em relação às amizades.

Os pontos positivos que vejo aqui na UnATI são o aprendizado e as amizades, e aqui eu tive a possibilidade de mostrar pra mim que eu posso, eu estou restaurando em mim um potencial, despertou em mim um desejo pela vida. Até agora eu não consegui observar nenhum ponto negativo aqui, pra mim a única coisa ruim é à distância da minha casa, pois hoje estou morando na Ilha do Governador, e fica um pouco longe, mas mesmo assim eu venho. Todos os professores da UnATI foram bem escolhidos, todos são atenciosos, tenho que parabenizar a UnATI. Mudou tudo na minha vida, agora tenho uma nova perspectiva, foram abertos novos horizontes, agora eu tenho até prazer em me arrumar para sair de casa porque sei que vou encontrar com meus amigos.

As pessoas procuram a UnATI porque querem mesmo depois de aposentados dar continuidade aos estudos, fazer o que não conseguiram antes, podem se atualizar para o que o mercado e a vida social querem de nós.

Eu sempre falo para as pessoas sobre a UnATI, no ônibus sempre que tenho oportunidade eu falo, já trouxe várias pessoas para cá. Da mesma maneira que a UnATI fez bem pra mim pode fazer para outras pessoas que se sentem sozinhas, desprezadas pelos filhos, netos, pela família.

A velhice é o ponto culminante da vida da pessoa, é quando ela já se realizou, já está casada, com filhos, netos, então é hora de passar para os filhos e os netos tudo aquilo que aprendeu, quase sempre o idoso tem coisas boas para passar adiante, temos muita sabedoria. Eu prefiro ser chamada de idosa, me sinto lisonjeada, a pessoa idosa teve o privilégio de viver uma vida. Acho que velho é aquilo que se joga fora, igual roupa velha, sapato velho, aquilo o que não presta mais. terceira idade eu entendo que se ela existe, tem que existir também a primeira, segunda, terceira, quarta, quinta, sexta, sétima, então terceira idade não diz nada. Ser chamada de idosa é mais elegante.

O velho não é um cidadão desqualificado, ele tem muitas qualidades e muita coisa pra passar a frente, tem capacidade de aprender sempre. Acredito que a

velhice não desqualifica ninguém e nem leva a solidão, porque a pessoa que teve uma vida inteira com os filhos e netos, e continua tendo o apoio deles, na velhice ela estará rodeada de pessoas que gostam dela.

Eu quando tinha meus pais vivos sempre pedia o aval deles para fazer as coisas, porque eu confiava muito na capacidade deles. E meus filhos sempre falam para gente o que vão fazer, e eu acho isso muito bom, minha família é muito unida.

Eu não vejo tanta diferença entre o mundo como era antigamente e como é hoje, mudou porque cresceu o número de pessoas e logicamente as coisas erradas que eram feitas em menor proporção agora são feitas em maior. **O mundo não, o que acontece é que agora nós temos a mídia nos trazendo tudo o que acontece lá fora. O mundo é o mesmo desde o início, sempre houve violência, antigamente as meninas também casavam grávidas, tudo o que nós temos hoje sempre existiu, só em relação à droga que mudou um pouco. Mas muita coisa boa aconteceu, a tecnologia ficou avançada e eu adoro.**

A sociedade não vê o velho com o respeito que havia antigamente, eu me lembro que as pessoas da vizinhança cumprimentavam os idosos, o que mudou foi a educação das pessoas. **Eu acredito que o Estatuto do Idoso é uma cobrança do governo justamente porque não estão respeitando os idosos, acho que pode melhorar a situação, mas não 100%, porque também existe violência com o idoso dentro das casas, partindo das famílias. Existe preconceito com o velho sim, nos ônibus os motoristas não param, eles são sem educação.**

O que eu espero é que cada vez mais possam existir lugares como a nossa universidade para a terceira idade, pois assim cada vez mais estaremos atuantes e teremos o nosso conhecimento valorizado pela sociedade. Acho que já falei muito! Um beijo e fica com Deus!

7.2 Reconstruindo as histórias vividas pelos alunos da UnATI/UERJ

O encontro etnográfico experimentado quando se trabalha com populações de idosos é marcado por um duplo movimento – a familiaridade com um contexto social definido por referenciais culturais comuns e o estranhamento pela condição existencial e até mesmo física do ser velho.

É nesse contato, para Palma (2000,) que as limitações, as digressões ao passado, intensificadas pelo avanço no tempo de vida, são também elementos diferenciadores, nos quais a alteridade vai sendo construída de ambos os lados, nessa relação pesquisador – pesquisado que é, por vezes, tensionada pelo fato do observador, ser sujeito da observação.

As narrativas autobiográficas apareceram permeando as entrevistas e mesmo nas conversas informais. Escutar memórias e reviver lembranças foram o fio condutor desse trabalho de pesquisa desenvolvido em 2005 com Nelson, Marilene, Leonarda, Celina, Rosália, Elvira, Carlindo, Laura, Zilda e Venezia, alunos da UnATI/UERJ.

Abordar a memória como processo social foi algo que veio interligado com a velhice. Conceito inserido em um repertório sócio-cultural historicamente delimitado. A velhice, neste processo, transpõe assim o estado de um processo biológico para o de uma construção social. Segundo Palma (2000):

“A memória e a lembrança aparecem, pois subsumidas nesse processo de definição de identidades, de afirmação do sujeito num universo de profundas alterações, cujo ritmo vertiginoso desafia a permanência de valores e representações sobre o mundo do vivido, num contexto de rápida desintegração dos liames que unem os sujeitos ao passado”. (Palma, 2000. p.208).

A autora ainda destaca que para a antropologia, uma das preocupações vem sendo a de estabelecer como os sujeitos definem-se velhos, como a idade cronológica instaura modificações na âmbito dos códigos de valores e como as sociedades elaboram e dispõem, no processo de interação social, as classificações etárias.

Nesta viagem ao passado este é o momento da elaboração, momento de algumas interpretações dentre tantas outras possíveis. Elas não têm, obviamente, a pretensão de trazer respostas prontas e acabadas sobre a educação na velhice, ou mesmo de constituir receituário de como viver bem para um envelhecimento saudável.

Pretendo, sim, responder às questões descritas anteriormente e provocar outras, além de apresentar as percepções do que significa ser velho na perspectiva do próprio idoso. E é refletindo todo um universo de representações e significados que a memória, atualizada pela categoria lembrança, constitui, ela própria, uma representação que os sujeitos fazem de sua própria vida.

Através da pesquisa, procurei respostas, vozes que revelassem um universo de significados e muitos foram encontrados. Se dissermos que o velho se enquadra dentro dos “grupos de minoria”, não podemos afirmar que estes constituem um conjunto compacto e homogêneo, de tal forma que o depoimento de um estaria revelando o que o grupo é.

Pelo contrário, entre eles, nas suas relações grupais foram encontrados universos bastantes heterogêneos, o que demonstra quão equivocada são as visões estereotipadas atribuídas a diferentes grupos sociais.

Segundo Geertz (1989), em *“A Interpretação das Culturas”*, o uniformismo clássico do iluminismo, que reduzia a natureza humana a algo tão regularmente organizado,

“(...) tão perfeitamente invariante e tão maravilhosamente simples como o universo de Newton, se apresentava como um grande obstáculo para que se pudesse chegar a um conceito de homem. Este é menos compreensível pela sua suposta uniformidade geral, e mais pelas suas especificidades, particularidades e diversidades manifestadas no planeta” (Geertz, 1989.p.46).

Assim não foi encontrada nas falas dos sujeitos entrevistados uma visão de mundo homogênea, o que foi revelado foram posições variadas sobre coisas da vida,

algumas mais apegadas aos valores do passado, outras adaptadas aos novos tempos, posições comuns sobre algumas questões, divergentes sobre outras.

Discutir o papel da memória durante este período de observação foi fundamental, pois significou abordar o processo de construção da identidade do ser velho e as estratégias de afirmação nos espaços sociais. Ela aqui foi tratada como umnexo entre o sujeito e o seu mundo, sempre acionada no presente, disposta na interface entre ele e o meio social.

Tais considerações se confirmam quando observadas as respostas sobre os termos através dos quais os entrevistados gostariam de ser identificados. A maioria preferiu ser chamada de *idoso* e alguns poucos de *terceira idade*, por considerarem mais simpática esta denominação. Não faltaram também, as considerações de que estes dois termos disfarçam mais a velhice e que o termo *velho* é humilhante.

Dona Elvira faz suas considerações sobre estes termos ao dizer:

“Não gosto de ser chamada de velha porque é um termo um pouquinho abusado; terceira idade, não sei; eu sou idosa, então acho que a palavra mais apropriada é essa, idoso. Essa palavra representa uma pessoa já com certa idade, mas lúcida, ativa.” (Elvira Rosa Costa.2005)

A repulsa a este termo por parte de alguns entrevistados é reflexo da repulsa à velhice, muito fortemente enraizada no imaginário social, decorrendo daí o fato de o termo *velho* carregar consigo uma conotação pejorativa, ligada ao preconceito e a discriminação.

Simone de Beauvoir (1990) chama a atenção para o fato de que se deveria insistir no termo *velho* para se desfazer a farsa. Mesmo porque, vale ressaltar, tal concepção negativa do termo *velho* é regada culturalmente através da educação de pais para filhos, através dos meios de comunicação que continuam reproduzindo a idéia da novidade associada à beleza, ao ideal da eterna juventude, embora o novo hoje rapidamente se torne o velho de amanhã.

O que é ser *velho* e o significado da *velhice* se confunde nas falas dos sujeitos entrevistados. Se por um lado, o termo *velho* não é bem aceito, por outro, *ser velho* e o que isto significa evoca as representações da experiência, do conhecimento, da sabedoria e até mesmo da esperança.

Ao mesmo tempo, evoca também as representações do abandono, da solidão, do preconceito e do comodismo. Para Nelson a velhice chega e depende muito de cada um vivê-la da melhor maneira possível, e diz:

“Eu encaro a velhice como uma coisa natural, não é “to ficando velho”, “isso é coisa de velho”, é a ordem natural das coisas: você vai envelhecer. Hoje a pessoa pode envelhecer com uma vida mais saudável, só basta querer. Se me chamar de velho eu não fico chateado mesmo, só acho que as pessoas devam ter cuidado quando usam esta expressão, pois alguns velhos não gostam muito de serem chamados de velhos.” (Nelson Cavalho, 2005).

Bastante reveladora e trazendo grande contribuição para novas reflexões, é a fala de Marilene:

“Tenho vontade de fazer a Oficina da Memória, mas meu marido me atrapalha muito, desde que eu vim pra UnATI ele não quer que eu saia de casa para fazer cursinhos, diz que meu lugar é em casa. Mas mesmo assim eu coloquei na cabeça que tinha que vir pra cá, cheguei a ficar dois anos afastada, de tanto ele brigar comigo. Meus filhos me incentivam, até falam com meu marido, mas ele é Italiano da Calábria e lá é pior do que o Nordeste, ele só enxerga aquilo que aprendeu quando era criança e acha que eu tenho que viver igual ao povo da terra dele, mas eu não abaixo minha cabeça.” (Marilene, 2005).

Marilene chama a atenção para um aspecto comum entre as mulheres da terceira idade: a opressão por parte dos maridos, regrando-as e controlando-as. As mesmas viam, já no primeiro namoro, o casamento como uma fuga dos pais severos.

Outro aspecto a considerar é que a educação escolar das filhas era geralmente interrompida, visto que a mulher não poderia aprender muito, não poderia saber demais, pois poderiam perder a função de se tornarem as futuras donas de casa.

Muitas não realizaram seus sonhos de terem uma profissão, cuja condição passava pelos bancos escolares. Os maridos, invariavelmente ciumentos, impunham dentro de casa valores machistas, que a própria educação familiar lhes ensinou.

Por isto, pela ausência de autonomia, pela obrigação moral da devoção casta, imposta por pais e maridos durante quase uma vida inteira, agora se sentem livres, podendo ver o mundo por um prisma melhor. Como afirma Venésia:

“Eu cheguei na UnATI disposta a viver tudo o que eu não vivi com o meu marido, porque eu sempre gostei muito de dançar, mas ele não gostava, ele não deixava eu fazer muitas coisas, aqui eu me sinto livre para fazer o que eu quero, aqui eu me encontrei. Se meu marido estivesse vivo eu não estaria na UnATI, aqui eu me realizo como gente.” (Venésia, 2005).

Dois aspectos foram ressaltados de forma mais marcante no que diz respeito à maneira como os entrevistados vêem o mundo hoje. De um lado a violência, as crises econômicas e a falta de união entre as pessoas como fatores depreciadores do mundo contemporâneo. Do outro estão os avanços tecnológicos, facilitadores da vida moderna. Essa contraposição está mais claramente presente na fala de Leonarda, ao considerar que:

“Existe muita diferença entre antigamente e hoje, nem preciso falar sobre a minha época, já na época dos meus filhos era diferente, eu sempre mandava o mais novo ir pagar contas no banco, hoje em dia isso não acontece porque existe muito medo, as pessoas preferem usar o computador para nem saírem de casa, pois a violência está demais. Esta crise vem fazendo as coisas mudarem muito, mas acho que não é só o desemprego o culpado disso tudo, é a falta de amor ao próximo, falta de educação, mau exemplo dos pais, trabalho existe, mas as pessoas querem emprego e não trabalho.” (Leonarda, 2005).

Diferente desta opinião sobre o mundo hoje é a percepção de Zilda quando conta:

“Eu não vejo tanta diferença entre o mundo como era antigamente e como é hoje, mudou porque cresceu o número de pessoas e logicamente as coisas erradas que eram feitas em menor proporção agora são feitas em maior. O mundo não, o que acontece é que agora nós temos a mídia nos trazendo tudo o que acontece lá fora. O mundo é o mesmo desde o início, sempre houve violência, antigamente as meninas também casavam grávidas, tudo o que nós temos hoje sempre existiu, só em relação à droga que mudou um pouco. Mas muita coisa boa aconteceu, a tecnologia ficou avançada e eu adoro.” (Zilda, 2005)

Considerações como estas são evidências da satisfação pessoal sentida pelos idosos alunos da UnATI/UERJ, ficando clara a importância de instituições sociais dessa natureza, na medida em que propiciam ao idoso a participação na vida coletiva.

Esta sim é sinônimo de uma velhice mais saudável, ao contrário da imagem do velho aposentado de pijama, deprimido pelo sentimento de baixa auto-estima, pela perda ou redução do poder aquisitivo, pelo conseqüente isolamento ou distanciamento dos colegas e amigos, pela ruptura do convívio social que a aposentadoria provoca no idoso. Como narra Laura:

“Quando me aposentei minhas filhas eram adolescentes e meus pais já estavam em idade avançada, como eu nunca fui de ostentar achei aquela situação que eu estava suficiente para mim e resolvi me dedicar à família, esse foi meu grande erro porque tive várias propostas para trabalhar em indústrias, mas eu quis exatamente dar um pouquinho mais de atenção. Então fiquei mais cuidando da casa, mas sempre muito ativa e procurando novos caminhos, desde solteira tudo quanto era curso de graça eu fazia. Eu cheguei aqui na UnATI, no fundo do poço, porque eu me separei de fato em 92 e no papel em 95, cheguei aqui em meados de 94, eu estava muito triste porque tive que vender meu apartamento no Grajaú, onde eu era rodeada de amigos, e tive que vir para a Tijuca sozinha e senti muita diferença, ali que eu senti todas as perdas de uma vez só, perda de pais, amigos, família.” (Laura, 2005).

Para todos os sujeitos entrevistados, o motivo para se encarar a velhice de uma forma mais prazerosa, em grande parte, se dá no convívio na UnATI/UERJ. A

princípio como parte integrante da equipe da UnATI/UERJ estranhava e duvidava um pouco da exaltação que faziam da instituição e das mudanças substanciais que diziam estar passando nas suas vidas.

Entretanto, as observações mais atentas e cotidianas na pesquisa de campo me permitiram compreender a importância que a participação dos idosos na UnATI/UERJ estava e está tendo para eles. Foi possível observar nas aulas de Yoga, nos exercícios de Orientação Postural, nas dinâmicas da Oficina da Memória, no manuseio dos computadores, nas frases construídas em Inglês e, em tudo o mais, as manifestações e expressões de idosos se comportando e convivendo com idosos, com a identidade que a idade lhes confere, que deixaram para trás as lamúrias de uma vida de solidão, de depressão e de perda da própria importância na vida social.

Segundo Netto (2001), quando se aborda a dimensão sociológica do envelhecimento dois elementos devem ser observados, porque condizem com uma realidade vivenciada pelo idoso, seja por variáveis independentes do próprio processo: a solidão e o isolamento social.

A solidão como um estado emocional marcado pela carência de relacionamentos afetivos importantes e calorosos e o isolamento referente à falta de contatos com pessoas diferentes e decorrentes da ausência de atividades sociais. É de se notar que o isolamento prolongado aumenta a possibilidade de que se sinta solidão, e Netto (2001) afirma que:

“A solidão é um dos fantasmas que se agitam no coração do homem e uma das coisas que mais teme; embora pareça absurdo, nas cidades superpopulosas de hoje, a solidão surge porque no âmbito de muitos afazeres escasseia o tempo de dialogar, de compreender e de considerar as pessoas próximas e estimadas.” (Netto, 2001. p.161).

A solidão possui vários aspectos. Há, por exemplo, a solidão experimentada por um homem, cujas idéias não são aceitas ou cujos atos não se compreendem. Há também, a solidão dos que sós, conservaram ressentimentos amargos. E existem, também, aqueles que por problemas de saúde ou de idade ficaram marginalizados.

Há que se ressaltar, ainda, que ao conceito de solidão vincula-se o de saúde. As pessoas fisicamente sãs sentem menos a solidão que as enfermas. Por outro lado, a par da solidão do isolamento social ou do contato social insuficiente, a síndrome de insegurança, seja com a saúde, com o futuro, ou mesmo com a situação econômica, faz do idoso um indivíduo triste.

A separação ou a morte do cônjuge, o casamento dos filhos, a perda da posição social, a redução dos ganhos, as dificuldades de locomoção, os conflitos familiares, a violência urbana, a aposentadoria, são elementos que estimulam os sentimentos de menosprezo, de invalidez moral e social, da ausência de objetivos e do desdobramento motivacional. A par deste quadro, firmam-se os preconceitos estabelecidos em relação ao velho que não lhe permitem caminhar com desenvoltura pelo mundo dos jovens e adultos.

Nesse sentido cabe destacar algumas falas dos idosos entrevistados:

“Eu não sinto solidão, só às vezes, mas eu me considero uma pessoa forte, corajosa, quando eu começo a sentir pego meu trabalho em casa, o negócio é não ficar parado sem fazer nada. Venho quase todo dia aqui na UnATI, meu marido morreu há 13 anos e eu estou há 12 anos aqui, desde o primeiro dia da UnATI. Um ano depois que meu marido faleceu eu estava em casa desesperada, sem querer sair, quase caindo em uma depressão, aí minha filha leu no jornal sobre a UnATI e falou para eu vir, mas eu não queria sair de casa, mas ela me trouxe e fiz a inscrição.” (Celina, 2005)

“Eu tenho um conceito de solidão, a pior solidão não é a solidão só, mas aquela a dois, a pessoa tem que ver se a solidão é interior, hoje eu sou uma pessoa só, mas não me sinto sozinha. Eu já tive o sofrimento todo que tinha que ter, e hoje estou na fase da liberdade, de fazer o que eu gosto, de aprender a dizer não.” (Laura, 2005)

“Para algumas pessoas a velhice leva a solidão, mas eu não sou assim porque sou muito ligada a minha família, gosto de reunir todos os meus filhos, minhas irmãs, meus cunhados em datas comemorativas.” (Marilena, 2005)

“Acho que muitas pessoas procuram a UnATI atrás do carinho que a família não dá, também vêm para fazer amizades, fugir da solidão da velhice, da depressão, o

tempo que era ocioso eles gastam aqui com as atividades. Aqui o idoso se renova, melhora a auto-estima.” (Carlindo, 2005)

É no mundo vivido que as identidades se constroem e se afirmam e é do passado que os velhos se nutrem. É de sua trajetória que se origina a própria idéia do eu individualizado, formulado através do desempenho de vários papéis sociais, sendo exatamente esses papéis que irão dimensionar essa identidade.

Entre os idosos que compuseram o universo no qual experimentei esta pesquisa, a família ou as vivências familiares aparecem como instância que reúne as vivências do passado. A família, compreendida como estrutura que ultrapassa um grupo de consangüíneos e que mais se aproxima do grupo doméstico, é o marco zero nas narrativas biográficas, presentificada de maneira simbólica nas várias imagens do idoso e elemento referencial da velhice.

Se as vivências familiares permearam todas as entrevistas e falas dos informantes, em alguns casos foram a própria essência do passado, pois segundo Barros (1998) a importância do grupo familiar como elemento referencial para a reconstrução do passado vincula-se ao fato de ser a família ao mesmo tempo objeto de recordação e o espaço no qual essas recordações são avivadas.

Assim, os papéis familiares estão fortemente marcados nas trajetórias desses indivíduos e são o eixo em torno do qual se articulam as representações sobre o passado, sempre contrastantes com o presente. E Carlindo se vê mais próximo a sua família ao relatar:

“Minha família acha legal que eu venha para a UnATI, meus netos ficam orgulhosos por eu estudar e acabo servindo de exemplo para eles se dedicarem aos estudos também. Hoje eu posso conversar de tudo com eles, e até em Inglês, a gente se respeita mais, estamos mais ligados, unidos sabe!” (Carlindo, 2005).

Importante perceber que as considerações dos idosos entrevistados a respeito da relevância que tem a UnATI/UERJ para as suas vidas ensinam que a educação não

se aposenta. O tempo de se educar, de aprender e ensinar é contínuo durante todo o processo de nossas vidas.

Idosos que se integram em projetos educacionais para a terceira idade demonstram terem suas vidas enriquecidas. Em contrapartida seus conhecimentos acumulados e suas experiências também enriquecem a vida de profissionais que se sentem recompensados pelo fato de conviverem com idosos, num verdadeiro processo de educação de *“mão-dupla”*.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar as representações sociais de idosos, em relação ao processo do envelhecimento e a sua participação em atividades, oferecidas por uma Universidade Aberta para a Terceira Idade – UnATI/UERJ, revestiu-se de elevado significado para mim como pesquisador.

No desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, tornou-se claro ser de fundamental importância para o pesquisador sua identificação com o tema a que se propõe desenvolver. Sem dúvida que o caráter metodológico e técnico da pesquisa é imprescindível, mas não se completa, sem que haja interação entre pesquisador e o sujeito ou tema pesquisado.

Tecnicamente, este trabalho entra na sua fase final. É óbvio que o tema e a identificação com ele não se esgotam aqui, mesmo porque a questão da velhice, em especial a *educação permanente para terceira idade*, constitui um campo ainda bastante vasto para ser investigado. Por isso, espero estar contribuindo para futuros pesquisadores, interessados em abordar questões relacionadas à educação na velhice no Brasil, e apresentar possíveis alternativas em busca de soluções.

Trilhar esse caminho da investigação científica não é tarefa fácil. Uma dificuldade está na escassez de bibliografia sobre o tema, já que a maior parte das publicações encontradas abrange mais o campo da *Geriatria* do que o da *educação gerontológica*. Por outro lado, o final dos anos 90 indicou um crescimento significativo de publicações sobre os processos sociais do envelhecimento. Mesmo assim, estudos sobre uma educação para a terceira idade ainda não acompanham esse crescimento.

As obras que deram sustentação ao meu trabalho são referências para o desenvolvimento de estudos similares a este proposto por mim. A obra de Simone de Beauvoir (1990) abrange conhecimentos amplos sobre a velhice. Sua linguagem é objetiva, pois, como já apontei, a autora alerta para o drama da velhice e propõe

desfazer a farsa que envolve esse problema. As palavras de Norberto Bobbio (1997) também são um alerta:

“(...)como combinar o avanço tecnológico no campo da medicina, que nos permite viver mais, com as discrepâncias sociais em um mundo que exclui os velhos do meio social por considera-los improdutivos? Nem tanto nos deixam viver, quanto nos impedem de morrer.” (Bobbio, 1997.p.25).

Por isso, cultivar a memória constitui um trunfo para as pessoas idosas. As lembranças as mantêm vivas, no sentido mais amplo do termo. Como diz Ecléa Bosi (1999) lembrar: “(...) não é viver, é refazer, reconstruir, repensar. Esse processo é artesanal, próprio de um universo único.” (Bosi, 1999.p.45).

Assim a questão da memória é necessária e vital nos currículos das universidades abertas para a terceira idade, já que é um elemento de primeira grandeza da educação e da cultura dos povos, na qual cada um de nós tem nela guardadas as nossas lembranças.

Portanto, qual o significado de projetos de educação para a terceira idade na reconstrução da memória individual da pessoa idosa? Especificamente, o ingresso de muitos idosos, no projeto de educação da UnATI/UERJ, tem despertado nesses satisfação, auto-estima, senso de controle pessoal, e um repensar de sua história de vida.

É neste universo, oferecido pela UnATI/UERJ, que procurei observar, ouvir, analisar, registrar, aprender e preservar as narrativas dos idosos. Suas participações neste estudo lhes conferem a condição de sujeitos, co-autores, pois, das suas vozes identifiquei o modo como associam a velhice à experiência, aos conhecimentos acumulados e a melhor idade para se viver.

Pretendi esclarecer a formulação dos novos termos, noções ou conceitos vinculados ao processo do envelhecimento, buscando entender um pouco as nuances das representações sociais da velhice imposta pela cultura dos povos, à qual está presente hoje o cidadão idoso.

E foi no convívio com idosos da UnATI/UERJ e no trabalho de campo, durante 04 meses, freqüentando as oficinas de *Orientação Postural, Yoga, Inglês, Informática e Oficina da Memória* que me permitiu confirmar a importância do projeto de educação permanente dessa Instituição. Constatam-se pelos próprios relatos que projetos dessa natureza realmente despertam satisfação, sociabilidade, auto-estima, o repensar de sua história pessoal, a vida em grupos de terceira idade.

O deslocamento do espaço da solidão e do abandono para o espaço da vida coletiva confere ao idoso a condição de sujeito da sua própria história, da sua própria vida, e não mais uma mera conveniência ou inconveniência dos adultos, que faz pesar sobre estes os decoros de ordem moral, que, não raras vezes, são bastante hipócritas.

Foi pesquisada uma pequena parte do todo, mas outros projetos semelhantes ao projeto de educação permanente, oferecido pela UnATI/UERJ, existentes pelo Brasil e em outros países, permitem concluir que movimentos como esses abrem caminhos e apontam soluções possíveis para o drama da velhice no nosso país.

Hoje, a UnATI/UERJ se constitui em uma das principais referências, no que tange ao envelhecimento humano. O número de instituições e pesquisadores que a procuram em busca de informação e possibilidade de trabalho cooperativo atesta o reconhecimento nacional do projeto.

Estruturada como uma micro universidade temática, a partir do tríptico, Ensino, Pesquisa e Extensão, a UnATI/UERJ já comprovou sua capacidade na área do envelhecimento humano, como pode ser observado no estudo apresentado, mas não resta dúvida de que ainda tem muito a oferecer aos idosos e à comunidade científica.

Conforme já apontado inicialmente, vários determinantes, demográficos, culturais e econômicos confluem para que a questão do idoso seja extremamente importante para a sociedade contemporânea como um todo, e, diante disso, em particular, as universidades podem oferecer, dentro da concepção de micro universidades temáticas, como as UnATIs, descritas genericamente nessa pesquisa, como um

campo de experimentação e assistência integralmente voltadas aos desafios da terceira idade.

Sob outro ângulo, algumas vezes, sem qualquer indagação de minha parte, espontaneamente, emergiu do discurso dos idosos o antes: solidão, doença, depressão, e o depois: convívio agradável, alegria, lazer e a descoberta de potencial inexplorado até então.

Foi animador e estimulante, por exemplo, acompanhar a emoção com que os participantes da pesquisa expressaram essa mudança, e, além disso, constatar os resultados de sua produção que, em certos casos, têm-se materializado em publicações, exposições, apresentações artísticas, ou por outras formas não tão visíveis, mas igualmente importantes.

Num plano mais geral através das questões ligadas à infância, educação, casamento, família, solidão, velhice, busquei identificar a visão de mundo de idosos da UnATI/UERJ, a maneira como elaboram as concepções que têm de si mesmos e da sociedade, refletindo seu estilo moral e estético, e principalmente o significado que tem a educação em suas vidas.

A importância da identificação da visão de mundo destes idosos com os quais convivi reside no fato de que, através dela, podemos conhecê-los por eles mesmos, pois, é para eles que os projetos de educação permanente estão sendo destinados.

As narrativas dos idosos da UnATI/UERJ constituem uma pequena parcela do que significa para eles o convívio em sala de aula e a participação na coletividade. As representações que fazem da educação estão muito fortemente presentes no imaginário social, como a realização do sonho que se realiza e da maior glória da vida, como diz Dona Zilda:

“(...)Os pontos positivos que vejo aqui na UnATI são o aprendizado e as amizades, e aqui eu tive a possibilidade de mostrar pra mim que eu posso, eu estou restaurando em mim um potencial, despertou em mim um desejo pela vida. Mudou tudo na minha vida, agora tenho uma nova perspectiva, foram abertos novos horizontes, agora eu tenho até prazer em me arrumar para sair de casa porque sei que vou encontrar com meus amigos. (...)As pessoas procuram a UnATI porque

querem mesmo depois de aposentados dar continuidade aos estudos, fazer o que não conseguiram antes, podem se atualizar para o que o mercado e a vida social querem de nós. Eu sempre falo para as pessoas sobre a UnATI, no ônibus sempre que tenho oportunidade eu falo, já trouxe várias pessoas para cá. Da mesma maneira que a UnATI fez bem pra mim pode fazer para outras pessoas que se sentem sozinhas, desprezadas pelos filhos, netos, pela família.”

Finalmente, considero que num contexto social excludente, vitimizador e discriminatório em relação às minorias, no qual se inserem de certo os idosos, seria ingênuo imaginar que qualquer instituição, programa, projeto ou atividade resuma a grande e espetacular alternativa de solução.

Por isto, percebo as UnATIs como uma possibilidade que se encaminha de forma crítica e coerente com os pressupostos de que os idosos são também sujeitos de direitos e sob uma orientação progressista fecunda.

A experiência da UnATI/UERJ com uma proposta de educação permanente para o cidadão idoso tem sido encorajadora, como se depreende pela própria observação de seus participantes, porém, os diretamente beneficiados ainda são uma fração relativamente restrita dos usuários potenciais.

Obviamente, porém, será preciso trabalhar articuladamente com outras instituições e instâncias da sociedade, buscando formular e desenvolver um processo coletivo de mudanças sociais, em cujo contexto estará situada a reorientação ao tratamento da problemática do idoso.

Como órgão de uma universidade pública, a UnATI/UERJ está pronta para avançar esse processo, gerando conhecimento e treinando recursos humanos para estender os benefícios dessas práticas ao maior número possível de cidadãos da terceira idade.

Concluo que os desafios serão imensos, mas sua superação é requisito para que saiamos do plano das intenções e alcancemos um consistente e vigoroso encaminhamento de soluções para a plena e justa inserção do idoso na sociedade da qual ele ainda pode muito contribuir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli E. A.. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papyrus, 1995.

ALVES, André Moraes. *A Dama e o Cavalheiro*. Rio de Janeiro: Salinas, 1998.

ASSIS, Darnício de. Trabalho social com idosos no SESC de São Paulo, realizações e perspectivas. *Cadernos da Terceira Idade*. São Paulo: SESC, 1989.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. Clubes para pessoas idosas: nascimento de uma nova força social. *Cadernos de Lazer*, São Paulo: SESC, n. 3, 1986.

_____. Seminário de estudos sobre a terceira idade. *Cadernos da Terceira Idade*. São Paulo: SESC, n. 3-a, p. 1-52, 1989a.

_____. Seminário de estudos sobre a terceira idade: 2ª parte. *Cadernos da Terceira Idade*. São Paulo: SESC, n. 3-b, p. 1-54, 1989b.

_____. Lazer e aposentadoria: aspectos conceituais. *Cadernos da Terceira Idade*. São Paulo: SESC, n. 5, p. 7-10, 1989.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Testemunho de Vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: BARROS, M. M. L. *Velhice ou terceira idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BEAUVOIR, Simone. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERMAN, Phillip L. *A Coragem de Envelhecer*. São Paulo: Editora Gente. 1989.

BENJAMIM, Walter. *O narrador*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOTH, Agostinho. *Gerontologia: educação e longevidade*. Passo Fundo, RS: Imperial, 1999.

BOBBIO, Norberto. *O Tempo da memória – De senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOSI, Ecléa (org), CHAUÌ, Marilena. *Memória e Sociedade – Lembrança de Velhos*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *Pierre Bourdieu*. In: ORTIZ, R. (org.). *O campo científico*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. Ministério da Previdência e Assistência Social. *Plano de Ação Governamental Integrado para o Desenvolvimento da Política Nacional do Idoso*. Brasília: Secretaria de Assistência Social, 1996.

CALDAS, Célia Pereira. *A produção social da velhice*. Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 1992.

CAMARANO, Ana Amélia. *Muito Além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: Ipea, 1998.

CAMARGO, Kenneth & VERAS, Renato. Idosos e universidade: parceria para qualidade de vida. In: VERAS, R. (org.). *Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

CANÔAS, Cilene S. *A condição humana do velho*. São Paulo: Cortez, 1985.

COHEN, Lawrence. Não há velhice na Índia: os usos da Gerontologia. In: DEBERT, G. G. *Antropologia e envelhecimento*. Campinas: UNICAMP/IFCH, 1994.

COLLET, Heloisa Gouvêa. *Educação permanente: uma abordagem metodológica*. Rio de Janeiro: Sesc, 1976.

CUNHA, Raquel Vieira da. Introdução. In: *Envelhecimento e Gerontologia*. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, 1976.

CORAL, Davi Alejandro Plaza. *Em busca de práticas de educação permanente para a terceira idade*. Curitiba: UFPR.

_____. Educação permanente como perspectiva da integração social do idoso. Cadernos da Terceira Idade. São Paulo: SESC, n. 6, 1980.

DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e representações sobre a velhice. Rio de Janeiro: *Ciência Hoje*, 1988.

_____. BARROS, Myrian Moraes Lins de. (org.) *Velhice ou terceira idade*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

_____. *Família, classe social e etnicidade: um balanço da bibliografia sobre a experiência de envelhecimento*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

_____. *O discurso gerontológico e as novas imagens do envelhecimento*. Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: DEBERT, G. G. *Antropologia e envelhecimento*. Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. (1994b), Gênero e envelhecimento. Estudos Feministas. Rio de Janeiro, UFRJ, v. 2, n. 3, p. 3-51, 1994.

_____. & SIMÕES, Júlio de Assis. A aposentadoria e a invenção da terceira idade. In: DEBERT, G. G. *Antropologia e envelhecimento*. Campinas: UNICAMP, 1994.

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir* – 2ª Edição. São Paulo: Cortez Brasília. Mec. Unesco, 1999.

DRAIBE, Sônia. O welfare-state no Brasil: características e perspectivas. *Ciências Sociais Hoje*, Vértice/ANPOCS, p. 29-61, 1989.

DUARTE, Luís Fernando Dias. *A pesquisa em Ciências Sociais e um fantasma psicológico: religião e sociedade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

EHLERS, Clarice. *Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

FEATHERSTONE, Mike. O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento. In: DEBERT, G. G. (org.). *Antropologia e velhice*. Campinas: UNICAMP, 1994

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade 1, a vontade de saber*. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. *Microfísica do poder*. 11.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FONSECA, Selma Guimarães. *Ser professor no Brasil: história oral de vida*. Campinas: Papyrus, 1997.

FURTER, Pierre. *Educação permanente e desenvolvimento cultural*. Petrópolis: Vozes, 1975.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo. Atlas, 1980.

FRUTUOSO, Dina Lurdes F. *A terceira idade na universidade: estudo do campo de representação*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

GARCIA, Pedro Benjamin. BRANDÃO, Zaia (org). *A crise dos paradigmas e a educação*. São Paulo: Cortez, 2002.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991b.

GROISMAN, Daniel. Asilo de velhos. In: *Reunião da Associação Brasileira de Antropologia*. Vitória: Puc, 1998.

GUGGENHEIN, Susan & PACE, Norma. Encontros com a Psicologia. In: SAYD, J. (coord.). *Seminário de Preparação para a Aposentadoria*, Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 1996.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. *A ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez, 1986.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Estatística – Revisão 2005*. Rio de Janeiro: IBGE, 2005.

KALACHE, Alexandre. *Palestra no Congresso Internacional de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro, 2005.

KACHAR, Vitória. *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

KNECHTEL, Maria do Rosário. *Educação permanente: da reunião alemã a práticas no Brasil*. 3ª ed. Curitiba: UFPR, 2001.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

LAMPERT, Ernâni. *Educação para a cidadania*. Porto Alegre: Sulina, 1999.

LASCH, Christopher. *Refúgio num mundo sem coração, a família: santuário ou instituição sitiada?* São Paulo: Paz e Terra, 1991.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos: para quê?* São Paulo: Cortez, 2002.

MOTTA, Edith. *Envelhecimento social*. Temas Sociais, Rio de Janeiro: CBCISS, 1996.

NERI, Anita Liberalesso. *Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas: UNICAMP, 1991.

NETTO, Matheus Papaléo. *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu, 2002.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade etnia e estrutura*. São Paulo: Pioneira, 1976.

PATARRA, Neide. *Transição demográfica, novas evidências, velhos desafios*. Revista Brasileira de Estudos Populacionais. Campinas, v. 11, n. 1, p. 27-37, 1994.

PALMA, Lucia Terezinha Saccomori. *Educação permanente e qualidade de vida: indicativo para uma velhice bem sucedida*. Passo Fundo – RS: UPF, 2000.

PEIXOTO, Clarice. *De volta às aulas ou de como ser estudante aos 60 anos*. In: VERAS, R. (org.). *Terceira idade: desafios para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

PEREIRA, Jesus Vazquez. *Educação para a participação*. Cadernos da Terceira Idade. São Paulo, SESC, n. 6, p. 9-12, 1980.

PRATA, Lizete E. *Os programas especificamente destinados à 3ª Idade*. In: *O Idoso Na Grande São Paulo*. São Paulo: SEADE, 1990.

PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos*. São Paulo. Contexto, 1991.

REBOUÇAS, Cleide Maria de Paula. *Programas para terceira idade; alternativa de mudança da imagem social*. Rio de Janeiro: UGF, 1996.

_____. *Influência de grupos de convivência da terceira idade sobre a mudança de atitude de seus membros em relação à velhice*. Rio de Janeiro, UGF, 1996.

RODRIGUES, Lea Carvalho. *Rituais na universidade: uma etnografia da UNICAMP*. Campinas: UNICAMP/IFCH/Centro de Memória, 1997.

SÁ, Janete Liasch Martins de. *A Universidade da Terceira Idade da PUCCAMP: proposta e ação inicial*. Campinas: Universidade Católica de Campinas, 1991.

SALGADO, Marcelo Antônio. Escola aberta para idosos; uma nova abordagem sócio-educativa. *Cadernos da Terceira Idade*. São Paulo: SESC, n. 1, p.19-24, 1977.

_____. *Velhice, uma nova questão social*. São Paulo: SESC, 198a.

_____. *O significado da velhice no Brasil: uma imagem da realidade latino-americana*. *Cadernos da Terceira Idade*. São Paulo, SESC, 1982.

STANO, Rita de Cássia M. T. *Identidade do professor no envelhecimento*. São Paulo: Cortez, 2001.

THOMPOSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TEIXEIRA, Anísio. *Pequena introdução à filosofia da educação*. Rio de Janeiro: Dp&a, 2000.

UNESCO. *Alfabetização como liberdade*. Brasília: Unesco, Mec. 2003.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Universidade Aberta da Terceira Idade. *Instituto da Terceira Idade: proposta de criação*. Rio de Janeiro: UERJ/UnATI, 1994.

VERAS, Renato. *Terceira Idade – Desafios para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

_____. *Terceira Idade – Um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

VERAS, Renato (org), ROSA, Ana Lúcia Cardoso de Santa. *A arte de envelhecer – saúde, trabalho, afetividade e estatuto do idoso*. Rio de Janeiro: Idéias & letras, 2004.

_____. *UnATI/UERJ – 10 anos como modelo integral a população que envelhece*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

_____. *Terceira Idade – Gestão contemporânea em saúde*. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 2002.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *Subjetividade e sociedade, uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

WASHINGTON, Marília Leite. Educação permanente na terceira idade. *Cadernos da Terceira Idade*. São Paulo: SESC, n. 6, p.13-15, 1980.

ANEXOS**Resolução Nº 002/94****Cria o Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Aberta Sobre a Terceira Idade – UnATI/UERJ.**

O Conselho Universitário, no uso da competência que lhe atribui o Artigo 9, parágrafo 3, do Estatuto, com base no processo nº 1882/94, aprovou e eu promulgo a seguinte resolução:

Art. 1º - Fica criado o Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Aberta da Terceira Idade – UnATI, subordinado à Sub-Reitoria de Assuntos Comunitários.

Art. 2º - São objetivos do Núcleo:

- . Realizar pesquisa na área de Geriatria e Gerontologia, dando início a uma tradição de investigação nas questões relativas à terceira idade, bem como promover ensino e assistência à população idosa do Estado do Rio de Janeiro;
- . Promover a interação de várias disciplinas/unidades da UERJ, visando o desenvolvimento de atividades relativas à terceira idade nos módulos: ensino, extensão e pesquisa;
- . Estimular, produzir e divulgar conhecimento científico em Geriatria e Gerontologia, atuando em estreita colaboração com os Centros Setoriais;
- . Apresentar Seminários, Jornadas, Publicações, Documentações ou quaisquer outras modalidades que tornem públicas as informações e os estudos desenvolvidos pelo Núcleo;
- . Contribuir para a elevação dos níveis de saúde física e social de pessoas idosas, propiciando assistência diferenciada à população idosa do Estado do Rio de Janeiro nas áreas de saúde, jurídica ou outras com conteúdo social;
- . Capacitar recursos humanos de várias áreas de conhecimento para lidar com as questões da população idosa;
- . Promover cursos sobre terceira idade em nível de graduação e pós-graduação;
- . Promover cursos para idosos visando à atualização de conhecimentos e maior integração na sociedade contemporânea;
- . Assessorar órgãos governamentais na formulação de políticas específicas para o grupo etário de mais de 60 anos;
- . Prestar consultorias e serviços a órgãos governamentais e não em assuntos que envolvam a Terceira Idade;

. Promover intercâmbio em nível nacional e internacional com outras instituições visando o desenvolvimento dos conhecimentos da Geriatria e Gerontologia, bem como o próprio Núcleo;

. Atrair recursos financeiros e humanos para o pleno desenvolvimento do Núcleo;

. Constituir-se em um espaço qualificado onde se desenvolvam atividades de saúde pública, de serviços comunitários, de socioterapia, além de pesquisas e ações comunitárias;

Art. 3º - A Unati funcionará em estreita colaboração com as Unidades Universitárias.

Art. 4º - As atividades relativas à Terceira Idade, ora em desenvolvimento em consonância com os AE-020/Reitoria/92 e AE-016/Reitoria/93, ficam absorvidos pelo Núcleo criado por esta Resolução.

Art. 5º - Os integrantes do Núcleo de Coordenação serão designados pelo Reitor dentre os servidores do quadro da Uerj que possuam habilitação compatível com o desenvolvimento das atividades.

Art 6º - A fim de atender à estrutura da Unati, ficam criados os seguintes Cargos em Comissão e Função Gratificada:

1. Diretor do Núcleo – Símbolo CC-07
2. Coordenador Técnico – Símbolo CC-09
3. Chefe de Secretaria – Símbolo FG-01

1º Um Conselho Acadêmico, de natureza consultiva, constituído por um representante de cada uma das Sub-Reitorias, um representante de cada um dos Centros Setoriais, designados pelo Reitor, e por um representante dos usuários da Unati, todos exercendo suas atribuições sem ônus para a Universidade, coordenará as atividades acadêmicas do Núcleo.

2º O Conselho de que trata o parágrafo precedente será presidido pelo Coordenador Técnico de que trata o caput deste artigo.

Art. 7º - Esta Resolução entra em vigor nesta data, revogadas as disposições em contrário.

UERJ, 26 de abril de 1994.

Hésio Cordeiro
Reitor

Estatuto do Idoso

Lei Nº 10.741, De 1º De Outubro De 2003.

Mensagem de veto e vigência

Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Título I

Disposições Preliminares

Art. 1º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Parágrafo único. A garantia de prioridade compreende:

I – atendimento preferencial imediato e individualizado junto aos órgãos públicos e privados prestadores de serviços à população;

II – preferência na formulação e na execução de políticas sociais públicas específicas;

III – destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção ao idoso;

IV – viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso com as demais gerações;

V – priorização do atendimento do idoso por sua própria família, em detrimento do atendimento asilar, exceto dos que não a possuam ou careçam de condições de manutenção da própria sobrevivência;

VI – capacitação e reciclagem dos recursos humanos nas áreas de geriatria e gerontologia e na prestação de serviços aos idosos;

VII – estabelecimento de mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais de envelhecimento;

VIII – garantia de acesso à rede de serviços de saúde e de assistência social locais.

Art. 4º Nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma da lei.

§ 1º É dever de todos prevenir a ameaça ou violação aos direitos do idoso.

§ 2º As obrigações previstas nesta Lei não excluem da prevenção outras decorrentes dos princípios por ela adotados.

Art. 5º A inobservância das normas de prevenção importará em responsabilidade à pessoa física ou jurídica nos termos da lei.

Art. 6º Todo cidadão tem o dever de comunicar à autoridade competente qualquer forma de violação a esta Lei que tenha testemunhado ou de que tenha conhecimento.

Art. 7o Os Conselhos Nacional, Estaduais, do Distrito Federal e Municipais do Idoso, previstos na Lei no 8.842, de 4 de janeiro de 1994, zelarão pelo cumprimento dos direitos do idoso, definidos nesta Lei.

. Título II

Dos Direitos Fundamentais

CAPÍTULO I

Do Direito à Vida

Art. 8o O envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social, nos termos desta Lei e da legislação vigente.

Art. 9o É obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade.

CAPÍTULO II

Do Direito à Liberdade, ao Respeito e à Dignidade

Art. 10. É obrigação do Estado e da sociedade, assegurar à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição e nas leis.

§ 1o O direito à liberdade compreende, entre outros, os seguintes aspectos:

I – faculdade de ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;

II – opinião e expressão;

III – crença e culto religioso;

IV – prática de esportes e de diversões;

V – participação na vida familiar e comunitária;

VI – participação na vida política, na forma da lei;

VII – faculdade de buscar refúgio, auxílio e orientação.

§ 2o O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, de valores, idéias e crenças, dos espaços e dos objetos pessoais.

§ 3o É dever de todos zelar pela dignidade do idoso, colocando-o a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

CAPÍTULO III

Dos Alimentos

Art. 11. Os alimentos serão prestados ao idoso na forma da lei civil.

Art. 12. A obrigação alimentar é solidária, podendo o idoso optar entre os prestadores.

Art. 13. As transações relativas a alimentos poderão ser celebradas perante o Promotor de Justiça, que as referendará, e passarão a ter efeito de título executivo extrajudicial nos termos da lei processual civil.

Art. 14. Se o idoso ou seus familiares não possuírem condições econômicas de prover o seu sustento, impõe-se ao Poder Público esse provimento, no âmbito da assistência social.

CAPÍTULO IV

Do Direito à Saúde

Art. 15. É assegurada a atenção integral à saúde do idoso, por intermédio do Sistema Único de Saúde – SUS, garantindo-lhe o acesso universal e igualitário, em conjunto articulado e contínuo das ações e serviços, para a prevenção, promoção, proteção e recuperação da saúde, incluindo a atenção especial às doenças que afetam preferencialmente os idosos.

§ 1º A prevenção e a manutenção da saúde do idoso serão efetivadas por meio de:

I – cadastramento da população idosa em base territorial;

II – atendimento geriátrico e gerontológico em ambulatórios;

III – unidades geriátricas de referência, com pessoal especializado nas áreas de geriatria e gerontologia social;

IV – atendimento domiciliar, incluindo a internação, para a população que dele necessitar e esteja impossibilitada de se locomover, inclusive para idosos abrigados e acolhidos por instituições públicas, filantrópicas ou sem fins lucrativos e eventualmente conveniadas com o Poder Público, nos meios urbano e rural;

V – reabilitação orientada pela geriatria e gerontologia, para redução das seqüelas decorrentes do agravo da saúde.

§ 2º Incumbe ao Poder Público fornecer aos idosos, gratuitamente, medicamentos, especialmente os de uso continuado, assim como próteses, órteses e outros recursos relativos ao tratamento, habilitação ou reabilitação.

§ 3º É vedada a discriminação do idoso nos planos de saúde pela cobrança de valores diferenciados em razão da idade.

§ 4º Os idosos portadores de deficiência ou com limitação incapacitante terão atendimento especializado, nos termos da lei.

Art. 16. Ao idoso internado ou em observação é assegurado o direito a acompanhante, devendo o órgão de saúde proporcionar as condições adequadas para a sua permanência em tempo integral, segundo o critério médico.

Parágrafo único. Caberá ao profissional de saúde responsável pelo tratamento conceder autorização para o acompanhamento do idoso ou, no caso de impossibilidade, justificá-la por escrito.

Art. 17. Ao idoso que esteja no domínio de suas faculdades mentais é assegurado o direito de optar pelo tratamento de saúde que lhe for reputado mais favorável.

Parágrafo único. Não estando o idoso em condições de proceder à opção, esta será feita:

I – pelo curador, quando o idoso for interditado;

II – pelos familiares, quando o idoso não tiver curador ou este não puder ser contactado em tempo hábil;

III – pelo médico, quando ocorrer iminente risco de vida e não houver tempo hábil para consulta a curador ou familiar;

IV – pelo próprio médico, quando não houver curador ou familiar conhecido, caso em que deverá comunicar o fato ao Ministério Público.

Art. 18. As instituições de saúde devem atender aos critérios mínimos para o atendimento às necessidades do idoso, promovendo o treinamento e a capacitação dos profissionais, assim como orientação a cuidadores familiares e grupos de auto-ajuda.

Art. 19. Os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra idoso serão obrigatoriamente comunicados pelos profissionais de saúde a quaisquer dos seguintes órgãos:

I – autoridade policial;

- II – Ministério Público;
- III – Conselho Municipal do Idoso;
- IV – Conselho Estadual do Idoso;
- V – Conselho Nacional do Idoso.

CAPÍTULO V

Da Educação, Cultura, Esporte e Lazer

Art. 20. O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.

Art. 21. O Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

§ 1o Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna.

§ 2o Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais.

Art. 22. Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria.

Art. 23. A participação dos idosos em atividades culturais e de lazer será proporcionada mediante descontos de pelo menos 50% (cinquenta por cento) nos ingressos para eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer, bem como o acesso preferencial aos respectivos locais.

Art. 24. Os meios de comunicação manterão espaços ou horários especiais voltados aos idosos, com finalidade informativa, educativa, artística e cultural, e ao público sobre o processo de envelhecimento.

Art. 25. O Poder Público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual.

CAPÍTULO VI

Da Profissionalização e do Trabalho

Art. 26. O idoso tem direito ao exercício de atividade profissional, respeitadas suas condições físicas, intelectuais e psíquicas.

Art. 27. Na admissão do idoso em qualquer trabalho ou emprego, é vedada a discriminação e a fixação de limite máximo de idade, inclusive para concursos, ressalvados os casos em que a natureza do cargo o exigir.

Parágrafo único. O primeiro critério de desempate em concurso público será a idade, dando-se preferência ao de idade mais elevada.

Art. 28. O Poder Público criará e estimulará programas de:

I – profissionalização especializada para os idosos, aproveitando seus potenciais e habilidades para atividades regulares e remuneradas;

II – preparação dos trabalhadores para a aposentadoria, com antecedência mínima de 1 (um) ano, por meio de estímulo a novos projetos sociais, conforme seus interesses, e de esclarecimento sobre os direitos sociais e de cidadania;

III – estímulo às empresas privadas para admissão de idosos ao trabalho.

CAPÍTULO VII

Da Previdência Social

Art. 29. Os benefícios de aposentadoria e pensão do Regime Geral da Previdência Social observarão, na sua concessão, critérios de cálculo que preservem o valor real dos salários sobre os quais incidiram contribuição, nos termos da legislação vigente.

Parágrafo único. Os valores dos benefícios em manutenção serão reajustados na mesma data de reajuste do salário-mínimo, pro rata, de acordo com suas respectivas datas de início ou do seu último reajustamento, com base em percentual definido em regulamento, observados os critérios estabelecidos pela Lei no 8.213, de 24 de julho de 1991.

Art. 30. A perda da condição de segurado não será considerada para a concessão da aposentadoria por idade, desde que a pessoa conte com, no mínimo, o tempo de contribuição correspondente ao exigido para efeito de carência na data de requerimento do benefício.

Parágrafo único. O cálculo do valor do benefício previsto no caput observará o disposto no caput e § 2o do art. 3o da Lei no 9.876, de 26 de novembro de 1999, ou, não havendo salários-de-contribuição recolhidos a partir da competência de julho de 1994, o disposto no art. 35 da Lei no 8.213, de 1991.

Art. 31. O pagamento de parcelas relativas a benefícios, efetuado com atraso por responsabilidade da Previdência Social, será atualizado pelo mesmo índice utilizado para os reajustamentos dos benefícios do Regime Geral de Previdência Social, verificado no período compreendido entre o mês que deveria ter sido pago e o mês do efetivo pagamento.

Art. 32. O Dia Mundial do Trabalho, 1o de Maio, é a data-base dos aposentados e pensionistas.

CAPÍTULO VIII

Da Assistência Social

Art. 33. A assistência social aos idosos será prestada, de forma articulada, conforme os princípios e diretrizes previstos na Lei Orgânica da Assistência Social, na Política Nacional do Idoso, no Sistema Único de Saúde e demais normas pertinentes.

Art. 34. Aos idosos, a partir de 65 (sessenta e cinco) anos, que não possuam meios para prover sua subsistência, nem de tê-la provida por sua família, é assegurado o benefício mensal de 1 (um) salário-mínimo, nos termos da Lei Orgânica da Assistência Social – Loas.

Parágrafo único. O benefício já concedido a qualquer membro da família nos termos do caput não será computado para os fins do cálculo da renda familiar per capita a que se refere a Loas.

Art. 35. Todas as entidades de longa permanência, ou casa-lar, são obrigadas a firmar contrato de prestação de serviços com a pessoa idosa abrigada.

§ 1o No caso de entidades filantrópicas, ou casa-lar, é facultada a cobrança de participação do idoso no custeio da entidade.

§ 2o O Conselho Municipal do Idoso ou o Conselho Municipal da Assistência Social estabelecerá a forma de participação prevista no § 1o, que não poderá exceder a 70% (setenta por cento) de qualquer benefício previdenciário ou de assistência social percebido pelo idoso.

§ 3o Se a pessoa idosa for incapaz, caberá a seu representante legal firmar o contrato a que se refere o caput deste artigo.

Art. 36. O acolhimento de idosos em situação de risco social, por adulto ou núcleo familiar, caracteriza a dependência econômica, para os efeitos legais.

CAPÍTULO IX

Da Habitação

Art. 37. O idoso tem direito a moradia digna, no seio da família natural ou substituta, ou desacompanhado de seus familiares, quando assim o desejar, ou, ainda, em instituição pública ou privada.

§ 1o A assistência integral na modalidade de entidade de longa permanência será prestada quando verificada inexistência de grupo familiar, casa-lar, abandono ou carência de recursos financeiros próprios ou da família.

§ 2o Toda instituição dedicada ao atendimento ao idoso fica obrigada a manter identificação externa visível, sob pena de interdição, além de atender toda a legislação pertinente.

§ 3o As instituições que abrigarem idosos são obrigadas a manter padrões de habitação compatíveis com as necessidades deles, bem como provê-los com alimentação regular e higiene indispensáveis às normas sanitárias e com estas condizentes, sob as penas da lei.

Art. 38. Nos programas habitacionais, públicos ou subsidiados com recursos públicos, o idoso goza de prioridade na aquisição de imóvel para moradia própria, observado o seguinte:

I – reserva de 3% (três por cento) das unidades residenciais para atendimento aos idosos;

II – implantação de equipamentos urbanos comunitários voltados ao idoso;

III – eliminação de barreiras arquitetônicas e urbanísticas, para garantia de acessibilidade ao idoso;

IV – critérios de financiamento compatíveis com os rendimentos de aposentadoria e pensão.

CAPÍTULO X

Do Transporte

Art. 39. Aos maiores de 65 (sessenta e cinco) anos fica assegurada a gratuidade dos transportes coletivos públicos urbanos e semi-urbanos, exceto nos serviços seletivos e especiais, quando prestados paralelamente aos serviços regulares.

§ 1o Para ter acesso à gratuidade, basta que o idoso apresente qualquer documento pessoal que faça prova de sua idade.

§ 2o Nos veículos de transporte coletivo de que trata este artigo, serão reservados 10% (dez por cento) dos assentos para os idosos, devidamente identificados com a placa de reservado preferencialmente para idosos.

§ 3o No caso das pessoas compreendidas na faixa etária entre 60 (sessenta) e 65 (sessenta e cinco) anos, ficará a critério da legislação local dispor sobre as condições para exercício da gratuidade nos meios de transporte previstos no caput deste artigo.

Art. 40. No sistema de transporte coletivo interestadual observar-se-á, nos termos da legislação específica:

I – a reserva de 2 (duas) vagas gratuitas por veículo para idosos com renda igual ou inferior a 2 (dois) salários-mínimos;

II – desconto de 50% (cinquenta por cento), no mínimo, no valor das passagens, para os idosos que excederem as vagas gratuitas, com renda igual ou inferior a 2 (dois) salários-mínimos.

Parágrafo único. Caberá aos órgãos competentes definir os mecanismos e os critérios para o exercício dos direitos previstos nos incisos I e II.

Art. 41. É assegurada a reserva, para os idosos, nos termos da lei local, de 5% (cinco por cento) das vagas nos estacionamentos públicos e privados, as quais deverão ser posicionadas de forma a garantir a melhor comodidade ao idoso.

Art. 42. É assegurada a prioridade do idoso no embarque no sistema de transporte coletivo.

Título III

Das Medidas de Proteção

CAPÍTULO I

Das Disposições Gerais

Art. 43. As medidas de proteção ao idoso são aplicáveis sempre que os direitos reconhecidos nesta Lei forem ameaçados ou violados:

- I – por ação ou omissão da sociedade ou do Estado;
- II – por falta, omissão ou abuso da família, curador ou entidade de atendimento;
- III – em razão de sua condição pessoal.

CAPÍTULO II

Das Medidas Específicas de Proteção

Art. 44. As medidas de proteção ao idoso previstas nesta Lei poderão ser aplicadas, isolada ou cumulativamente, e levarão em conta os fins sociais a que se destinam e o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.

Art. 45. Verificada qualquer das hipóteses previstas no art. 43, o Ministério Público ou o Poder Judiciário, a requerimento daquele, poderá determinar, dentre outras, as seguintes medidas:

- I – encaminhamento à família ou curador, mediante termo de responsabilidade;
- II – orientação, apoio e acompanhamento temporários;
- III – requisição para tratamento de sua saúde, em regime ambulatorial, hospitalar ou domiciliar;
- IV – inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a usuários dependentes de drogas lícitas ou ilícitas, ao próprio idoso ou à pessoa de sua convivência que lhe cause perturbação;
- V – abrigo em entidade;
- VI – abrigo temporário.

Título IV

Da Política de Atendimento ao Idoso

CAPÍTULO I

Disposições Gerais

Art. 46. A política de atendimento ao idoso far-se-á por meio do conjunto articulado de ações governamentais e não-governamentais da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

Art. 47. São linhas de ação da política de atendimento:

- I – políticas sociais básicas, previstas na Lei no 8.842, de 4 de janeiro de 1994;
- II – políticas e programas de assistência social, em caráter supletivo, para aqueles que necessitarem;
- III – serviços especiais de prevenção e atendimento às vítimas de negligência, maus-tratos, exploração, abuso, crueldade e opressão;

- IV – serviço de identificação e localização de parentes ou responsáveis por idosos abandonados em hospitais e instituições de longa permanência;
- V – proteção jurídico-social por entidades de defesa dos direitos dos idosos;
- VI – mobilização da opinião pública no sentido da participação dos diversos segmentos da sociedade no atendimento do idoso.

CAPÍTULO II

Das Entidades de Atendimento ao Idoso

Art. 48. As entidades de atendimento são responsáveis pela manutenção das próprias unidades, observadas as normas de planejamento e execução emanadas do órgão competente da Política Nacional do Idoso, conforme a Lei no 8.842, de 1994.

Parágrafo único. As entidades governamentais e não-governamentais de assistência ao idoso ficam sujeitas à inscrição de seus programas, junto ao órgão competente da Vigilância Sanitária e Conselho Municipal da Pessoa Idosa, e em sua falta, junto ao Conselho Estadual ou Nacional da Pessoa Idosa, especificando os regimes de atendimento, observados os seguintes requisitos:

- I – oferecer instalações físicas em condições adequadas de habitabilidade, higiene, salubridade e segurança;
- II – apresentar objetivos estatutários e plano de trabalho compatíveis com os princípios desta Lei;
- III – estar regularmente constituída;
- IV – demonstrar a idoneidade de seus dirigentes.

Art. 49. As entidades que desenvolvam programas de institucionalização de longa permanência adotarão os seguintes princípios:

- I – preservação dos vínculos familiares;
- II – atendimento personalizado e em pequenos grupos;
- III – manutenção do idoso na mesma instituição, salvo em caso de força maior;
- IV – participação do idoso nas atividades comunitárias, de caráter interno e externo;
- V – observância dos direitos e garantias dos idosos;
- VI – preservação da identidade do idoso e oferecimento de ambiente de respeito e dignidade.

Parágrafo único. O dirigente de instituição prestadora de atendimento ao idoso responderá civil e criminalmente pelos atos que praticar em detrimento do idoso, sem prejuízo das sanções administrativas.

Art. 50. Constituem obrigações das entidades de atendimento:

- I – celebrar contrato escrito de prestação de serviço com o idoso, especificando o tipo de atendimento, as obrigações da entidade e prestações decorrentes do contrato, com os respectivos preços, se for o caso;
- II – observar os direitos e as garantias de que são titulares os idosos;
- III – fornecer vestuário adequado, se for pública, e alimentação suficiente;
- IV – oferecer instalações físicas em condições adequadas de habitabilidade;
- V – oferecer atendimento personalizado;
- VI – diligenciar no sentido da preservação dos vínculos familiares;
- VII – oferecer acomodações apropriadas para recebimento de visitas;
- VIII – proporcionar cuidados à saúde, conforme a necessidade do idoso;
- IX – promover atividades educacionais, esportivas, culturais e de lazer;
- X – propiciar assistência religiosa àqueles que desejarem, de acordo com suas crenças;
- XI – proceder a estudo social e pessoal de cada caso;

XII – comunicar à autoridade competente de saúde toda ocorrência de idoso portador de doenças infecto-contagiosas;

XIII – providenciar ou solicitar que o Ministério Público requirite os documentos necessários ao exercício da cidadania àqueles que não os tiverem, na forma da lei;

XIV – fornecer comprovante de depósito dos bens móveis que receberem dos idosos;

XV – manter arquivo de anotações onde constem data e circunstâncias do atendimento, nome do idoso, responsável, parentes, endereços, cidade, relação de seus pertences, bem como o valor de contribuições, e suas alterações, se houver, e demais dados que possibilitem sua identificação e a individualização do atendimento;

XVI – comunicar ao Ministério Público, para as providências cabíveis, a situação de abandono moral ou material por parte dos familiares;

XVII – manter no quadro de pessoal profissionais com formação específica.

Art. 51. As instituições filantrópicas ou sem fins lucrativos prestadoras de serviço ao idoso terão direito à assistência judiciária gratuita.

CAPÍTULO III

Da Fiscalização das Entidades de Atendimento

Art. 52. As entidades governamentais e não-governamentais de atendimento ao idoso serão fiscalizadas pelos Conselhos do Idoso, Ministério Público, Vigilância Sanitária e outros previstos em lei.

Art. 53. O art. 7º da Lei no 8.842, de 1994, passa a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 7º Compete aos Conselhos de que trata o art. 6º desta Lei a supervisão, o acompanhamento, a fiscalização e a avaliação da política nacional do idoso, no âmbito das respectivas instâncias político-administrativas." (NR)

Art. 54. Será dada publicidade das prestações de contas dos recursos públicos e privados recebidos pelas entidades de atendimento.

Art. 55. As entidades de atendimento que descumprirem as determinações desta Lei ficarão sujeitas, sem prejuízo da responsabilidade civil e criminal de seus dirigentes ou prepostos, às seguintes penalidades, observado o devido processo legal:

I – as entidades governamentais:

- a) advertência;
- b) afastamento provisório de seus dirigentes;
- c) afastamento definitivo de seus dirigentes;
- d) fechamento de unidade ou interdição de programa;

II – as entidades não-governamentais:

- a) advertência;
- b) multa;
- c) suspensão parcial ou total do repasse de verbas públicas;
- d) interdição de unidade ou suspensão de programa;
- e) proibição de atendimento a idosos a bem do interesse público.

§ 1º Havendo danos aos idosos abrigados ou qualquer tipo de fraude em relação ao programa, caberá o afastamento provisório dos dirigentes ou a interdição da unidade e a suspensão do programa.

§ 2º A suspensão parcial ou total do repasse de verbas públicas ocorrerá quando verificada a má aplicação ou desvio de finalidade dos recursos.

§ 3º Na ocorrência de infração por entidade de atendimento, que coloque em risco os direitos assegurados nesta Lei, será o fato comunicado ao Ministério Público,

para as providências cabíveis, inclusive para promover a suspensão das atividades ou dissolução da entidade, com a proibição de atendimento a idosos a bem do interesse público, sem prejuízo das providências a serem tomadas pela Vigilância Sanitária.

§ 4o Na aplicação das penalidades, serão consideradas a natureza e a gravidade da infração cometida, os danos que dela provierem para o idoso, as circunstâncias agravantes ou atenuantes e os antecedentes da entidade.

CAPÍTULO IV

Das Infrações Administrativas

Art. 56. Deixar a entidade de atendimento de cumprir as determinações do art. 50 desta Lei:

Pena – multa de R\$ 500,00 (quinhentos reais) a R\$ 3.000,00 (três mil reais), se o fato não for caracterizado como crime, podendo haver a interdição do estabelecimento até que sejam cumpridas as exigências legais.

Parágrafo único. No caso de interdição do estabelecimento de longa permanência, os idosos abrigados serão transferidos para outra instituição, a expensas do estabelecimento interditado, enquanto durar a interdição.

Art. 57. Deixar o profissional de saúde ou o responsável por estabelecimento de saúde ou instituição de longa permanência de comunicar à autoridade competente os casos de crimes contra idoso de que tiver conhecimento:

Pena – multa de R\$ 500,00 (quinhentos reais) a R\$ 3.000,00 (três mil reais), aplicada em dobro no caso de reincidência.

Art. 58. Deixar de cumprir as determinações desta Lei sobre a prioridade no atendimento ao idoso:

Pena – multa de R\$ 500,00 (quinhentos reais) a R\$ 1.000,00 (um mil reais) e multa civil a ser estipulada pelo juiz, conforme o dano sofrido pelo idoso.

CAPÍTULO V

Da Apuração Administrativa de Infração às

Normas de Proteção ao Idoso

Art. 59. Os valores monetários expressos no Capítulo IV serão atualizados anualmente, na forma da lei.

Art. 60. O procedimento para a imposição de penalidade administrativa por infração às normas de proteção ao idoso terá início com requisição do Ministério Público ou auto de infração elaborado por servidor efetivo e assinado, se possível, por duas testemunhas.

§ 1o No procedimento iniciado com o auto de infração poderão ser usadas fórmulas impressas, especificando-se a natureza e as circunstâncias da infração.

§ 2o Sempre que possível, à verificação da infração seguir-se-á a lavratura do auto, ou este será lavrado dentro de 24 (vinte e quatro) horas, por motivo justificado.

Art. 61. O autuado terá prazo de 10 (dez) dias para a apresentação da defesa, contado da data da intimação, que será feita:

I – pelo autuante, no instrumento de autuação, quando for lavrado na presença do infrator;

II – por via postal, com aviso de recebimento.

Art. 62. Havendo risco para a vida ou à saúde do idoso, a autoridade competente aplicará à entidade de atendimento as sanções regulamentares, sem prejuízo da iniciativa e das providências que vierem a ser adotadas pelo Ministério Público ou pelas demais instituições legitimadas para a fiscalização.

Art. 63. Nos casos em que não houver risco para a vida ou a saúde da pessoa idosa abrigada, a autoridade competente aplicará à entidade de atendimento as sanções regulamentares, sem prejuízo da iniciativa e das providências que vierem a ser adotadas pelo Ministério Público ou pelas demais instituições legitimadas para a fiscalização.

CAPÍTULO VI

Da Apuração Judicial de Irregularidades em Entidade de Atendimento

Art. 64. Aplicam-se, subsidiariamente, ao procedimento administrativo de que trata este Capítulo as disposições das Leis nos 6.437, de 20 de agosto de 1977, e 9.784, de 29 de janeiro de 1999.

Art. 65. O procedimento de apuração de irregularidade em entidade governamental e não-governamental de atendimento ao idoso terá início mediante petição fundamentada de pessoa interessada ou iniciativa do Ministério Público.

Art. 66. Havendo motivo grave, poderá a autoridade judiciária, ouvido o Ministério Público, decretar liminarmente o afastamento provisório do dirigente da entidade ou outras medidas que julgar adequadas, para evitar lesão aos direitos do idoso, mediante decisão fundamentada.

Art. 67. O dirigente da entidade será citado para, no prazo de 10 (dez) dias, oferecer resposta escrita, podendo juntar documentos e indicar as provas a produzir.

Art. 68. Apresentada a defesa, o juiz procederá na conformidade do art. 69 ou, se necessário, designará audiência de instrução e julgamento, deliberando sobre a necessidade de produção de outras provas.

§ 1º Salvo manifestação em audiência, as partes e o Ministério Público terão 5 (cinco) dias para oferecer alegações finais, decidindo a autoridade judiciária em igual prazo.

§ 2º Em se tratando de afastamento provisório ou definitivo de dirigente de entidade governamental, a autoridade judiciária oficiará a autoridade administrativa imediatamente superior ao afastado, fixando-lhe prazo de 24 (vinte e quatro) horas para proceder à substituição.

§ 3º Antes de aplicar qualquer das medidas, a autoridade judiciária poderá fixar prazo para a remoção das irregularidades verificadas. Satisfeitas as exigências, o processo será extinto, sem julgamento do mérito.

§ 4º A multa e a advertência serão impostas ao dirigente da entidade ou ao responsável pelo programa de atendimento.

Título V

Do Acesso à Justiça

CAPÍTULO I

Disposições Gerais

Art. 69. Aplica-se, subsidiariamente, às disposições deste Capítulo, o procedimento sumário previsto no Código de Processo Civil, naquilo que não contrarie os prazos previstos nesta Lei.

Art. 70. O Poder Público poderá criar varas especializadas e exclusivas do idoso.

Art. 71. É assegurada prioridade na tramitação dos processos e procedimentos e na execução dos atos e diligências judiciais em que figure como parte ou interveniente pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, em qualquer instância.

§ 1º O interessado na obtenção da prioridade a que alude este artigo, fazendo prova de sua idade, requererá o benefício à autoridade judiciária competente para decidir o

feito, que determinará as providências a serem cumpridas, anotando-se essa circunstância em local visível nos autos do processo.

§ 2o A prioridade não cessará com a morte do beneficiado, estendendo-se em favor do cônjuge supérstite, companheiro ou companheira, com união estável, maior de 60 (sessenta) anos.

§ 3o A prioridade se estende aos processos e procedimentos na Administração Pública,

empresas prestadoras de serviços públicos e instituições financeiras, ao atendimento preferencial junto à Defensoria Pública da União, dos Estados e do Distrito Federal em relação aos Serviços de Assistência Judiciária.

§ 4o Para o atendimento prioritário será garantido ao idoso o fácil acesso aos assentos e caixas, identificados com a destinação a idosos em local visível e caracteres legíveis.

CAPÍTULO II

Do Ministério Público

Art. 72. (VETADO)

Art. 73. As funções do Ministério Público, previstas nesta Lei, serão exercidas nos termos da respectiva Lei Orgânica.

Art. 74. Compete ao Ministério Público:

I – instaurar o inquérito civil e a ação civil pública para a proteção dos direitos e interesses difusos ou coletivos, individuais indisponíveis e individuais homogêneos do idoso;

II – promover e acompanhar as ações de alimentos, de interdição total ou parcial, de designação de curador especial, em circunstâncias que justifiquem a medida e officiar em todos os feitos em que se discutam os direitos de idosos em condições de risco;

III – atuar como substituto processual do idoso em situação de risco, conforme o disposto no art. 43 desta Lei;

IV – promover a revogação de instrumento procuratório do idoso, nas hipóteses previstas no art. 43 desta Lei, quando necessário ou o interesse público justificar;

V – instaurar procedimento administrativo e, para instruí-lo:

a) expedir notificações, colher depoimentos ou esclarecimentos e, em caso de não comparecimento injustificado da pessoa notificada, requisitar condução coercitiva, inclusive pela Polícia Civil ou Militar;

b) requisitar informações, exames, perícias e documentos de autoridades municipais, estaduais e federais, da administração direta e indireta, bem como promover inspeções e diligências investigatórias;

c) requisitar informações e documentos particulares de instituições privadas;

VI – instaurar sindicâncias, requisitar diligências investigatórias e a instauração de inquérito policial, para a apuração de ilícitos ou infrações às normas de proteção ao idoso;

VII – zelar pelo efetivo respeito aos direitos e garantias legais assegurados ao idoso, promovendo as medidas judiciais e extrajudiciais cabíveis;

VIII – inspecionar as entidades públicas e particulares de atendimento e os programas de que trata esta Lei, adotando de pronto as medidas administrativas ou judiciais necessárias à remoção de irregularidades porventura verificadas;

IX – requisitar força policial, bem como a colaboração dos serviços de saúde, educacionais e de assistência social, públicos, para o desempenho de suas atribuições;

X – referendar transações envolvendo interesses e direitos dos idosos previstos nesta Lei.

§ 1º A legitimação do Ministério Público para as ações cíveis previstas neste artigo não impede a de terceiros, nas mesmas hipóteses, segundo dispuser a lei.

§ 2º As atribuições constantes deste artigo não excluem outras, desde que compatíveis com a finalidade e atribuições do Ministério Público.

§ 3º O representante do Ministério Público, no exercício de suas funções, terá livre acesso a toda entidade de atendimento ao idoso.

Art. 75. Nos processos e procedimentos em que não for parte, atuará obrigatoriamente o Ministério Público na defesa dos direitos e interesses de que cuida esta Lei, hipóteses em que terá vista dos autos depois das partes, podendo juntar documentos, requerer diligências e produção de outras provas, usando os recursos cabíveis.

Art. 76. A intimação do Ministério Público, em qualquer caso, será feita pessoalmente.

Art. 77. A falta de intervenção do Ministério Público acarreta a nulidade do feito, que será declarada de ofício pelo juiz ou a requerimento de qualquer interessado.

CAPÍTULO III

Da Proteção Judicial dos Interesses Difusos, Coletivos e Individuais Indisponíveis ou Homogêneos

Art. 78. As manifestações processuais do representante do Ministério Público deverão ser fundamentadas.

Art. 79. Regem-se pelas disposições desta Lei as ações de responsabilidade por ofensa aos direitos assegurados ao idoso, referentes à omissão ou ao oferecimento insatisfatório de:

I – acesso às ações e serviços de saúde;

II – atendimento especializado ao idoso portador de deficiência ou com limitação incapacitante;

III – atendimento especializado ao idoso portador de doença infecto-contagiosa;

IV – serviço de assistência social visando ao amparo do idoso.

Parágrafo único. As hipóteses previstas neste artigo não excluem da proteção judicial outros interesses difusos, coletivos, individuais indisponíveis ou homogêneos, próprios do idoso, protegidos em lei.

Art. 80. As ações previstas neste Capítulo serão propostas no foro do domicílio do idoso, cujo juízo terá competência absoluta para processar a causa, ressalvadas as competências da Justiça Federal e a competência originária dos Tribunais Superiores.

Art. 81. Para as ações cíveis fundadas em interesses difusos, coletivos, individuais indisponíveis ou homogêneos, consideram-se legitimados, concorrentemente:

I – o Ministério Público;

II – a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios;

III – a Ordem dos Advogados do Brasil;

IV – as associações legalmente constituídas há pelo menos 1 (um) ano e que incluam entre os fins institucionais a defesa dos interesses e direitos da pessoa idosa, dispensada a autorização da assembléia, se houver prévia autorização estatutária.

§ 1º Admitir-se-á litisconsórcio facultativo entre os Ministérios Públicos da União e dos Estados na defesa dos interesses e direitos de que cuida esta Lei.

§ 2o Em caso de desistência ou abandono da ação por associação legitimada, o Ministério Público ou outro legitimado deverá assumir a titularidade ativa.

Art. 82. Para defesa dos interesses e direitos protegidos por esta Lei, são admissíveis todas as espécies de ação pertinentes.

Parágrafo único. Contra atos ilegais ou abusivos de autoridade pública ou agente de pessoa jurídica no exercício de atribuições de Poder Público, que lesem direito líquido e certo previsto nesta Lei, caberá ação mandamental, que se regerá pelas normas da lei do mandado de segurança.

Art. 83. Na ação que tenha por objeto o cumprimento de obrigação de fazer ou não-fazer, o juiz concederá a tutela específica da obrigação ou determinará providências que assegurem o resultado prático equivalente ao adimplemento.

§ 1o Sendo relevante o fundamento da demanda e havendo justificado receio de ineficácia do provimento final, é lícito ao juiz conceder a tutela liminarmente ou após justificação prévia, na forma do art. 273 do Código de Processo Civil.

§ 2o O juiz poderá, na hipótese do § 1o ou na sentença, impor multa diária ao réu, independentemente do pedido do autor, se for suficiente ou compatível com a obrigação, fixando prazo razoável para o cumprimento do preceito.

§ 3o A multa só será exigível do réu após o trânsito em julgado da sentença favorável ao autor, mas será devida desde o dia em que se houver configurado.

Art. 84. Os valores das multas previstas nesta Lei reverterão ao Fundo do Idoso, onde houver, ou na falta deste, ao Fundo Municipal de Assistência Social, ficando vinculados ao atendimento ao idoso.

Parágrafo único. As multas não recolhidas até 30 (trinta) dias após o trânsito em julgado da decisão serão exigidas por meio de execução promovida pelo Ministério Público, nos mesmos autos, facultada igual iniciativa aos demais legitimados em caso de inércia daquele.

Art. 85. O juiz poderá conferir efeito suspensivo aos recursos, para evitar dano irreparável à parte.

Art. 86. Transitada em julgado a sentença que impuser condenação ao Poder Público, o juiz determinará a remessa de peças à autoridade competente, para apuração da responsabilidade civil e administrativa do agente a que se atribua a ação ou omissão.

Art. 87. Decorridos 60 (sessenta) dias do trânsito em julgado da sentença condenatória favorável ao idoso sem que o autor lhe promova a execução, deverá fazê-lo o Ministério Público, facultada, igual iniciativa aos demais legitimados, como assistentes ou assumindo o pólo ativo, em caso de inércia desse órgão.

Art. 88. Nas ações de que trata este Capítulo, não haverá adiantamento de custas, emolumentos, honorários periciais e quaisquer outras despesas.

Parágrafo único. Não se imporá sucumbência ao Ministério Público.

Art. 89. Qualquer pessoa poderá, e o servidor deverá, provocar a iniciativa do Ministério Público, prestando-lhe informações sobre os fatos que constituam objeto de ação civil e indicando-lhe os elementos de convicção.

Art. 90. Os agentes públicos em geral, os juízes e tribunais, no exercício de suas funções, quando tiverem conhecimento de fatos que possam configurar crime de ação pública contra idoso ou ensejar a propositura de ação para sua defesa, devem encaminhar as peças pertinentes ao Ministério Público, para as providências cabíveis.

Art. 91. Para instruir a petição inicial, o interessado poderá requerer às autoridades competentes as certidões e informações que julgar necessárias, que serão fornecidas no prazo de 10 (dez) dias.

Art. 92. O Ministério Público poderá instaurar sob sua presidência, inquérito civil, ou requisitar, de qualquer pessoa, organismo público ou particular, certidões, informações, exames ou perícias, no prazo que assinalar, o qual não poderá ser inferior a 10 (dez) dias.

§ 1º Se o órgão do Ministério Público, esgotadas todas as diligências, se convencer da

inexistência de fundamento para a propositura da ação civil ou de peças informativas, determinará o seu arquivamento, fazendo-o fundamentadamente.

§ 2º Os autos do inquérito civil ou as peças de informação arquivados serão remetidos, sob pena de se incorrer em falta grave, no prazo de 3 (três) dias, ao Conselho Superior do Ministério Público ou à Câmara de Coordenação e Revisão do Ministério Público.

§ 3º Até que seja homologado ou rejeitado o arquivamento, pelo Conselho Superior do Ministério Público ou por Câmara de Coordenação e Revisão do Ministério Público, as associações legitimadas poderão apresentar razões escritas ou documentos, que serão juntados ou anexados às peças de informação.

§ 4º Deixando o Conselho Superior ou a Câmara de Coordenação e Revisão do Ministério Público de homologar a promoção de arquivamento, será designado outro membro do Ministério Público para o ajuizamento da ação.

Título VI Dos Crimes

CAPÍTULO I

Disposições Gerais

Art. 93. Aplicam-se subsidiariamente, no que couber, as disposições da Lei no 7.347, de 24 de julho de 1985.

Art. 94. Aos crimes previstos nesta Lei, cuja pena máxima privativa de liberdade não ultrapasse 4 (quatro) anos, aplica-se o procedimento previsto na Lei no 9.099, de 26 de setembro de 1995, e, subsidiariamente, no que couber, as disposições do Código Penal e do Código de Processo Penal.

CAPÍTULO II

Dos Crimes em Espécie

Art. 95. Os crimes definidos nesta Lei são de ação penal pública incondicionada, não se lhes aplicando os arts. 181 e 182 do Código Penal.

Art. 96. Discriminar pessoa idosa, impedindo ou dificultando seu acesso a operações bancárias, aos meios de transporte, ao direito de contratar ou por qualquer outro meio ou instrumento necessário ao exercício da cidadania, por motivo de idade:

Pena – reclusão de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e multa.

§ 1º Na mesma pena incorre quem desdenhar, humilhar, menosprezar ou discriminar pessoa idosa, por qualquer motivo.

§ 2º A pena será aumentada de 1/3 (um terço) se a vítima se encontrar sob os cuidados ou responsabilidade do agente.

Art. 97. Deixar de prestar assistência ao idoso, quando possível fazê-lo sem risco pessoal, em situação de iminente perigo, ou recusar, retardar ou dificultar sua assistência à saúde, sem justa causa, ou não pedir, nesses casos, o socorro de autoridade pública:

Pena – detenção de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e multa.

Parágrafo único. A pena é aumentada de metade, se da omissão resulta lesão corporal de natureza grave, e triplicada, se resulta a morte.

Art. 98. Abandonar o idoso em hospitais, casas de saúde, entidades de longa permanência, ou congêneres, ou não prover suas necessidades básicas, quando obrigado por lei ou mandado:

Pena – detenção de 6 (seis) meses a 3 (três) anos e multa.

Art. 99. Expor a perigo a integridade e a saúde, física ou psíquica, do idoso, submetendo-o a condições desumanas ou degradantes ou privando-o de alimentos e cuidados indispensáveis, quando obrigado a fazê-lo, ou sujeitando-o a trabalho excessivo ou inadequado:

Pena – detenção de 2 (dois) meses a 1 (um) ano e multa.

§ 1º Se do fato resulta lesão corporal de natureza grave:

Pena – reclusão de 1 (um) a 4 (quatro) anos.

§ 2º Se resulta a morte:

Pena – reclusão de 4 (quatro) a 12 (doze) anos.

Art. 100. Constitui crime punível com reclusão de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e multa:

I – obstar o acesso de alguém a qualquer cargo público por motivo de idade;

II – negar a alguém, por motivo de idade, emprego ou trabalho;

III – recusar, retardar ou dificultar atendimento ou deixar de prestar assistência à saúde, sem justa causa, a pessoa idosa;

IV – deixar de cumprir, retardar ou frustrar, sem justo motivo, a execução de ordem judicial expedida na ação civil a que alude esta Lei;

V – recusar, retardar ou omitir dados técnicos indispensáveis à propositura da ação civil objeto desta Lei, quando requisitados pelo Ministério Público.

Art. 101. Deixar de cumprir, retardar ou frustrar, sem justo motivo, a execução de ordem judicial expedida nas ações em que for parte ou interveniente o idoso:

Pena – detenção de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e multa.

Art. 102. Apropriar-se de ou desviar bens, proventos, pensão ou qualquer outro rendimento do idoso, dando-lhes aplicação diversa da de sua finalidade:

Pena – reclusão de 1 (um) a 4 (quatro) anos e multa.

Art. 103. Negar o acolhimento ou a permanência do idoso, como abrigado, por recusa deste em outorgar procuração à entidade de atendimento:

Pena – detenção de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e multa.

Art. 104. Reter o cartão magnético de conta bancária relativa a benefícios, proventos ou pensão do idoso, bem como qualquer outro documento com objetivo de assegurar recebimento ou ressarcimento de dívida:

Pena – detenção de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos e multa.

Art. 105. Exibir ou veicular, por qualquer meio de comunicação, informações ou imagens depreciativas ou injuriosas à pessoa do idoso:

Pena – detenção de 1 (um) a 3 (três) anos e multa.

Art. 106. Induzir pessoa idosa sem discernimento de seus atos a outorgar procuração para fins de administração de bens ou deles dispor livremente:

Pena – reclusão de 2 (dois) a 4 (quatro) anos.

Art. 107. Coagir, de qualquer modo, o idoso a doar, contratar, testar ou outorgar procuração:

Pena – reclusão de 2 (dois) a 5 (cinco) anos.

Art. 108. Lavrar ato notarial que envolva pessoa idosa sem discernimento de seus atos, sem a devida representação legal:

Pena – reclusão de 2 (dois) a 4 (quatro) anos.

Título VII

Disposições Finais e Transitórias

Art. 109. Impedir ou embaraçar ato do representante do Ministério Público ou de qualquer outro agente fiscalizador:

Pena – reclusão de 6 (seis) meses a 1 (um) ano e multa.

Art. 110. O Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940, Código Penal, passa a vigorar com as seguintes alterações:

Contra criança, maior de 60 (sessenta) anos, enfermo ou mulher grávida;

4o No homicídio culposo, a pena é aumentada de 1/3 (um terço), se o crime resulta de inobservância de regra técnica de profissão, arte ou ofício, ou se o agente deixa de prestar imediato socorro à vítima, não procura diminuir as conseqüências do seu ato, ou foge para evitar prisão em flagrante. Sendo doloso o homicídio, a pena é aumentada de 1/3 (um terço) se o crime é praticado contra pessoa menor de 14 (quatorze) ou maior de 60 (sessenta) anos.

Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência:

IV – contra pessoa maior de 60 (sessenta) anos ou portadora de deficiência, exceto no caso de injúria.

Se a vítima é ascendente, descendente, cônjuge do agente ou maior de 60 (sessenta) anos.

1o Se o seqüestro dura mais de 24 (vinte e quatro) horas, se o seqüestrado é menor de 18 (dezoito) ou maior de 60 (sessenta) anos, ou se o crime é cometido por bando ou quadrilha.

Se o crime é praticado contra pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos."

Art. 244. Deixar, sem justa causa, de prover a subsistência do cônjuge, ou de filho menor de 18 (dezoito) anos ou inapto para o trabalho, ou de ascendente inválido ou maior de 60 (sessenta) anos, não lhes proporcionando os recursos necessários ou faltando ao pagamento de pensão alimentícia judicialmente acordada, fixada ou majorada; deixar, sem justa causa, de socorrer descendente ou ascendente, gravemente enfermo

Art. 111. O art. 21 do Decreto-Lei no 3.688, de 3 de outubro de 1941, Lei das Contravenções Penais, passa a vigorar acrescido do seguinte parágrafo único:

Parágrafo único. Aumenta-se a pena de 1/3 (um terço) até a metade se a vítima é maior de 60 (sessenta) anos.

Art. 112. O inciso II do § 4o do art. 1o da Lei no 9.455, de 7 de abril de 1997, passa a vigorar com a seguinte redação:

Se o crime é cometido contra criança, gestante, portador de deficiência, adolescente ou maior de 60 (sessenta) anos;

Art. 113. O inciso III do art. 18 da Lei no 6.368, de 21 de outubro de 1976, passa a vigorar com a seguinte redação:

Se qualquer deles decorrer de associação ou visar a menores de 21 (vinte e um) anos ou a pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos ou a quem tenha, por qualquer causa, diminuída ou suprimida a capacidade de discernimento ou de autodeterminação:

Art. 114. O art. 1o da Lei no 10.048, de 8 de novembro de 2000, passa a vigorar com a seguinte redação:

Art. 1o As pessoas portadoras de deficiência, os idosos com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, as gestantes, as lactantes e as pessoas acompanhadas por crianças de colo terão atendimento prioritário, nos termos desta Lei.

Art. 115. O Orçamento da Seguridade Social destinará ao Fundo Nacional de Assistência Social, até que o Fundo Nacional do Idoso seja criado, os recursos necessários, em cada exercício financeiro, para aplicação em programas e ações relativos ao idoso.

Art. 116. Serão incluídos nos censos demográficos dados relativos à população idosa do País.

Art. 117. O Poder Executivo encaminhará ao Congresso Nacional projeto de lei revendo os critérios de concessão do Benefício de Prestação Continuada previsto na Lei Orgânica da Assistência Social, de forma a garantir que o acesso ao direito seja condizente com o estágio de desenvolvimento sócio-econômico alcançado pelo País.

Art. 118. Esta Lei entra em vigor decorridos 90 (noventa) dias da sua publicação, ressalvado o disposto no caput do art. 36, que vigorará a partir de 1o de janeiro de 2004.

Brasília, 1o de outubro de 2003; 182o da Independência e 115o da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Márcio Thomaz Bastos

Antonio Palocci Filho

Rubem Fonseca Filho

Humberto Sérgio Costa Lima

Guido Mantega

Ricardo José Ribeiro Berzoini

Benedita Souza da Silva Sampaio

Álvaro Augusto Ribeiro Costa